

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E  
URBANISMO**

**GIOVANI BONADIMAN GOLTARA**

**PERCEPÇÃO DA PAISAGEM NOS PASSOS DE ANCHIETA**

**VITÓRIA  
2017**

**GIOVANI BONADIMAN GOLTARA**

**PERCEPÇÃO DA PAISAGEM NOS PASSOS DE ANCHIETA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa Processos Urbanos e Políticas Físico-Territoriais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eneida Maria Souza Mendonça

**VITÓRIA**  
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Setorial do Centro de Artes da Universidade Federal do  
Espírito Santo, ES, Brasil)

Zilda Francisca de Oliveira – CRB-6 ES-000650/0

---

G629p Goltara, Giovani Bonadiman, 1989-  
Percepção da paisagem nos Passos de Anchieta / Giovani  
Bonadiman Goltara. – 2017.  
140 f. : il.

Orientador: Eneida Maria Souza Mendonça.  
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) –  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Paisagens. 2. Percepção. 3. Caminhada. 4. Fotografia. 5.  
Crescimento urbano. 6. Cidades e vilas – História. I. Mendonça,  
Eneida Maria Souza. II. Universidade Federal do Espírito Santo.  
Centro de Artes. III. Título.

CDU: 72

---

## **\_agradecimentos**

À Rosângela e Heliomar, principais responsáveis por minha vontade de seguir adiante, pelo amor e suporte incondicional.

À Carolina, Diogo e Vicente, por serem minha família na capital, pelas orientações informais, e pela inspiração diária; e a Ana, Ronni e Sofia, pelo carinho e companheirismo fraternal.

À Eneida, que mais uma vez me acolheu como orientando e deu seu apoio e seus ensinamentos para que eu traçasse esse percurso, tanto nesta dissertação quanto em estágio em docência, em disciplinas e em outras oportunidades de aprimoramento acadêmico.

Ao Prof. Vladimir Bartalini, pela atenção em seu parecer sobre minha qualificação, e pelas inspirações teóricas em seus textos e traduções.

Ao Prof. Jô Name, que vem acompanhar a evolução de um trabalho do qual faz parte desde a co-orientação no projeto de graduação.

A Milton, pelas orientações, pelas conversas de corredor e pela prontidão em ajudar nas correrias da vida acadêmica.

Ao Prof. Fábio Goveia e à equipe do Labic (Laboratório de Imagem e Cibercultura), pelo apoio fundamental para a realização dos levantamentos de dados para a pesquisa.

À FAPES (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo) pela bolsa de estudos e ao PPGAU em seu corpo docente e funcionários; e aos colegas do NAU (Núcleo de Estudos em Arquitetura e Urbanismo), pelos ensinamentos e trocas de experiências.

Aos queridos amigos que acompanharam e souberam lidar com as intempéries emocionais de um mestrando.

Muito obrigado, :)

Mesmo nos percursos mais breves, deveríamos ir adiante com eterno espírito de aventura, como se nunca tivéssemos de retornar, prontos a devolver, como relíquias, nosso coração embalsamado aos nossos desolados reinos.

Hermann Hesse (1993)

## **\_resumo**

Considerando a paisagem algo de complexa compreensão, este trabalho busca uma leitura do conceito sob a ótica da percepção e da representação. O objetivo é avaliar a percepção da paisagem no movimento da caminhada, em parte do litoral sul-capixaba compreendida pelos Passos de Anchieta. Anualmente, o evento percorre 100 quilômetros de Vitória a Anchieta (ES) em quatro dias, e sua mitologia fundadora se baseia em indícios de que São José de Anchieta o percorria em sua estada na capitania no final do século XVI. A região compreendida apresenta uma mescla de áreas preservadas de restinga, em contraste com diversos tipos de ocupação, e vive em constante conflito de interesses. A base teórica está na paisagem vivida, e busca apresentar a ideia da paisagem como um acontecimento, engendrado pela percepção, e representado pela fotografia. No papel de andarilho em 2016, busquei observar a relação dos participantes com a paisagem, e criar uma caracterização do percurso de forma escrita e visual. Em comparação com a história da constituição da paisagem dos lugares, avaliei-os de forma a indicar possíveis cenários de ocupação futura. Em 2015 realizei entrevistas com andarilhos em paradas da caminhada, buscando avaliar sua percepção por meio da memória falada, e em seguida, análise de fotografias do evento coletadas da rede social *Instagram*, bem como seus dados, e a sequente sistematização e análise visual, com objetivo de ponderar como é representada a paisagem. Existe uma paisagem dos Passos de Anchieta? Sim, formada por elementos naturais característicos do litoral capixaba, juntamente com ocupações litorâneas e a presença irrefutável dos caminhantes. Tal questão fundamental à pesquisa foi respondida pela observação *in loco* e pelo exame de fotografias, o que indicou preferências pela paisagem mista, contrariando, em parte, a ideia inicial de que o interesse na caminhada seria pelos elementos naturais. Entretanto, também existem “momentos de paisagem” que são acontecimentos no espaço e no tempo que definem um “sistema de paisagem” interconectado pelo movimento da caminhada e representados pela fotografia.

**Palavras chave:** percepção da paisagem; caminhar; evolução da paisagem; fotografia; acontecimento.

## **\_abstract**

Considering the landscape something of a complex understanding, this work seeks a reading of the concept under the lens of perception and representation. The objective is to evaluate the perception of the landscape in the movement of the walking, in a part of the south coastline of Espírito Santo (Brazil), covered by the event of Passos de Anchieta. Every year, the event travels 100 kilometers from Vitória to Anchieta in four days, and its founding mythology is based on indications that St. José de Anchieta traveled it in the late 16th century. The region comprises a mixture of preserved areas of *restinga*, in contrast to various types of occupation, and lives in constant conflict of interest. The theoretical basis is in the lived landscape and seeks to present the idea of the landscape as a happening, engendered by perception, and represented by photography. As a walker in 2016, I tried to observe the relation of the participants with the landscape and to create a characterization of the route in written and visual forms. In comparison with the history of the constitution of the landscape of the places, I tried to evaluate them in order to indicate possible scenarios of future occupation. In 2015, I interviewed walkers at walk stops, seeking to evaluate their perception through spoken memory. Then, took place the analysis of photographs of the event collected from the social network Instagram, as well as its data, and the subsequent visual systematization, aiming to consider how they represent the landscape. Is there a landscape of Passos de Anchieta? Yes, formed by natural elements characteristic of the coast of Espírito Santo, along with coastal occupations and the irrefutable presence of walkers. This fundamental question to the research was answered by in situ observation and by photographs, which indicated preferences for the mixed landscape, contradicting, in part, the initial idea that the interest in the walking would be by the natural elements. However, there are also "moments of landscape" that are events in space and time that define a "landscape system" interconnected by the movement of the walking and represented by photography.

**Keywords:** landscape perception; walking; landscape evolution; photography; happening.

## figuras

Figura 1 – Fotografia tomada nos Passos de Anchieta em 2016. ....	16
Figura 2 – Imagem de estudo do Porto de Águas Profundas do Espírito Santo. ....	22
Figura 3 – Imagem aérea do porto de Ubu, Anchieta-ES. ....	22
Figura 4 - Madonna com o chanceler Rollin, Jan Van Eyck, ano 1433. ....	33
Figura 5 – Fotografia da obra A Line Made By Walking de Richard Long. Inglaterra, 1967. .....	41
Figura 6 - imagem do "Le Brésil: álbum de vues du Brésil". "imagem de uma natureza vibrante, cenários iluminados pelas luzes resplandecentes dos trópicos" (KOSSOY, 2002 p. 107). ....	45
Figura 7 - Catedral Metropolitana de Vitória. ....	56
Figura 10 - Rua Pedro Palácios, a caminho do Palácio Anchieta. ....	57
Figura 8 - Vista do Centro de Vitória com destaque para Catedral Metropolitana no ano de 1970. ....	57
Figura 9 - Vista do Centro de Vitória com destaque para Catedral Metropolitana no ano de 1930. ....	57
Figura 11 - Centro de Vitória, Penedo, “Terceira Ponte”. ....	58
Figura 12 - Vista aérea Centro de Vitória no ano de 1931. Ao centro a Avenida Capixaba e à esquerda a Baía de Vitória. ....	59
Figura 13 - Vista aérea do Centro de Vitória na década de 1970. Ao centro a Avenida Beira Mar, à direita área de aterro realizado na década de 1950. ....	59
Figura 15 - Enseada da Prainha na década de 1930. Vê-se ao topo o Convento da Penha, e na base do outeiro o portão de entrada. ....	61
Figura 14 - Enseada da Prainha na década de 1930. Vê-se ao topo o Convento da Penha, e na base do outeiro o portão de entrada. ....	61
Figura 16 - Credencial do Andarilho com carimbos completos. ....	62
Figura 17 - Subida do Convento da Penha pela Ladeira da Penitência. ....	63
Figura 18 - Vista da Baía de Vitória e do Parque da Prainha na descida do Convento da Penha. ....	64
Figura 19 - Vista da “Terceira Ponte” e dos edifícios da Praia da Costa. ....	65
Figura 20 - Travessa do canal em baixo da “Terceira Ponte”. ....	65
Figura 21 - Vista de Vitória a partir da estrada do Morro do Moreno com indicação de alguns pontos importantes da paisagem de Vitória. ....	66



Figura 22 - Fotografias aéreas do Morro do Moreno dos anos de 1970, 1998, 2005 e 2015. .....	66
Figura 23 - Vistas aéreas da Praia da Costa nos anos de 1961 e década de 2010. ....	67
Figura 24 - Confeção dos tapetes de Corpus Christi na Praia da Costa, Vila Velha .....	68
Figura 25 - Praia de Itaparica, vista do Morro da Concha em destaque. ....	68
Figura 26 - Estrada para Barra do Jucu por entre a Reserva de Jacarenema. ....	69
Figura 27 - Vista da foz do Rio Jucu pela Ponte da Madalena na Barra do Jucu, Vila Velha. .....	70
Figura 28 - Saída da Barra do Jucu, ao fundo a foz do Rio Jucu.....	74
Figura 29 - Fotografias aéreas das regiões de Morada do Sol e Interlagos no município de Vila Velha nos anos de 1978, 1998 e 2015.....	77
Figura 30 - Ponta da Fruta, Igreja e cruzeiro. ....	77
Figura 31 - Fotografias aéreas das regiões de Ponta da Fruta e Nova Ponta da Fruta na divisa dos municípios de Vila Velha e Guarapari nos anos de 1978, 1986 e 1998. ....	77
Figura 32 - Caminho pelo Parque Paulo César Vinha. ....	79
Figura 33 - Lagoa de Carais.....	80
Figura 34 – Fotografias aéreas de Setiba, Guarapari, nos anos de 1978, 1998 e 2016. Destaque para área de preservação do Parque Paulo César Vinha. ....	80
Figura 35 - - Praia central de Setiba, Guarapari. ....	81
Figura 36 - Praia de Santa Monica, Guarapari.....	84
Figura 37 – Fotografias aéreas do bairro Santa Mônica, Guarapari, nos anos de 1978, 1998 e 2016.....	84
Figura 38 - Foz do Rio Perocão, Guarapari. ....	85
Figura 39 – Fotografia aérea de vazão urbano da cidade de Guarapari, de acordo com o PDM, uma Zona Especial de Intervenção Turística. Ano: 2016. ....	85
Figura 40 - Condomínio Aldeia da Praia, Três Praias, Guarapari. ....	86
Figura 41 – Fotografias aéreas da região do condomínio Aldeia da Praia em Guarapari, nos anos de 1978, 1998 e 2015.....	87
Figura 42 – Fotografias aéreas da região da Praia do Morro, Guarapari, nos anos de 1970, 1978, 1998 e 2015.....	88
Figura 43 – Vistas aéreas da Praia do Morro, Guarapari, nos anos de 2007 (antes da reforma da orla) e 2013 (após reforma) .....	89
Figura 44 - Igreja de N. S. da Conceição, Guarapari.....	90

Figura 45 – Fotografias do Centro de Guarapari, à esquerda sem data definida entende-se que seja da década de 1950; à direita imagem de satélite de 2015. Destaque para Igreja de N. S. da Conceição e cemitério.....	90
Figura 46 - Ruínas de Igreja, Guarapari. ....	91
Figura 47 – Fotografias da Praia da Areia Preta, Guarapari. À esquerda anterior à década de 1950; à direita na década de 1950. ....	92
Figura 48 – Praia da Areia Preta, Guarapari atualmente. ....	92
Figura 49 - Caminho entre o centro de Guarapari e o distrito de Nova Guarapari.....	93
Figura 50 - Praia de Meaípe, Guarapari. Destaque para o Porto de Ubu visto ao fundo.....	93
Figura 51 - Caminho pela Rodovia do Sol entre Meaípe, Guarapari e Ubu, Anchieta. ....	97
Figura 52 - Orla de Ubu, Anchieta. ....	98
Figura 53 - Praia de Castelhanos, Anchieta .....	99
Figura 54 - Praia da Boca da Baleia, Anchieta. Destaque para Monte Aghá. ....	99
Figura 55 – Fotografias aéreas do centro da cidade de Anchieta e da Ponta dos Castelhanos nos anos de 1951 e 1970. ....	101
Figura 56 – Fotografia do Centro histórico de Anchieta na década de 1950. (1 – Igreja; 2 – Escola Maria Mattos; 3 – Hotel Anchieta). ....	101
Figura 57 - Santuário Nacional de Anchieta.....	102
Figura 58 - Nuvem de palavras gerada a partir das respostas à pergunta "o que mais gostou" do questionário realizado no evento Passos de Anchieta entre 04 e 07 de junho de 2015. ....	111
Figura 59 - Nuvem de palavras que indicam "palavras para dizer paisagem" gerada a partir das respostas ao questionário realizado no evento Passos de Anchieta entre 04 e 07 de junho de 2015.....	112
Figura 60 - Imagens coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta em 06 de julho de 2015. ....	122
Figura 61 - Visualização das imagens coletadas do Instagram que contem #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015. As imagens estão organizadas por quantidade de curtidas em ordem decrescente do canto superior esquerdo ao inferior direito.....	124
Figura 62 - Visualização das imagens coletadas do Instagram que contêm #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015. As imagens estão organizadas por COR média (x) X BRILHO médio (y).....	125

Figura 63 – Imagens que representam selfies coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.....	127
Figura 64 - Imagens que representam paisagens naturais coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.....	128
Figura 65 - imagens que representam pessoas. Coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.....	128
Figura 66 - Imagens que representam objetos, elementos isolados e marcas. Coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.....	129
Figura 67 - Imagens que representam objetos, elementos isolados e marcas. Coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.....	129
Figura 68 - Imagens que representam o elementos arquitetônicos. Coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.....	130

## **\_mapas**

Mapa 1 – Mapa do percurso dos Passos de Anchieta. ....	19
Mapa 2 - Mapa do percurso dos Passos de Anchieta.....	55
Mapa 3 - Mapa atual da região do Parque da Prainha, chegada do percurso de ônibus do primeiro dia dos Passos de Anchieta. ....	62
Mapa 4 – Primeira parte da caminhada do primeiro dia com destaques para elementos importantes.....	67
Mapa 5 - Segunda parte do percurso do primeiro dia com destaque para elementos importantes.....	70
Mapa 6 - Cartografia dos “momentos de paisagem” do primeiro dia de caminhada dos Passos de Anchieta.....	73
Mapa 7 - Mapa das ocupações no percurso do segundo dia dos Passos de Anchieta. ....	75
Mapa 8 - Parte do zoneamento urbanístico do PDM de Vila Velha vigente desde 2007....	76
Mapa 9 – Primeira parte do segundo dia de caminhada, com destaque para elementos importantes.....	78
Mapa 10 – Segundo momento do segundo dia de caminhada, com destaque para elementos marcantes e áreas de proteção ambiental. ....	81
Mapa 11 - Cartografia dos “momentos de paisagem” do segundo dia de caminhada dos Passos de Anchieta.....	82
Mapa 12 – Primeira parte do terceiro dia de caminhada, com destaque para elementos marcantes. ....	87
Mapa 13 – Segunda parte do terceiro dia de caminhada, com destaque para elementos marcantes. ....	95
Mapa 14 - Cartografia dos “momentos de paisagem” do terceiro dia de caminhada dos Passos de Anchieta.....	96
Mapa 15 – Percurso do último dia de caminhada, com destaque para elementos marcantes. ....	102
Mapa 16 – Cartografia dos “momentos de paisagem” do quarto dia de caminhada dos Passos de Anchieta.....	104
Mapa 17 - Mapa que representa a origem dos participantes entrevistados no evento Passos de Anchieta entre 04 e 07 de junho de 2015.....	113
Mapa 18 - Mapa gerado a partir de dados de geolocalização coletados das imagens postadas com a hashtag #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.....	123

## **\_tabela**

Tabela 1 - Roteiro das entrevistas realizadas entre 04 e 07 de junho de 2015 com os participantes dos Passos de Anchieta .....	26
--	----

## **\_gráfico**

Gráfico 1 - Quantidade de participações nos Passos de Anchieta anteriores dos entrevistados entre o dia 04 e 07 de junho de 2015. ....	113
--	-----

## **\_siglas e abreviaturas**

ABAPA – Associação Brasileira dos Amigos dos Passos de Anchieta

APA – Área de Proteção Ambiental

CODESA – Companhia Docas do Espírito Santo

IEMA-ES – Instituto Estadual de Meio Ambiente do Espírito Santo

PDM – Plano Diretor Municipal

PDU – Plano Diretor Urbano

ZEIA – Zona Especial de Interesse Ambiental

## **\_sumário**

<b>1 _ Acontecimento, experiência e percepção: paisagem</b>	<b>16</b>
<b>2 _ Paisagem vivida: percepção, movimento e representação</b>	<b>31</b>
<b>2.1_paisagem para os sentidos</b>	<b>36</b>
<b>2.2_percepção em movimento</b>	<b>39</b>
<b>2.3_a imagem da paisagem</b>	<b>42</b>
<b>3 _ Passos de Anchieta: paisagem em movimento</b>	<b>50</b>
<b>3.1_os passos na história</b>	<b>52</b>
<b>3.2_o caminho</b>	<b>54</b>
<b>_primeiro dia: Catedral Metropolitana de Vitória à Barra do Jucu</b>	<b>56</b>
<b>_segundo dia: Barra do Jucu a Setiba</b>	<b>76</b>
<b>_terceiro dia: Setiba a Meaípe</b>	<b>82</b>
<b>_quarto dia: Meaípe a Anchieta</b>	<b>96</b>
<b>4 _ Dos andarilhos: memória e imagem</b>	<b>109</b>
<b>4.1_entrevistas</b>	<b>109</b>
<b>4.2_fotografias</b>	<b>118</b>
<b>5 _ Em busca de conclusões</b>	<b>131</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>137</b>
<b>Anexos</b>	<b>140</b>

## 1 \_ Acontecimento, experiência e percepção: paisagem

A paisagem é o nome dado a essa presença do corpo e ao fato de ele ser afetado, tocado fisicamente pelo mundo ao seu redor, suas texturas, estruturas e espacialidades: há nisso algo como um acontecimento. (BESSE, 2014, p. 47).



**Figura 1** – Fotografia tomada nos Passos de Anchieta em 2016.  
Fonte: produzida pelo autor

Uma fila de pessoas caminhando à beira mar deixando suas pegadas na areia e olhando sempre a frente, um caminho de areia, o céu aberto num azul gradiente com leves tons brancos de nuvens, a vegetação rasteira característica da restinga, sinais longínquos de urbanidade, o mar, as montanhas, em resumo: uma paisagem. Sua representação aqui se faz por uma fotografia que enquadra as pessoas como principal elemento observado pelo fotógrafo. Desse modo a fotografia da **Figura 1** representa a maior inspiração dessa dissertação: a paisagem como um acontecimento; algo fugidio que no instante único da abertura do obturador da câmera, marca um momento que jamais se repetirá de forma idêntica.

A citação de Besse (2014), acima, explica de forma sucinta, o que se busca aqui compreender como paisagem: o corpo afetado pelo meio é o acontecimento essencial que inaugura a

percepção da paisagem. Em uma de suas perspectivas para compreensão desse termo, ou entidade, o autor indica que a paisagem pode ser “compreendida e definida como o *acontecimento do encontro concreto* entre o homem e o mundo que o cerca” (p. 47). Nesse sentido, se entende a paisagem “como experiência que só remete, para o ser humano, a certa maneira de estar no mundo e ser atravessado por ele” (BESSE, 2014, p. 42). Portanto essa definição aponta para a paisagem como um acontecimento engendrado pela experiência de afeto do homem com o mundo.

A dinâmica dos elementos do ambiente, por si só, tem poder transformador da paisagem e pode constituir uma série de paisagens que acontecem em determinado momento do dia, como por exemplo um pôr do sol, ou uma manhã de inverno; uma revoada de pássaros, ou um céu estrelado. A fotografia tem o poder de congelar esse momento único da paisagem, e o processo criativo do fotógrafo, mesmo que desenvolvido em questão de segundos, passa pela percepção da paisagem.

Assim como o ambiente oferece diversas configurações de um mesmo lugar, e a percepção os compreenda como diversas paisagens, o movimento corporal também tem seu papel de engendrar acontecimentos. Nesse sentido, se por um lado a paisagem depende do afeto, por outro, o corpo pode ser o ator transformador do ambiente em paisagem. Tal relação se dá na própria presença do indivíduo, ou na sua percepção do ambiente em paisagem. Tão diferentes quanto possam ser as paisagens em seus inúmeros momentos, são diferentes as percepções que se tem do mesmo acontecimento. É a experiência que concebe essas percepções.

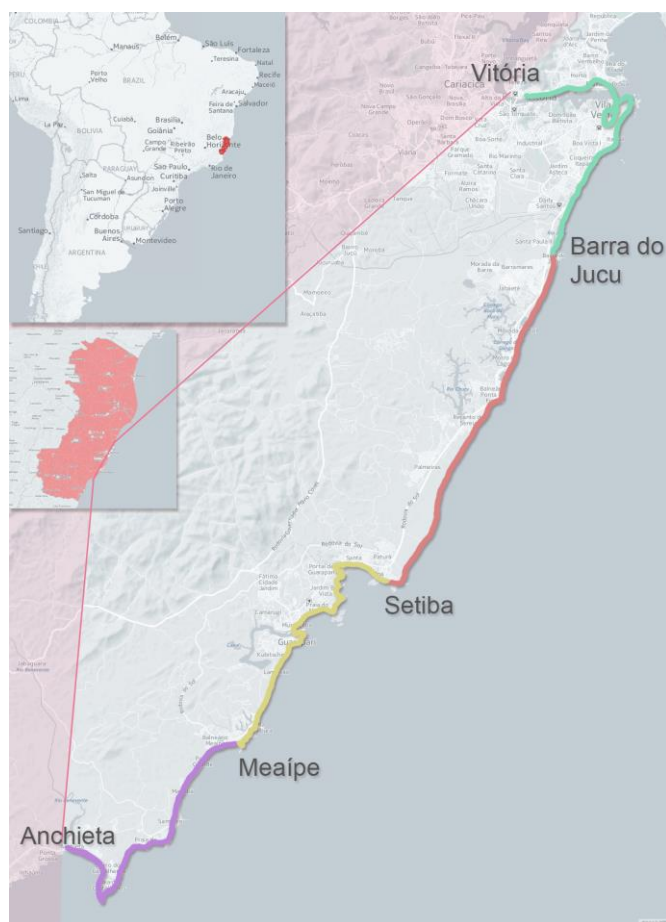
Portanto, nesta dissertação busco compreender como se opera a percepção da paisagem na experiência do movimento lento do caminhar, utilizando o próprio ato da caminhada como forma de pesquisa e a fotografia como fonte de informação sobre os acontecimentos. O objeto de estudo empírico eleito é o evento Passos de Anchieta, uma caminhada que busca remontar o caminho do, hoje proclamado Santo, Padre José de Anchieta, no litoral sul do Espírito Santo, entre as cidades de Vitória e Anchieta. Com efeito, busco caracterizar a paisagem do percurso litorâneo por meio da caminhada, bem como sua constituição histórica em termos da transformação da paisagem. No campo da fotografia, objetivo aperfeiçoar metodologias que venho investigando ao longo dos últimos anos sobre a imagem fotográfica casual. Tal conceito diz respeito à produção de fotografias que têm como destino principal as redes sociais digitais, e podem ser entendidas como fonte de pesquisa sobre a percepção da paisagem.



Desde 1998 o roteiro do Padre Anchieta vem sendo resgatado com os esforços da Associação Brasileira dos Amigos dos Passos de Anchieta (ABAPA), que anualmente organiza infraestrutura de apoio ao caminhante durante o feriado de Corpus Christi. O caminho é sinalizado com placas e marcações que indicam a direção da caminhada, o que permite também que se faça a jornada em outros períodos do ano. Entretanto, sem a infraestrutura oferecida pela associação no decorrer do evento, o caminho pode se tornar perigoso, visto que algumas áreas são desertas e distantes de vilas que possam dar apoio ao caminhante. As condicionantes como, por exemplo, altura da maré e falta de sinal de comunicação, podem tornar a experiência perigosa para pequenos grupos, principalmente para pessoas que queiram caminhar solitárias.

Anualmente a ABAPA organiza expedições de aquecimento que têm como objetivo principal o diagnóstico do percurso, e, como efeito, uma preparação para os andarilhos que desejam realizar a caminhada oficial posteriormente. Essas caminhadas de aquecimento são realizadas mensalmente a partir de janeiro e dividem o percurso em cinco expedições: da Prainha em Vila Velha até Barra do Jucu; de Barra do Jucu a Ponta da Fruta; de Ponta da Fruta a Setiba; de Setiba a Meaípe; e de Meaípe a Anchieta. Esses pequenos eventos são abertos e não necessitam cadastro do andarilho. Já, para a caminhada oficial, a ABAPA oferece um credenciamento pago, no valor que varia de R\$20,00 a R\$50,00 a depender da data de cadastro (no ano de 2016). Esse credenciamento inclui um crachá e uma credencial com espaços para carimbos que vão sendo feitos em pontos importantes do percurso, e geralmente têm algum símbolo que representa a paisagem e/ou a cultura do lugar. Além disso, o credenciamento dá direito a um certificado de participação entregue no último dia em Anchieta, entre outros benefícios.

O percurso, como realizado no evento, é dividido em quatro dias, com extensão média de 25 a 28 quilômetros e duração aproximada de cinco a seis horas (a depender do condicionamento físico do caminhante) (**Mapa 1**). O início da jornada se dá na Catedral Metropolitana de Vitória por volta das sete horas da manhã, onde costumeiramente acontece a benção aos caminhantes e o aquecimento. O primeiro dia termina na Barra do Jucu, ao som do congo e em companhia das atividades culturais promovidas pela comunidade. O segundo dia é iniciado nesse mesmo local e tem destino final na praia central de Setiba, Guarapari, de onde parte-se no terceiro dia rumo a Meaípe no mesmo município. O quarto e último dia termina em Anchieta onde é costumeira a calorosa recepção pelos familiares dos caminhantes e pela comunidade anchietense. A organização do evento oferece apoio no decorrer da caminhada com presença de socorristas e pontos de apoio com sanitários e oferta de água e frutas. Ao término de cada



**Mapa 1** – Mapa do percurso dos Passos de Anchieta.  
Fonte: produzido sobre a base cartográfica Carto®.

nota-se em análise prévia, que o caminho a pé se torna mais importante do que a chegada de fato a algum lugar por meio da caminhada.

\*\*\*

Este trabalho representa uma nova etapa de um percurso que venho percorrendo nos últimos anos. Iniciado na graduação em Arquitetura e Urbanismo, por meio de projetos de pesquisa de iniciação científica, comecei os estudos envolvendo paisagem e fotografia. Em seguida, no Projeto de Graduação, voltei o interesse por pesquisar a relação entre percepção da paisagem e fotografias nas redes sociais da *internet*, resultando no trabalho intitulado “**Paisagem fotografada**: uma análise perceptiva do Convento da Penha”. Naquela ocasião o objeto de estudo foi o Convento de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha – ES, importante marco paisagístico da capital do estado e destino de turistas e peregrinações.

A metodologia então empregada envolvia a análise iconográfica de imagens e comparação com respostas dos respectivos fotógrafos a um questionário sobre sua percepção no local. Para a

dia, nos pontos de parada, além das ofertas, a organização dispõe de massagistas para os caminhantes credenciados no evento e transporte para localidades onde os andarilhos pernoitam.

O pernoite é uma característica singular dos Passos de Anchieta. Alguns poucos andarilhos dormem nos pontos de parada, seja em barracas de *camping*, seja em hotéis e pousadas locais. A maioria dos participantes se locomove, geralmente de transporte coletivo, a outro ponto onde mantem sua estadia pelos quatro dias de caminhada. São muito comuns os grupos de viagem que fazem pacotes que incluem a caminhada, o transporte e o pernoite. Desse modo,

escolha das fontes de imagens foi teorizado sobre a autoria do registro fotográfico, ficando exposto que para cada grupo de autores identificados dever-se-ia ter um olhar crítico diverso aos resultados. Portanto foram identificados três grandes grupos de fotógrafos: **profissionais** - os que dominam a técnica fotográfica e têm nessa atividade sua principal fonte de renda, resultando, geralmente, num registro que serve aos fins previamente estabelecidos, e, conseqüentemente, carregando intenções específicas; **amadores** - os que também dominam a técnica da fotografia, contudo o fazem por satisfação pessoal, ou aspirações artísticas, e seu objetivo geralmente é o reconhecimento pessoal; **fotógrafos do cotidiano ou casuais** – diz respeito a todas as pessoas munidas de uma lente fotográfica no seu cotidiano, seja na câmera fotográfica de fato, seja nos aparelhos celulares ou similares.

Essa última categoria, identificada na pesquisa, é a maior potência criadora de imagens no século XXI. Mesmo desde o início do século anterior, a partir da popularização do aparelho fotográfico, esse setor sempre foi o maior foco da indústria da fotografia. A principal característica desse grupo é a espontaneidade dos registros, e seu objetivo principal é comunicar experiências, mais do que representar apenas fontes de rememoração e colecionamento. Os fotógrafos casuais ganharam maior atenção naquela pesquisa, por, além de representarem a grande maioria da produção fotográfica atual, serem de fato usuários dos espaços. As experiências desses usuários são importante fonte de informação sobre a realidade do lugar, e suas fotografias são potenciais representantes da percepção dos grupos sociais que vivenciam tais espaços.

Portanto, a parte da metodologia que concerne à produção fotográfica desta dissertação, põe foco neste grupo de fotógrafos, ou agora denominado, grupo de fotografias. Isto é, vem-se observando que mesmo os outros fotógrafos – amadores e profissionais – podem, em seus momentos de ócio e lazer, produzir fotografias que apresentem as características atribuídas aos fotógrafos do cotidiano.

De modo a seguir com os estudos sobre a experiência sensível da paisagem, ou seja, a leitura da percepção por meio de subjetividades, o objeto de estudo escolhido para esta dissertação se apresenta como um importante meio de análises por se tratar de uma atividade que tem como uma das principais funções a contemplação de paisagens. Além disso, os Passos de Anchieta percorrem áreas litorâneas caras ao estado do Espírito Santo, e muitas delas em constante conflito de interesses que põem em risco a preservação das paisagens.

O Centro Histórico de Vitória, a primeira área percorrida, é um núcleo urbano que se encontra em processo de transformação. Alguns exemplos dessas transformações podem ser observados em recentes alterações significativas nas instalações portuárias. As reformas e ampliações do Porto de Vitória calham por degradar uma paisagem que, desde as últimas grandes modificações no século passado, já é considerada como imagem e identidade do lugar, bem como põem em risco atividades e edificações estimadas pela população e interessantes ao patrimônio estadual.

Áreas costeiras em acirrado processo de transformação são constantes no caminho dos andarilhos. Sejam as orlas urbanas verticalizadas, como, por exemplo, Praia da Costa e Itaparica em Vila Velha, Praia do Morro em Guarapari; ou áreas ainda com aspecto “paradisiáco” que vêm sendo ocupadas por conjuntos de residências de alto padrão no Morro do Moreno em Vila Velha, ou nas Três Praias em Guarapari. Algumas dessas ocupações privatizam a orla e às vezes impedem o caminhante de ter o desejado acesso ao mar, ou impedem a vista de elementos constituintes da paisagem natural das localidades.

Áreas de proteção ambiental também fazem parte do percurso, e, do mesmo modo, se constituem em áreas de conflito. A Reserva Natural de Jacarenema, que, de acordo com Holz (2012), foi criada em 1997 por meio de pressão popular, faz parte do estuário do Rio Jucu e se configura como uma das poucas áreas onde ainda se encontra a restinga no município de Vila Velha. Embora a preservação da Reserva seja garantida pelo PDM de Vila Velha, o mesmo indica, em seu zoneamento, áreas voltadas para instalações industriais nos arredores.

Mais ao sul encontra-se a Área de Proteção Ambiental de Setiba, uma área de amortecimento que visa proteger o Parque Estadual Paulo César Vinha e o Arquipélago de Três Ilhas.

Com o intuito de preservar uma faixa contínua de restinga, um dos ecossistemas mais ameaçados da Mata Atlântica, foi criado pelo decreto nº 2.993-N de 1990, com a denominação inicial de Parque de Setiba. Por meio da Lei nº 4.903 de 1994, passou a ser denominado Parque Estadual Paulo César Vinha, em homenagem ao biólogo Paulo César Vinha, morto em 1993, por atuar contra a extração de areia na região. (IEMA [2], 201-?).

Além desses conflitos já existentes, a previsão de empreendimentos de larga escala ameaça a constituição natural da paisagem litorânea por onde passa o percurso estudado. Um dos casos recentes é o empreendimento logístico do Porto de Águas Profundas do Espírito Santo (**Figura 2**), que há alguns anos vem sendo discutido na esfera público-privada. Um dos estudos apresentados indica, como possível



**Figura 2** – Imagem de estudo do Porto de Águas Profundas do Espírito Santo.

Fonte: [www.eshoje.jor.br](http://www.eshoje.jor.br). Acessado em 20 de janeiro de 2017.

localização, uma região em Vila Velha onde predomina o ecossistema da restinga, e, embora a maior estrutura do porto esteja distante da costa, toda a infraestrutura de apoio, chamada recinto retroportuário, deve ser alocada nas proximidades, gerando fluxo pesado de transportes terrestres e grande impacto de vizinhança.

Como exemplo do impacto que pode causar uma instalação dessa magnitude, no próprio percurso existe, desde a década de 1970, o Porto de Ubu (**Figura 3**). O terminal logístico está instalado imediatamente à frente da área de operação da empresa Samarco, e o transporte do minério de um lado ao outro acaba por criar uma barreira intransponível ao caminhante. Com efeito, nesse trecho, a caminhada é feita pela rodovia. Além desse percalço, toda a infraestrutura acabou por gerar conflito com a atividade balneária, transformando o que seria uma praia recreativa em um cenário industrial pouco aprazível (MEDONÇA e GOLTARA, 2012).



**Figura 3** – Imagem aérea do porto de Ubu, Anchieta-ES.

Fonte: [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com). Acessado em 20 de janeiro de 2017.

Desse modo, esses e outros possíveis conflitos presentes na faixa de aproximados 100 quilômetros do percurso, além de refletirem uma lógica de ocupação que não é exclusiva do Espírito Santo, demonstram a importância de se pensar nas transformações da paisagem desses lugares. A visão do usuário, ou seja, a percepção, é fator fundamental para que se compreenda como esses conflitos são recebidos pela sociedade em geral. Nesse sentido, este trabalho visa também contribuir com a pesquisa “Transformação da paisagem urbana contemporânea no litoral sul do Espírito Santo” sob a coordenação da professora Eneida M. S. Mendonça, que orienta esta dissertação.

\*\*\*

O trabalho desenvolvido aqui pode ser compreendido como um percurso, que faz contribuição a uma caminhada maior que venho percorrendo nos últimos anos, como dito anteriormente. Com essa forma de alusão a um dos eixos temáticos da dissertação, apresento, a seguir, o caminho metodológico traçado com intuito de responder às inquietações que me trouxeram a abordar a experiência perceptiva da paisagem nos Passos de Anchieta. Para tanto este volume se estrutura partindo deste próprio capítulo introdutório onde estão explicadas as razões de me ater ao tema, bem como os objetivos e as metodologias aplicadas para investigação das questões levantadas.

O capítulo dois, intitulado “**paisagem vivida**: percepção, movimento e representação” trata de conceitos estruturantes da pesquisa. Por meio de leituras e interpretações, busco dar os primeiros passos para a compreensão do que já se sabe acerca da percepção da paisagem; sobre o movimento lento do caminhar e suas peculiaridades sensoriais; e sobre o registro fotográfico da paisagem. Autores fundamentais a essas compreensões são apresentados, partindo de Besse (2006 e 2014) e suas contribuições sobre a origem do entendimento humano de paisagem, como algo a ser sentido e vivido. Em Tuan (1980) busco a interpretação dos sentidos sobre o ambiente, com foco na paisagem e nos fenômenos da relação humana com a mesma. Tendo a fotografia como um dos meios de investigação sobre a experiência sensível da paisagem, faz-se necessário compreender e interpretar brevemente a história da representação da paisagem, das pinturas à fotografia, e em Roger (2000), busco alguns dos apontamentos que marcaram essa trajetória. O ato de caminhar e suas particularidades são tratados sob o ponto de vista de Gros (2010), como uma filosofia de vida, e em Careri (2013) como forma de fruição estética da paisagem. A abordagem sobre a fotografia busca compreender o que Soulages (2010) denomina fotograficidade, ou seja, a imagem como fenômeno, independente do seu processo técnico. Em

seguida contribuições como de Saltz (2014) e Santaella (2002 e 2008), tratam da imagem fotográfica na atualidade, e a forma com que se consolidou o que Kossoy (2002), nomeia de “sociedade da imagem”.

Em seguida inicia-se a abordagem investigativa do caminho, que é trabalhada por meio de quatro entradas de pesquisa: 1 – “exercício de paisagem”, que se constitui no exercício de observação participativa na caminhada; 2 – levantamento histórico das transformações da paisagem e de ocupação dos lugares por onde passa o percurso; 3 – entrevistas com participantes; 4 – fotografias dos participantes e dados de postagem no *Instagram*. As duas primeiras são apresentadas no capítulo três e são descritas em conjunto formando uma narrativa do percurso atual com olhar na história dos lugares. As outras duas são apresentadas separadamente no capítulo quatro.

“**Passos de Anchieta: paisagem em movimento**” é o título do capítulo três, onde o percurso de caminhada é apresentado primeiramente em sua história, sob uma visão crítica da tradição que o fundamenta. A segunda parte deste capítulo traz um relato descritivo da experiência em campo realizada no evento dos Passos de Anchieta em 2016, juntamente com o levantamento histórico. As duas primeiras entradas de pesquisa, reunidas em um único texto, buscam identificar a paisagem como se apresenta hoje e em referência a sua constituição histórica. Desse modo focam-se no pesquisador como fonte da informação, seja por sua percepção no ato de caminhar, seja no levantamento do conhecimento técnico sobre a história. Além das impressões sobre o evento da caminhada, neste capítulo tem-se um mapeamento da paisagem, que é apresentada por “momentos de paisagem”, buscando caracterizar um sistema interligado de elementos que constituem possivelmente “a paisagem” dos Passos de Anchieta.

Embora o percurso do trabalho seja um olhar à frente, no quarto capítulo de título “**dos andarilhos: memória e imagem**” volto no tempo, para o ano de 2015 quando foram realizadas as pesquisas diretamente com os andarilhos. Tal escolha de (des)ordem cronológica se fundamenta na maturidade da pesquisa que foi alcançada após concluído o trabalho de campo em 2015, quando surgiu a necessidade de um olhar mais próximo ao caminho como um todo. Contudo, esse olhar, na estrutura final deste volume, vem apresentado antes, como forma de exposição da constituição da paisagem e da experiência do percurso como um todo, além das inferências históricas.

O capítulo quatro tem como principal objetivo a análise da percepção do andarilho, e sua experiência com a paisagem por meio da sua memória e das suas fotografias. Embora, no capítulo anterior, como pesquisador esteja também na condição de andarilho, busco nesta parte, compreender o olhar do “peregrino moderno” (COSTA, 2009), ou seja, os participantes de um modo geral. Busca-se compreender os motivos de se percorrer o caminho, as impressões, a preferências de lugares visitados, e a forma de representar as experiências.

Por fim, “**em busca de conclusões**”, apresenta as percepções gerais sobre os resultados das entradas de pesquisa, comparando-as de modo a encontrar as diferenças e semelhanças entre as impressões do pesquisador e dos demais andarilhos. Busca-se também avaliar o percurso da pesquisa e suas contribuições para o entendimento da percepção da paisagem.

\*\*\*

A primeira entrada da pesquisa empírica se constitui no o exercício da caminhada como forma de observação dos acontecimentos e caracterização da paisagem. Uma das fontes de inspiração dessa atividade veio da leitura de “O Gosto do Mundo: exercícios de paisagem”, de Jan Marc Besse (2014) onde faz experimentações teóricas sobre a paisagem sob pontos de vista da ciência, antropologia, e outras, com foco em questões atuais, como meio ambiente e processos urbanos. Desse modo chamo a primeira entrada de “exercício de paisagem”, aludindo ao fato de ser uma experiência acadêmica que não se configura como um exercício de campo usual, de observação, mas sim de participação tanto no próprio objeto de estudo quanto na paisagem.

Em busca de construir tal narrativa, em 2016 participei de algumas caminhadas, incluindo aquecimentos que são realizados mensalmente de janeiro a maio e percorrem, a cada evento, um dos trechos do percurso. Em seguida, participei da caminhada oficial, entre 26 e 29 de maio de 2016, devidamente credenciado como andarilho junto à ABAPA. Naquela ocasião participei de todas as etapas do evento, observando os caminhantes e suas relações com a paisagem e com o ato de fotografar, ouvindo os comentários e conversas sobre o percurso, e de fato me infiltrando como um caminhante que ali estava para simplesmente participar. Busquei observar atentamente o percurso, notando as peculiaridades de cada local e fotografando com o celular o que me parecia interessante. Não portei câmera profissional, nem equipamentos de gravação, e essas escolhas foram pensadas de modo a não chamar atenção para o papel de pesquisador que eu estava exercendo durante o percurso. Caminhei só, com a companhia eventual de algum outro andarilho que me acercava e puxava assunto, ou eu mesmo tratava de me inserir em algum



grupo, procurando observar seus movimentos. A cada dia, ao chegar, relatava os acontecimentos e minhas impressões de forma detalhada em diário de campo, que em seguida foi sintetizado para compor a dissertação. Desse modo, ao final pude relatar criticamente o caminho, e construir a caracterização da paisagem do modo como foi observada, sem deixar de incluir impressões pessoais, e assim me tornando um próprio meio de pesquisa, inspirando-me no exercício da etnografia.

A segunda entrada da pesquisa busca na história fatores que levaram à constituição atual da paisagem do caminho, que desde 1998 é percorrido anualmente pelos peregrinos. Nesse levantamento foram utilizadas, principalmente, fotografias aéreas e vistas de vários períodos da história, relatos de viajantes, e a confrontação desses dados com a história escrita sobre os lugares por onde passam os caminhantes. Tal metodologia se baseia em trabalho anterior intitulado: “O emprego da fotografia como método de análise da transformação da paisagem: o caso de Anchieta” (GOLTARA e MENDONÇA, 2015) publicado na Revista Paisagem e Ambiente.

A terceira entrada da pesquisa se constitui de entrevistas diretas aos participantes da caminhada no ano de 2015, e a posterior sistematização e interpretação das respostas. Naquele ano, entre 04 e 07 de junho, estive presente no aquecimento do dia inicial, na passagem pelo Convento da Penha, e nas chegadas de cada etapa da jornada. Nesses encontros fiz entrevistas diretas aos participantes acerca da sua experiência no percurso (**Tabela 1**). Ao todo foram feitas 80 entrevistas, em alguns dias menos e outros mais, estando dependente às circunstâncias da chegada, como, por exemplo, o cansaço dos participantes e insolação no local. As entrevistas foram gravadas, transcritas e sistematizadas em planilhas para melhor compreensão dos resultados.

- Nome
- Idade
- Ocupação
- Primeira vez fazendo os Passos de Anchieta? / Quantas vezes já fez?
- O que mais gostou até agora?
- Fotografa?
- O que mais chamou atenção para fotografar?
- Posta na *internet*?
- Na hora ou depois?
- Como escolhe o que será postado?

Tabela 1 - Roteiro das entrevistas realizadas entre 04 e 07 de junho de 2015 com os participantes dos Passos de Anchieta.

Fonte: produção da pesquisa.

Buscando conhecer o perfil dos participantes, de forma sistemática, foram elaborados o mapa das localidades de onde provinham os andarilhos e um gráfico de sua faixa etária. A ocupação dos andarilhos, perguntada no questionário, não foi utilizada para a análise por não representar generalidades suficientes para uma sistematização.

Uma leitura inicial das respostas foi feita a partir do que se traduz para o português em “nuvem de palavras”. Esse sistema consiste na quantificação do número de repetições de palavras em um determinado documento, e a posterior “plotagem” dessas palavras em um gráfico onde as mais repetidas ficam centralizadas e em tamanho maior, e as demais seguem em ordem decrescente do centro para fora diminuindo de tamanho de acordo com o número de repetições. Para a pesquisa, utilizei a plataforma *Wordle.net* onde inseri de uma única vez todas as respostas à pergunta escolhida para análise, e em seguida excluí termos irrelevantes, como, por exemplo: mas; por; tá; entre outros. Com isso foi possível estabelecer uma primeira aproximação ao conteúdo do discurso dos participantes.

Em seguida, as respostas às perguntas mais dissertativas, como, por exemplo, “o que mais gostou até agora?”, foram analisadas e transformadas em discursos coletivos. Inspirado pela metodologia DSC (discurso do sujeito coletivo) de Lefèvre *et all* (2003), foi criada uma única resposta para cada pergunta, montada por meio da análise do que mais ressaltava nas respostas, seja pela repetição, seja pela particularidade do comentário. Tal procedimento foi realizado com a colocação das 80 respostas em uma tabela onde as linhas representam os participantes e as colunas as perguntas (**anexo 1**). Ao ler-se verticalmente todas as respostas a uma pergunta foi feita uma marcação por cores diferentes para cada um dos temas repetidos e os mais particulares. Ao final, foi feita uma contagem das repetições e um *ranking* dos temas. As sínteses das respostas foram redigidas em primeira pessoa do plural, com frases criadas por meio de palavras-chaves utilizadas pelos entrevistados e a sintaxe construída de forma a se aproximar com o discurso dos mesmos. Desse modo, as respostas apresentadas e discutidas no capítulo quatro, iniciam pelo tema mais citado, e, em ordem decrescente, até o mais particular, e buscam ilustrar para o leitor o teor do grande número de dados que foram levantados em campo.

A quarta entrada da pesquisa empírica é o levantamento e análise de fotografias produzidas pelos andarilhos. Buscando uma continuidade do trabalho anterior sobre o Convento da Penha (GOLTARA, 2013), nesta dissertação a intenção foi de sistematizar um pouco mais as análises de fotografias, com intuito de alcançar um maior número de dados e de impressões sobre a

“percepção fotografada”. Para tanto foram utilizados métodos provenientes das teorias de *Big Data*<sup>1</sup> concernentes à coleta e análise de imagens postadas na *internet*. No caso de estudo dos Passos de Anchieta, a plataforma escolhida para fonte de imagens e dados foi o *Instagram*. Lançado em 2010, originalmente para *iPhone*, aparelho celular da empresa *Apple*, o *software*, agora chamado *aplicativo*, funciona como uma rede social de compartilhamento exclusivo de imagens. Nele o usuário cria seu perfil pessoal, onde insere informações e publica suas fotografias com legendas. As relações com outros perfis se dão quando um perfil passa a *seguir* o outro, e assim receber as fotografias que o outro compartilha em sua linha do tempo de imagens (tela inicial do aplicativo), as quais pode *curtir* (sinalizar, com o símbolo de um coração, que gostou da foto) e comentar.

Dentre as várias funções que o aplicativo vem incorporando, destaca-se o uso das *hashtags* ou apenas *tags*, que são palavras-chave antecedidas pelo símbolo “#”, e são utilizadas para categorizar assuntos nas redes sociais. Ao abrir uma *hashtag* o usuário tem acesso ao acervo de postagens que possuem a mesma palavra-chave, criando assim uma dinâmica de interação entre os usuários sem que os mesmos tenham relação direta. No *Instagram*, ao escrever na legenda da fotografia, ou mesmo no comentário, uma *hashtag*, ela se transforma em um *hiperlink* que ao ser clicado abre uma página com todas as fotografias que possuem a mesma palavra. As fotografias coletadas para esta pesquisa foram encontradas por meio das *hashtags*, utilizando a palavra-chave **passosdeanchieta**. A coleta foi realizada com auxílio da equipe do Laboratório de Imagem e Cibercultura da UFES (Labic), por intermédio do professor Fábio Goveia. No laboratório foi utilizado o *software* **Letícia**, desenvolvido pela equipe, com a finalidade de coletar fotografias do *Instagram* e seus metadados, que são as informações que acompanham a imagem e que a empresa responsável pelo aplicativo, até então, disponibilizava para pesquisadores e desenvolvedores. Nesses metadados estão incluídas as informações de geolocalização da postagem, ou da tomada da fotografia (a depender da escolha do usuário ao postar), data e hora da postagem, nome do usuário, quantidade de curtidas da postagem, os comentários, entre outros. É importante lembrar que o acesso livre às fotografias está sujeito à permissão do usuário, que pode ter um perfil público ou privado. No caso do perfil privado

---

<sup>1</sup>Grandes Dados em português, é o termo para grandes compilações de dados criados a partir das tecnologias de comunicação digital. Esses dados necessitam ferramentas que os organizem de forma a promover uma compressão geral de elementos de diversas escalas que não poderiam ser alcançados em pequenos volumes. Toda a informação gerada e compartilhada na *internet* está sujeita a catalogação e utilização de diversos interesses.

somente têm acesso às fotografias e informações os seguidores aceitos pelo usuário, e, portanto, suas fotografias não aparecem na pesquisa do Letícia.

Desse modo, no dia 06 de julho de 2015, após a ocorrência do evento dos Passos de Anchieta, foi feita uma coleta com a *hashtag* **#passosdeanchieta**, buscando todas as fotografias postadas no *Instagram* até então, que a contivessem. Foram encontradas 275 imagens de perfis públicos, e, juntamente com elas foram descarregados os metadados em planilhas. A primeira interação com esses dados foi o mapeamento das geolocalizações, que tanto poderiam ser dos lugares onde as fotografias foram tomadas quanto dos lugares de onde foram postadas. O mapa foi produzido na plataforma *CartoDB* com a inserção dos pontos geográficos, e o resultado é apresentado como uma primeira análise das fotografias, buscando revelar quais localidades do percurso foram mais fotografadas, ou pontos de descanso onde o andarilho tinha acesso à *internet* e tempo para a postagem. Em seguida as fotografias e seus respectivos metadados foram lançados em um *software* que produziu uma montagem das imagens em ordem de curtidas, com a finalidade de representar as postagens que se tornaram mais populares da coleção.

Com base nas metodologias do *Software Studies Initiative*, grupo de pesquisa liderado por Lev Manovich, as fotografias coletadas dos Passos de Anchieta foram analisadas em gráfico de Cor X Brilho, resultando em uma visualização que separa os registros de forma a indicar elementos visuais do banco de dados, e facilita a leitura do acervo de um modo generalizado. Em seguida as 275 imagens foram separadas em sete temas, por meio da análise manual e individual dos registros. As imagens foram montadas em visualizações apresentadas no capítulo quatro com intuito de facilitar a leitura geral de cada campo, e a sequente análise dos discursos visuais.

As quatro entradas de pesquisa se completam de forma a permitir avaliar a percepção da paisagem de modo sensível: primeiro, a partir da minha sensibilidade como pesquisador e embasada em dados da história, e em seguida, pela leitura sensível dos dados da percepção dos andarilhos.

\*\*\*

Os resultados dessas formas de pesquisa se conectam em torno da questão essencial deste trabalho: existe uma paisagem dos Passos de Anchieta?

Alguns pontos levantados indicam que, há uma paisagem caracterizada por elementos naturais e urbanos somados à intervenção da presença dos andarilhos no percurso. Entretanto, também se pode falar em um “sistema de paisagens” dos Passos de Anchieta, que em sua separação espaço-temporal, é montada por “momentos de paisagem”, e que se conectam pelo ato da caminhada. O sistema aqui é entendido em sua concepção mais pura, como uma organização de elementos abstratos que se relacionam entre si formando um todo. Nesse sentido, os “momentos de paisagem” são as partes desse sistema. Eles se sobrepõem, seja pela presença de elementos paisagísticos de um “momento” em outro, seja pela percepção da transição entre eles, que na maioria das vezes se dá de forma gradativa. Essas interpretações se baseiam principalmente no “exercício de paisagem”, sendo uma visão pessoal sobre o caminho, porém fundamentada nos estudos sobre paisagem e na história dos lugares.

Em suma, este trabalho parte de uma sensibilização do olhar do pesquisador, seja no próprio percurso em campo, seja no caminho de pesquisa percorrido até aqui. Não em vão, escrevo os apontamentos em primeira pessoa, como forma de aproximar a escrita da leitura sensível dos dados utilizados, ou seja, de forma que se ressaltem as subjetividades, buscando responder às inquietações que suscitaram as discussões que são levantadas aqui.

## 2 \_ paisagem vivida: percepção, movimento e representação

O estudo da paisagem, ao longo dos anos, vem tomando inúmeras frentes, e cada disciplina tende a estratificar o conceito geral ainda de complexa compreensão, em interesses diversificados de estudo. Neste breve apanhado teórico sobre a paisagem buscarei tratá-la do ponto de vista da geografia humanística, com contribuições da psicologia e filosofia, entendendo-a como um elemento dependente do homem, totalmente dinâmico. Defende-se aqui a ideia de que a paisagem, como acontecimento, momento e experiência, não está presa ao plano físico e temporal, depende de todos os fatores físico-químicos que compõem o ambiente, e dos fatores socioculturais de quem a percebe. Para cada instante há uma paisagem e para cada ser humano, em cada momento de sua vida, existem inúmeras compreensões do ambiente em paisagem.

Neste capítulo, objetiva-se encontrar definições já concebidas que, concordantes ou discordantes, se encaminhem para a ideia da paisagem como um acontecimento, ou como um momento, e uma experiência. Nesse sentido, o tempo é determinante, não somente o tempo histórico que constitui a paisagem como um palimpsesto, mas o tempo corrente que a transforma a cada segundo. O movimento da Terra em relação ao sol, o pôr do sol, à noite, as luzes, os seres vivos e seus movimentos, a ação humana, seja nas grandes modificações, seja no caminhar de um ponto a outro; tudo isso constitui uma dinâmica ininterrupta de criação de novas paisagens.

A experiência como um “exercício de paisagem” marca um dos eventos ao que se atribui a invenção da paisagem no ocidente, e refere-se, de acordo com geógrafo Jean Marc Besse (2006), à narrativa do poeta italiano Petrarca da aventura de escalada ao monte Ventoux, na qual exprime suas motivações para a subida, suas impressões pessoais e angústias.

Com efeito, Petrarca, decidindo escalar a montanha para simplesmente fruir da vista que pode ser desfrutada do seu cimo, teria sido o primeiro a encontrar a fórmula da experiência paisagística no sentido próprio do termo: a da contemplação desinteressada, do alto do mundo natural aberto ao olhar. (BESSE, 2006, p. 01;02).

Embora, chegando ao cume da montanha, Petrarca tenha tido revelação pessoal de que a paisagem não lhe trouxe o esperado alcance espiritual, sua narrativa, de acordo com Bartalini (2012, p. 118), “marcará a experiência moderna diante da paisagem”, de modo que:

Somos, assim, lançados no mundo, impelidos a explorar esta Terra, da qual nos separamos, a percorrê-la como peregrinos, sem morada fixa, ávidos por tudo o que se

apresenta diante de nós, mas também insaciados e apreensivos. (BARTALINI, 2012, p. 118).

Se por um lado a experiência relatada em texto por Petrarca inaugura, no ocidente, o que se entende hoje por apreensão da paisagem, por outro, é à arte pictórica que se atribui os primeiros passos ocidentais da “fruição da natureza como espetáculo estético” (SALGUEIRO, 2001, p. 38). As primeiras representações paisagísticas ocidentais são formas sugeridas pelos pintores de ver o mundo, implicando o

[...] afastamento entre o sujeito e o objecto de contemplação (a natureza), a mobilização dos sentidos e a aprendizagem de códigos de selecção, apreciação e valorização, os quais fazem parte de um modelo cultural, pois a paisagem é uma maneira de ver o mundo e ‘só se vê o que se tem na cabeça’ (PIVETAU, 1989 *apud* SALGUEIRO, 2001, p. 38).

Nesse sentido, Roger (2000) nomeia o processo de aprendizagem de tais códigos e formas de ver o mundo, como *artialização*. O termo apresentado pelo autor se refere às formas de converter o **país** em **paisagem**. “O país é, de algum modo, o grau zero da paisagem, aquilo que precede sua artialização, seja ela direta, (*in situ*) ou indireta (*in visu*).” (ROGER, 2000, p. 01). A “*artialização in visu*” diz respeito à transformação da natureza pela representação pictórica da paisagem, ou seja, à proposição de códigos visuais. A objetificação da natureza promovida pela arte e o consequente desejo de aproximá-la das representações, engendra outro processo de *artialização*, esse “*in situ*”, transformando o lugar, em sua materialidade, com base nos códigos artísticos. Segundo o autor, a paisagem começou a surgir na pintura ocidental por meio da laicização dos elementos com as primeiras noções de perspectiva dos quadros do italiano Sasseta. No entanto, é na pintura flamenca que, de fato, a paisagem toma protagonismo ao ser reconhecida como elemento da composição (**Figura 4**).

Apontada como uma das primeiras representações ocidentais de paisagem dentro do conceito que se criou na modernidade, o quadro de Jan Van Eyck apresenta um enquadramento da paisagem na arcada do edifício, representando-a como um quadro e uma sugestão de visualização a ser observada de dentro da construção. As relações entre o divino e o mundano nesse quadro, se separam dentro do próprio salão, ao ter do lado esquerdo o Chanceler Rolin e do lado direito a Madonna com o Menino Deus. Mas também podem ser entendidas observando o interior e exterior. Nesse sentido, o salão é palco para a ação do divino, como se observa pela presença de símbolos ligados à crença cristã. Já a paisagem, que Van Eyck pinta ao fundo, representa a colocação do acontecimento no mundo dos homens, indicando que é a Madonna

quem visita o homem. No centro exato da pintura, e ao fundo, duas figuras humanas são apresentadas observando a paisagem, alheias ao acontecimento principal da cena, o que pode indicar que, não somente a paisagem é o pano de fundo dos acontecimentos, como é algo que mereça atenção.



Figura 4 - Madonna com o chanceler Rollin, Jan Van Eyck, ano 1433.  
Fonte: [www.louvre.fr](http://www.louvre.fr) (acessado em 16 de julho de 2015).

A origem da paisagem por meio de sua representação está ligada ao afastamento do homem da natureza. De acordo com Besse (2014, p. 15), a pintura do exterior emoldurado pela janela é o que o transforma em paisagem, “pois ativa uma dialética do interior e do exterior, isto é, instaura uma condição indispensável da paisagem na história da pintura: a distância.”. Essa separação indispensável é remontada a meados do segundo milênio d.C, pois é vista como uma “invenção artística”, diferente das pinturas rupestres e outras posteriores onde a representação da natureza servia às cosmologias e às crenças, como algo místico, e ligado ao divino.

Historicamente, a busca pelas definições de paisagem permeou as ideias da observação, da representação e da linguagem como fatores que criaram o conceito em si. Ou seja, por meio da experiência sensorial, das representações pictóricas e da própria etimologia do termo paisagem,



é que se vem buscando conceituar uma grandeza que tem forte apelo ao senso comum como apenas um cenário para as atividades humanas. A paisagem tem interferências de fato na visualidade do mundo, tornando-se palco para o desenvolvimento das sociedades, mas principalmente ela é transformada pela sociedade, e percebida de formas distintas pelas diversas culturas. Nesse sentido, o desenvolvimento incessante das ciências concebe novas necessidades de compreensão da paisagem enquanto recurso humano. Nas palavras de Besse:

O cuidado com a paisagem ocupa, na atualidade, um lugar crucial nas preocupações sociais e políticas pela qualidade dos quadros de vida oferecidos às populações, em relação aos questionamentos sobre a identidade dos lugares, sobre a governança dos territórios ou, ainda, sobre a proteção dos meios naturais. (2014, p. 07).

Frequentemente, os estudos que buscam analisar a paisagem de determinado lugar caem em uma dicotomia que na própria epistemologia se estratifica com as tentativas de conceitua-la de acordo com interesses específicos. Fala-se então em paisagens distintas, que se diferem umas das outras e podem ser classificadas. Contudo há que se ponderar que dificilmente se consegue definir uma forma física para a paisagem x ou y. Como defendido nessa dissertação, o movimento no ambiente cria um “sistema de paisagens” que se sobrepõem e se completam. Na maioria das vezes o horizonte, ou o alcance da visão é o que definem uma paisagem, porém basta mudar o ponto de vista, seja sua latitude e longitude, seja a altura do observador, que se têm outras compreensões do mesmo ambiente em outra visualidade e escala.

É nesse sentido que Tim Ingold (2000) teoriza sobre a paisagem do ponto de vista antropológico, e, portanto, a relaciona à vida humana e à culturalização. O autor infere que “em primeiro lugar a vida humana é um processo que envolve a passagem do tempo. Em segundo lugar, esse processo da vida é também o processo de formação das paisagens nas quais as pessoas viveram”<sup>2</sup> (INGOLD, 2000, p. 189, tradução nossa). O antropólogo inglês é um dos teóricos que defende que não há uma definição fixa de paisagem, e, em uma abordagem reversa, estabelece o que entende não o ser. Partindo do termo em inglês *landscape*, afirma que paisagem não é *land*, ou seja, não é terra, terreno, solo; e também não é a natureza nem é espaço. Sua caracterização busca diferenciar paisagem de ambiente, colocando-a como divisão entre o homem e a natureza. Desse modo, contraria leituras já habituais, como, por exemplo, de Denis Cosgrove e Stephen Daniels que tratam a paisagem do ponto de vista iconográfico; ou de Yi-fu Tuan que separa ambiente e paisagem pela cognição. Ingold (2000p. 193, tradução nossa)

---

<sup>2</sup>“First, human life is a process that involves the passage of time. Secondly, this life-process is also the process of formation of the landscapes in which people have lived.” (INGOLD, 2000, p. 189)

resume que “a paisagem é o mundo como é conhecido por aqueles que o habitam, aqueles que habitam seus lugares e percorrem seus caminhos conectando-os”<sup>3</sup>.

Besse (2014), entretanto, buscando cercar alguma definição da paisagem sob a ótica da geografia humanística, estabelece portas para sua compreensão. A primeira seria a paisagem como “representação cultural e social”, como um “modo de perceber”. O autor afirma que, sob esse ponto de vista:

A paisagem não existe, objetivamente, nem em si; então, ela é relativa ao que os homens pensam dela, ao que percebem dela e ao que dizem dela. Ela é um tipo de grade (retícula) mental, um véu mental que o ser humano coloca entre ele mesmo e o mundo [...] (BESSE, 2014, p. 12).

Essa visão corrobora o que estabelece Roger (2000) sobre a *artialização*, colocando a percepção como fator fundamental para a paisagem. É nesse sentido que se busca compreender a paisagem como acontecimento, ou seja, se considerado um ambiente imutável, parado no tempo, ainda assim a paisagem que se observa acontecerá diferente para cada ser humano que a perceber, e ainda assim poderá ser diferente para a mesma pessoa a depender do momento de sua vida. Contudo, o que Ingold (2000) traz de contribuição a esse pensamento é o fato de que não é possível dizer que existe uma paisagem em si, algo tátil e classificável. “Na paisagem, a distância entre dois pontos, A e B, é experimentada como um percurso realizado, um movimento corporal de um lugar ao outro, e a mudança gradual das vistas durante a rota.”<sup>4</sup> (INGOLD, 2000, p. 191, tradução nossa). Para o autor, a paisagem é algo a ser vivido, “e por meio da vivência, a paisagem se transforma em uma parte de nós, assim como nós somos uma parte dela.”<sup>5</sup> (p. 191, tradução nossa).

Por consequência, falar de uma paisagem-acontecimento, implica falar da vivência, e esta relação se dá por meio da percepção. Corroborando à ideia de que a paisagem não se fragmenta, Guimarães (2002, p. 118) infere que “paisagens emergem de uma única paisagem, segundo nossas experiências e percepções.”. Desse modo a “paisagem vivida” para a geógrafa se relaciona aos “processos de cognição, percepção, afetividade, memória, alienação e construção de imagens.” (p. 124).

<sup>3</sup>“In short, the landscape is the world as it is known to those who dwell therein, who inhabit its places and journey along the paths connecting them.” (INGOLD, 2000, p. 193)

<sup>4</sup>“In the landscape, the distance between two places, A and B, is experienced as a journey made, a bodily movement from one place to the other, and the gradually changing vistas along the route.” (INGOLD, 2000, p. 191)

<sup>5</sup>“And through living in it, the landscape becomes a part of us, just as we are a part of it.” (INGOLD, 2000, p. 191).

## 2.1 \_ Paisagem para os sentidos

Desse compêndio, fixa-se então a ideia de que a paisagem existe para os sentidos. Sob esse ponto de vista entende-se que a paisagem depende do homem, assim como o homem depende dela. Por um lado, sem a percepção e a demarcação não há paisagem, por outro, é nela que os homens estabelecem suas vidas. Essa dualidade pode indicar que de fato a paisagem preexiste ao homem. Contudo, se pensado epistemologicamente, se conhece a paisagem como conceito há não muito tempo. Se os sentidos são responsáveis pela existência da paisagem, a percepção ambiental é seu motor criativo. Como abordado por Roger (2000) a *artialização in visu* é parte fundamental da criação do que se entende por paisagem hoje, ou pelo menos o foi por muito tempo. Não obstante, os códigos visuais da paisagem lapidados pelos pintores acabaram por concentrar na visão, o entendimento comum do ambiente, enquanto os outros sentidos apenas se puseram a serviço de qualificar o que se vê.

De acordo com Tuan (1980), o sentido da visão é, de fato, o primeiro contato da percepção consciente do homem com o ambiente. Porém é somente por meio da conjunção dos sentidos que a percepção se torna completa. “Ver não envolve profundamente nossas emoções.” (TUAN, 1980, p. 12). A visão como única forma de cognição carrega o problema da superficialidade das impressões, assim como “para diferenciar a textura das superfícies não é suficiente colocar um dedo sobre elas: o dedo tem que se movimentar sobre elas.” (TUAN, 1980, p. 14). A complexidade da paisagem, portanto, só pode ser apreendida pelo ser humano de forma sensível pela combinação dos sentidos. Um cheiro evoca uma lembrança, um som pode incomodar, assim como o frio e o calor.

Ferrara (1993), aborda a percepção pelo viés da semiótica, enquanto capacidade de apreender e gerar informação a partir da experiência, e infere que tal fenômeno divide-se em duas dimensões: o percepto e o juízo perceptivo. “O percepto não agride nem estimula a percepção [...] é uma imagem que se apresenta imediatamente na sensação de sua materialidade” (FERRARA, 1993, p. 108). O percepto é uma protopercepção, onde não cabe a consciência, mas apenas o registro do receptor, uma percepção passiva, espontânea e incontrolável.

O juízo perceptivo, ao contrário, é uma percepção ativa que depende, integralmente da consciência do receptor. Opera ativamente sobre o percepto, na medida em que lhe impõe uma diversificação de aspectos que se valorizam no conhecimento [...]. No percepto registra-se o índice do objeto, uma cor, por exemplo, no juízo perceptivo, a qualidade do objeto passa a ser o elemento que o distingue de outros da mesma espécie

e pelo qual ele assume um valor distinto para quem percebe. (FERRARA, 1993, p. 108).

A matriz sensorial de um indivíduo é seu acervo de experiências perceptivas criado ao longo de sua vida e caracterizado por sua cultura. Ela é posta em exame quando o sujeito se encontra em um ambiente distinto daquele a que está habituado. Nesse momento, o juízo perceptivo age na diferenciação dos novos elementos daqueles previamente conhecidos. Desse modo, pode-se dizer que a percepção acontece de forma completa nesse segundo momento, se tornando uma percepção crítica, e não somente a recepção de sinais biológicos dos sentidos afetados pelo ambiente.

Embora os sentidos sejam a porta de entrada da percepção, e todos os seres humanos sejam biologicamente parecidos, são os valores culturais que, de fato, diferem a capacidade de cognição do ambiente. A maneira como se enxerga o mundo depende de como o mundo é ensinado desde os primeiros momentos da vida.

Como resultado, não somente as atitudes para com o meio ambiente diferem, mas difere a capacidade real dos sentidos, de modo que uma pessoa em determinada cultura pode desenvolver um olfato aguçado para perfumes, enquanto os de outra cultura adquirem profunda visão estereoscópica. Ambos os mundos são predominantemente visuais: um será enriquecido por fragrâncias, o outro pela agudeza tridimensional dos objetos e espaços. (TUAN, 1980, p. 14).

A cultura não somente molda a sensibilidade biológica do ser humano, como também suas “preferências ambientais”, algo a ser discutido nesse trabalho, principalmente quando interessa saber como os andarilhos dos Passos de Anchieta percebem o percurso. Até aqui foram explanadas formas com que o corpo responde aos estímulos do ambiente, mas como se dá a leitura do espaço é a principal busca para se compreender a motivação da caminhada, ou as preferências no percurso. Nesse sentido, Tuan (1980), ao comparar diversas culturas, exemplifica como a visão pode sofrer variações de acordo com crenças e dogmas, ao ponto de responder à seguinte pergunta de forma afirmativa: “A cultura pode influenciar a percepção, de maneira que uma pessoa possa ver coisas inexistentes?” (TUAN, 1980, p. 69).

O papel social no seu meio influencia sua visão de mundo, seja a diferença ocidental da dona de casa e seu esposo, ou do caçador e da mulher que administra a aldeia. As diferenças perceptivas analisadas por sexo podem sofrer distinções a depender da cultura. Para Tuan, por exemplo: a diferença perceptiva que se observa na sociedade ocidental entre esposa e marido é

clara “para os adultos da classe média baixa e baixa. Por outro lado, os papéis dos sexos não são tão bem definidos entre membros da classe alta cosmopolita [...]” (TUAN, 1980, p. 72).

A distinção perceptiva entre visitante e nativo é outro caso abordado por Tuan (1980) que tem importante relevância no estudo empírico deste trabalho, por se tratar de uma atividade fortemente influenciada pelo turismo. Para o autor

em geral [...] o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção freqüentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. (TUAN, 1980, p. 72).

Desse modo, o turista costumeiramente tende a perceber superficialmente o ambiente, fazendo o seu julgamento estético a partir do que vê. “O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza.” (TUAN, 1980, p. 74) enquanto o morador por saber da realidade do local pode ter uma visão complexa, fundamentada em questões socioambientais. Contudo, ainda aponta Tuan que o visitante pode ter validade em seu julgamento, trazendo uma nova perspectiva.

O ser humano é excepcionalmente adaptável. Beleza ou feiura – cada um tende a desaparecer no subconsciente à medida que ele aprende a viver nesse mundo. O visitante, frequentemente, é capaz de perceber méritos e defeitos, em um meio ambiente, que não são mais visíveis para o residente. (TUAN, 1980p. 75).

Se a percepção da paisagem está condicionada à experiência do homem com o ambiente e consigo mesmo, há que se ponderar que existe uma relação psíquica importante: como se está para a paisagem? E como a paisagem está para si? Ou seja, mesmo consideradas as variáveis na percepção, o acontecimento da paisagem também está condicionado ao momento psíquico daquele que a percebe. Petrarca, embora possivelmente tenha se deparado com uma paisagem exuberante do alto do monte Ventoux, não pôde admirá-la em sua beleza por seu estado emocional, isto é, a paisagem não lhe remediou os males interiores que buscava curar com sua empreitada. Por outro lado, um exemplo também estudado por Besse (2006), o de Goethe e sua viagem de formação à Itália, traz um lado positivo do olhar para a paisagem marcado pela percepção pictórica. De acordo com Bartalini (2012, p. 119) em leitura de Besse (2006) “Goethe se reencontra na paisagem italiana. Tal reconciliação do eu com o mundo exterior se estende para outras esferas, como as relações entre arte e natureza, entre a parte e o todo de modo geral.”.

Besse (2014), em uma das suas portas para compreensão da paisagem, estabelece que “a paisagem é uma experiência fenomenológica”. Desse modo coloca a paisagem como uma experiência a ser vivida, e infere que:

A caminhada poderia constituir um exemplo fundamental dessa experiência da paisagem: e, mais precisamente, esse momento particular que é o cansaço na caminhada, cansaço que não é nem esgotamento, nem lassidão, mas que restitui a sua disponibilidade ao corpo e, como diz Nicolas Bouvier, a sua *porosidade* em relação ao mundo, que lhe restitui a sua capacidade de ser afetado pelos dados sensíveis do mundo. (BESSE, 2014, p. 48).

Caminhar, para o autor, é uma forma questionadora de estar no mundo, é uma “experimentação do mundo e de seus valores.” (BESSE, 2014, p. 55). A caminhada dá sentido aos espaços, qualificando-os, tornando-os lugares.

## 2.2 \_ percepção em movimento

Nesse sentido, cabe compreender a atividade de caminhada como forma de fruição da paisagem, já que os sujeitos estudados na pesquisa empírica desta dissertação, durante os quatro dias, são caminhantes acima de tudo. Os andarilhos dos Passos de Anchieta, em suas possíveis e variadas motivações, se comprometem a andar um determinado trecho, tendo especificados seus pontos de partida e chegada e o caminho a ser percorrido. Desse modo, engendra-se a percepção de uma paisagem em movimento, uma sucessão de vistas, que são processadas pelas suas mentes em consideração não só à sua formação cultural, mas também ao estado físico-psíquico no decorrer da jornada. Entende-se, portanto, que tal esforço físico implica em certas peculiaridades na percepção da paisagem.

Uma primeira compreensão necessária diz respeito à modalidade de caminhada cometida nos Passos de Anchieta. Em concordância com Frédéric Gros (2010) esse tipo de caminhada não é uma modalidade esportiva que incide em quebras de recordes, ou com finalidades de estética corporal. Segundo o autor, em “Caminhar, uma filosofia”, nesse tipo de caminhada,

Primeiro, há a liberdade suspensiva oferecida pela caminhada, mesmo que se trate de um mero passeio: desvencilhar-se do fardo das preocupações, esquecer por um tempo os compromissos. Opta-se por não carregar o escritório consigo: passeia-se, vaga-se, pensa-se em outra coisa. Com a excursão de vários dias de duração, acentua-se o processo de desligamento: escapa-se das obrigações do trabalho, fica-se livre do grilhão dos hábitos. (GROS, 2010, p. 11).

No entanto, a caminhada dos Passos de Anchieta não está completamente desprendida de doutrinas e crenças, visto que parte de uma rememoração do caminho de um padre jesuíta, hoje

consagrado santo. Nesse sentido a tese de Leide Costa (2009) doutora em ciências da religião, indica que o caminho dos Passos de Anchieta não tem a característica de peregrinação clássica, pois não tem como objetivo principal a chegada a um lugar sagrado, e sim traz à tona o que chama de "peregrino moderno" (p. 116), não necessariamente religioso. De acordo com Costa,

O percurso equivale a uma jornada interior e configura-se com um processo de transformação pessoal. O santuário é representado aqui pela via sagrada onde se renova uma prática milenar: a peregrinação, o próprio caminhar no ritmo de cada um. O sagrado é a própria experiência do caminho. É a sacralização do caminho. (2009, p. 115-116).

A "jornada interior", a que Costa se refere, pode ser comparada com a jornada de Petrarca. O poeta italiano, de acordo com Besse (2006), conforme aqui já tratado, ao se julgar acometido de um mal psíquico que o levava a letargia emocional decidiu empreender a escalada ao monte Ventoux como um momento do "retorno a si próprio" (BESSE, 2006, p. 04), e com o intuito de fruir da vista alcançada do cimo. O autor faz referência à subida de Petrarca como um desejo de transgressão pessoal, e como metáfora ao deserto, "onde a meditação cristã colocou, há tempo, a dramaturgia da saúde da alma e das tentações contra as quais ela decide lutar, voltando as costas ao mundo e à sua urbanidade." (BESSE, 2006, p. 03). A comparação dos Passos de Anchieta com o caminho de Petrarca auxilia a compreensão da questão da vontade de se lançar em uma empreitada como essa, de se entregar a uma experiência dificultosa, que ao final não se sabe que recompensa se trará.

Portanto, a caminhada tratada nos Passos de Anchieta tem seu lado secular, independente de dogmas e crenças; por outro, é uma sacralização de um percurso. Entretanto, ao promover uma "jornada interior" desenhada por paisagens vivazes, a caminhada se torna uma forma peculiar de percepção, marcada pela participação do andarilho na própria paisagem.

Fala-se então, da percepção da paisagem em movimento, isto é, de uma percepção que não é estática, mas sim uma sucessão de pontos de vista que se sobrepõem, permitindo uma percepção ambiental ampliada. Nessa perspectiva, Ingold (2011) defende a ideia de que a percepção da paisagem está intimamente ligada ao movimento corporal, coligindo que "nós não percebemos as coisas a partir de um único ponto privilegiado, mas sim andando ao redor delas."<sup>6</sup> (INGOLD, 2011, p. 45, tradução nossa). O autor afirma ainda que tal percepção depende não só do movimento, mas da forma com que se movimenta. Desse modo, a caminhada empreendida nos

---

<sup>6</sup>"We do not perceive things from a single vantage point, but rather by walking around them."(INGOLD, 2011, p. 45)

Passos de Anchieta implica em uma forma participativa de percepção da paisagem, ou seja, em que o sujeito não é apenas um observador externo, e sim atuante na própria paisagem. Diferente de locomover-se de forma automotiva, onde o observador está, de um certo modo, distante da realidade, na caminhada não há separação entre indivíduo e ambiente, a não ser pela cultura. Nesse sentido Careri (2013, p. 51) infere que:

O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares.



Figura 5 – Fotografia da obra *A Line Made By Walking* de Richard Long. Inglaterra, 1967.

Fonte: [www.richardlong.org](http://www.richardlong.org). Acessado em 16 de janeiro de 2017.

A “produção de lugares” é trabalhada por Careri (2013), em partes, sob influência da arte, principalmente a *Land Art*. Ao citar exemplos como o de Richard Long em “*A line made by walking*” (Figura 5), o autor exemplifica a primeira manifestação artística produzida somente pelo ato de caminhar. A obra de Long demonstra como o corpo, e nesse caso, somente o corpo, pode transformar o espaço em lugar, em concordância à afirmação de Tuan (1983 p. 06) de que “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor.”.

Richard Long fez essa operação caminhando em linha reta em um campo aberto, marcando na

grama seu percurso. Tal obra, de acordo com Careri (2013), foi uma das mais importantes do século XX e que desapareceria logo assim que a grama voltasse a crescer. Somente a fotografia foi capaz de torná-la um objeto de arte perene. Besse (2014, p. 54) acrescenta ainda que “Embora efêmeras e tendo como único testemunho as fotos que traz, suas obras são como os vestígios, as marcas da sua passagem pelo local. Elas contribuem, entretanto, para renovar a visão que temos desses locais.”.

O caminho percorrido pelo andarilho dos Passos de Anchieta é, em sua maioria, um caminho plano e, por se localizar no litoral e, em grande parte, em meio a reservas ambientais, oferece



uma vastidão de paisagens naturais excepcionais. De forma a corroborar para a conclusão de que a paisagem, semelhante ao que Besse (2006) aponta sobre Petrarca, é uma motivação para a caminhada dos Passos de Anchieta, Costa (2009, p. 116) afirma que

A paisagem por onde passa o caminho é um ponto alto da peregrinação. Seu efeito terapêutico faz com que os andarilhos sintam, vivam e experienciam algo de diferente e de transcendente, um tipo de relação peculiar com o lugar, com o outro e consigo mesmo.

Desse modo, pode-se compreender que o caminho é a forma de alcançar essa paisagem sacralizada, ou, em outras palavras, uma paisagem-espetáculo. Assim como em “Paisagem Fotografada” (GOLTARA, 2013) se concluiu que a paisagem que se avista do Convento da Penha é uma das principais motivações da subida até o local onde se encontra a construção, pode-se dizer que nos Passos de Anchieta, a paisagem tem seu protagonismo e motivação para caminhada. Um fator de destaque que corrobora para essa conclusão é de que, no caminho dos Passos de Anchieta, grande parte dos lugares por onde se passa não são acessíveis de outro modo que não pela caminhada. Isto é, acessar tais lugares pressupõe o esforço físico da caminhada, assim como subir uma montanha para ver as paisagens do alto, como no caso de Petrarca.

Retomando as ideias de Besse (2014) e Careri (2013), sobre a caminhada como uma experiência artística questionadora dos lugares, ambos concordam que dessas experiências efêmeras, ficam marcas que se eternizam nos relatos visuais. Caminhar por um local desconhecido não é mais que uma transformação pessoal e uma relação com o espaço, transformando-o em lugar na própria efemeridade do momento, enquanto dure a estada ou a passagem. Não obstante, os relatos fotográficos têm o poder de extrapolar essas ocasiões e marcar a experiência no tempo, além de ser uma forma de propagação, e até prova dos acontecimentos. Uma fotografia pode “eternizar” um acontecimento, e, por conseguinte, marcar a paisagem no instante fugidio sob o olhar de quem a interpreta em imagem.

### 2.3 \_ a imagem da paisagem

O que é, pois, uma foto? O que faz com que uma coisa seja uma foto? O que numa foto pertence à esfera da fotografia? Em outras palavras, o que é a fotograficidade? (SOULAGES, 2010 p. 128).

O crítico de arte especializado em fotografia François Soulages (2010) elabora o conceito de “fotograficidade” de forma a investigar o “fotográfico” na imaterialidade da fotografia. A preocupação do autor ao abordar a “fotograficidade” é que se busque uma compreensão, aos

moldes do que Todorov diz da literatura, com a fotografia possível e não somente com a fotografia real. Ou seja, independentemente da materialidade que torna a fotografia factível, existe um sem-número de matérias outras das quais a fotografia pode tomar partido. É nesse sentido que este trabalho aborda a produção fotográfica, principalmente no seu processo de popularização, buscando analisar as possibilidades de se representar a paisagem independentemente da matéria prima fotográfica e do tempo na qual se insere.

Segundo o historiador de arte Aaron Scharf (1974), à primeira produção fotográfica destaca-se William Henry Fox Talbot, um artista amador que representava a paisagem em seus desenhos, e foi um dos responsáveis pela primeira produção de fotografias de paisagem, bem como a descoberta de um dos primeiros processos fotográficos: o *Calótipo*, uma forma de fixação química da imagem. De acordo com Scharf (1974) alguns dos *calótipos* de Talbot são anteriores à metade do século XIX, e são considerados umas das primeiras fotografias de paisagem registradas e publicadas em livros.

Nota-se que a produção de fotografias de paisagem foi um dos primeiros interesses dos fotógrafos, fato que pode ser atribuído, inicialmente, ao próprio interesse da pintura em representar a natureza. A condição químico/mecânica do processo de produção das primeiras fotografias também influenciou a escolha pela representação da natureza. As primeiras fotografias levavam horas para serem fixadas no anteparo sensível, desse modo a paisagem, por sua característica quase que imóvel e muitas vezes dotada de iluminação favorável, era um tema facilitador do processo.

Boris Kossoy (2002), em seu trabalho dedicado ao aspecto de veracidade da fotografia, considera que o século XX inicia-se com um novo pensamento de consumo de imagens com origens no século anterior, principalmente devido à invenção da fotografia. O autor atribui ao cartão postal, uma revolução cultural importante para a consolidação da "civilização da imagem" (KOSSOY, 2002, p. 63).

O advento do cartão postal, coincidentemente ao surgimento das revistas ilustradas entre outras formas de difusão impressa da imagem pictórica e, em especial da fotográfica (tornadas tecnicamente possíveis na passagem do século XIX para o XX), representou uma verdadeira revolução na história da cultura. As imagens mentais do chamado mundo real e as do universo da fantasia individual e coletiva se tornam finalmente acessíveis para a grande massa. Um mundo portátil, fartamente ilustrado, passível de ser colecionado, constituído de uma sucessão infindável de temas vem finalmente saciar o imaginário popular." (KOSSOY, 2002 p. 63).

O ideário popular pautado nas imagens, como aponta o autor, é um importante dado a ser considerado no que diz respeito ao encantamento crescente com a fotografia. Os cartões postais e os álbuns de vistas representavam formas de fruição do mundo por meio de imagens, levando o espectador a ter a ilusão de conhecer os lugares sem nunca os ter visitado de fato. Esse movimento prestou serviço de publicidade às cidades, criando nas populações de outros lugares o desejo de visitar e conhecer tais paisagens.

O potencial publicitário das imagens foi reconhecido principalmente pelos governos como uma forma de divulgar lugares mostrando suas belezas. Nesse sentido Kossoy (2002) atribui à intenção da Monarquia de civilizar (ou europeizar) o Brasil, o principal fomento da utilização da fotografia com interesses publicitários no país. Por meio da investigação da peça "*Le Brésil: álbum de vues du Brésil*" (**Figura 6**), o autor demonstra como a fotografia (e outros meios de produção de imagens utilizados no documento) acompanhada de um discurso romântico e até racista, foi capaz de criar uma imagem cultural estereotipada e arquetípica do Brasil para a Europa. Kossoy (2002, p. 96) analisa a intenção do Barão do Rio Branco, responsável pela edição do álbum e conclui que:

[...] o que ele pretendia mesmo era tentar desfazer aquela visão de um Brasil atrasado social e moralmente, em função de um sistema econômico desumano baseado na força do trabalho escravo e, das próprias personagens negras que seguiam habitando as páginas daquele antigo álbum<sup>7</sup> [...] cenas que, na realidade cristalizaram a imagem do país ao longo do século XIX. (KOSSOY, 2002 p. 96).

O fomento institucional da produção de imagens, principalmente de paisagens, prosseguiu ao longo do século XX, não somente no Brasil como em outros países onde isso já era mais consolidado. O comunicólogo Fábio Goveia (2011, p. 32) aponta que toda essa cultura de imagens fez surgir um "ideário da memória coletiva nacional ancorada principalmente na paisagem". Nota-se que a paisagem é um tema recorrente desde a pintura até a produção fotográfica de diversas maneiras e intenções, e no decorrer do século XX, tanto a fotografia quanto os cartões postais ganharam força suficiente para promover principalmente o turismo. Isso ocorreu de tal maneira, que paisagens tidas como interessantes, principalmente por sua beleza, frequentemente foram e são chamadas de "cartões postais" de tal lugar. Goveia (2011,

---

<sup>7</sup>Kossoy (2002) se refere a um álbum anterior ao "*Le Brésil*", o "*Brésil Pittoresque*" de autoria de Victor Frond, feito de "fora para dentro" (p. 95) e que constituía uma "imagem/conceito do Brasil no exterior ao longo de trinta anos" (p. 95). "A obra de Frond reúne uma sucessão de imagens que, por certo, não se coadunavam ideologicamente com a ideia de civilização." (p. 95).

p. 33) ainda assinala que "as vistas capturadas pelos fotógrafos da segunda metade do século XIX acabaram por elaborar uma identidade visual que em alguns lugares permanece até hoje".

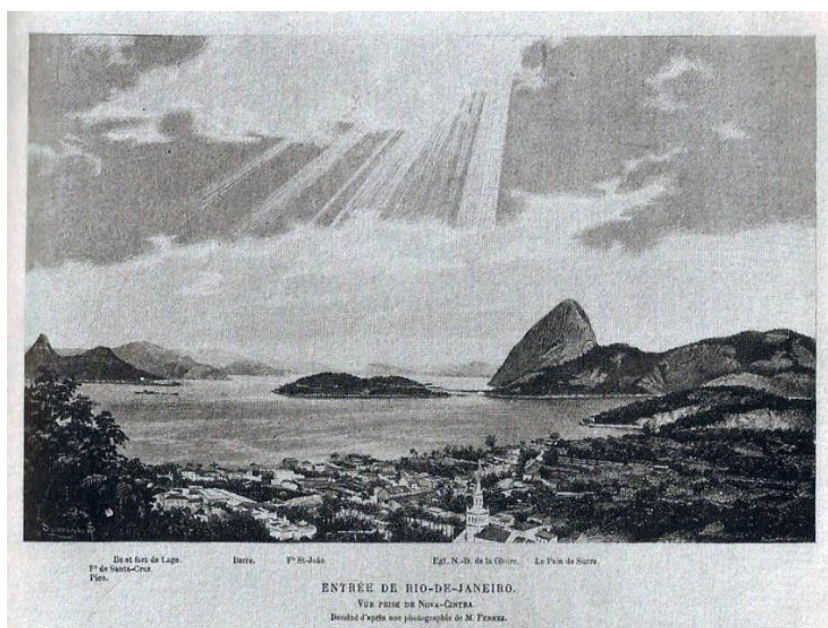


Figura 6 - imagem do "Le Brésil: álbum de vues du Brésil". "imagem de uma natureza vibrante, cenários iluminados pelas luzes resplandcentes dos trópicos" (KOSSOY, 2002 p. 107).  
Fonte: Kossoy, 2002.

Em pesquisa anterior, foi contatado que o processo de popularização da fotografia partiu de ações da indústria audiovisual, chegando ao século XXI, no auge da produção de imagens, agora digitais. O princípio de tal popularização visava principalmente a venda de equipamentos e suprimentos para produção fotográfica; já, nas últimas décadas, a evolução técnica do fazer fotográfico está mais ligada à produção de informação por meio do entretenimento (GOLTARA, 2013).

De volta ao final de século XIX, logo após a descoberta da câmera fotográfica como se conheceu durante muitos anos, a empresa Kodak foi responsável por uma maneira revolucionária de popularizar a fotografia. Seu invento se baseou em uma câmera de menores dimensões que as existentes até então, destinadas somente a profissionais conhecedores da técnica fotográfica. A *Brown Camera* funcionava com apenas um clique, sem necessidade de ajustes, e era vendida com o rolo de filmes já preparado. Após a tomada das fotografias o usuário devolvia a câmera para o laboratório e recebia as fotografias ampliadas juntamente com a câmera preparada para novas fotografias. Este foi o início de uma jornada técnica que não mais foi interrompida. Em seguida, os filmes 35 mm foram a grande invenção que tornaria mais fácil o uso da câmera e a troca dos rolos, e que seriam utilizados por todo o século XX (GOLTARA, 2013).

Embora não tenha tomado proporções grandiosas, a câmera Polaroid também representou uma quebra de paradigmas entre as décadas de 1970 e 1980. Com ela o fotógrafo obtinha o resultado de sua fotografia instantaneamente. A foto expelida pela câmera *Polaroid* era diferente das fotografias convencionais: as cores eram levemente alteradas pelo processo, o formato era exclusivamente quadrado, por não ter negativo, não permitia reprodução - pelo menos com as tecnologias daquele momento – e sua durabilidade era pequena. A *Polaroid* lançava então um novo fazer fotográfico, com características técnicas próprias, linguagem imagética diferenciada, e principalmente lançava o pensamento da imagem finita e irreproduzível, diferente dos negativos que, se bem conservados, tinham vida útil e reprodutibilidade incontável.

Já, ao final do século XX, outra revolução na produção de imagens se tornava popular: a fotografia digital. Nesse momento o aparelho fotográfico suprimia o processo químico inventado cem anos antes, e passava a captar a imagem por meio de um sensor digital que transformava a luz em camadas de dígitos binários lidos por computador. Inicialmente os outros elementos da câmera se mantinham os mesmos, e ao invés do espaço para inserir o filme, aparecia o visor, onde a imagem era instantaneamente reproduzida, remetendo em certo ponto à ideia da *Polaroid*, porém em modo virtual.

Mas foi de fato no início do século XXI que a grande revolução de produção de imagens, como se vê hoje, aconteceu. Nesse momento a globalização tomava novas formas engendradas pela *internet* cada vez mais popular, e a fluidez de informações passava a ditar as regras de mercado. Nesse contexto, as fotografias ganharam nova forma de propagação: o compartilhamento via *web*. As fotografias até então eram compartilhadas em álbuns, revistas, cartões postais, livros, entre outros meios. Agora qualquer usuário de *internet* poderia compartilhar suas fotografias e experiências. De todos os aparatos tecnológicos envolvidos nessa revolução do compartilhamento, o aparelho celular inteligente é o grande protagonista. Chamados de *smartphones* (telefones inteligentes), esses aparelhos se tornaram item fundamental ao cidadão, principalmente urbano, de forma que concentrou em um único objeto, várias formas de comunicação: o telefone, o *email*, agenda, relógio, e, principalmente, a câmera fotográfica.

A multifuncionalidade dos novos aparelhos celulares, além de outros como *tablets* e *GPS's*, criou um sistema de mídia chamado **mídias locativas**. Em texto sobre essas novas mídias a semiologista Lucia Santaella (2008, p. 96) indica que a característica física dessas mídias “provocam a intersecção do ciberespaço com o espaço em que nossos corpos circulam”. O

aspecto locativo diz respeito à espacialização das mídias permitida pelas tecnologias de geolocalização incorporadas aos dispositivos comunicacionais de uso cotidiano. Para conceituar as mídias locativas de modo preciso, traz-se a elaboração de André Lemos (2007, p. 01), pioneiro nos estudos de novas mídias no Brasil:

Podemos definir mídia locativa (*locative media*) como um conjunto de tecnologias e processos info-comunicacionais cujo conteúdo informacional vincula-se a um lugar específico. Locativo é uma categoria gramatical que exprime lugar, como “em”, “ao lado de”, indicando a localização final ou o momento de uma ação. As mídias locativas são dispositivos informacionais digitais cujo conteúdo da informação está diretamente ligado a uma localidade. Trata-se de processos de emissão e recepção de informação a partir de um determinado local. Isso implica uma relação entre lugares e dispositivos móveis digitais até então inédita.

Desse modo, ao aliar-se fotografia com mobilidade e conectividade, é possível que se pense em um mapa global de experiências fotográficas possíveis de serem acessadas de qualquer local, e capazes de gerar informações específicas sobre a relação entre indivíduo e espaço. Tornar física a experiência sensorial é um dos aspectos que interessam no estudo das mídias locativas, como descreve Santaella (2008, p. 97):

Embora conectados a imaterialidade das redes virtuais de informação, não poderia haver nada mais físico do que GPS e sinais de Wi-Fi que trazem consigo outras maneiras de pensar o espaço e o que se pode fazer nele.

Nota-se que o compartilhamento de fotografias não somente produz conteúdo, como engendra a utilização diferenciada do espaço. Nesse sentido, pode-se coligir que novas formas de experiências ambientais relatadas por meio de fotografias, sugerem formas diversas de ver o mundo, e agora não mais restritas ao saber fazer artístico, ou ao poder de alcance das mídias impressas e distribuídas, ou mesmo ao capital publicitário. Agora são milhões de fotógrafos divulgando a cada segundo suas experiências com o mundo, ou mesmo compartilhando experiências de outrem que lhes são interessantes.

E quem são esses fotógrafos? Como tratado em estudo anterior (GOLTARA, 2013), essas novas formas de criação de imagem, e principalmente seu poder de compartilhamento, fizeram surgir um grupo de fotógrafos, que não são necessariamente amadores ou profissionais, mas que produzem fotografias e as divulgam diariamente em suas redes sociais digitais. Para além de ser um grupo de fotógrafos, pode ser considerado um grupo de imagens, visto que nele também podem estar incluídas fotografias de fotógrafos profissionais e amadores, mas que, a depender do momento, podem compartilhar “informalidades”. Embora, fruto de uma ideologia de

imagem construída no decorrer do século XX, nessa nova fase da fotografia, o que a diferenciaria de fato em relação ao período anterior, seriam as formas de produção da fotografia e seu compartilhamento. Com o surgimento da fotografia digital, o fotógrafo já não se preocuparia tanto em preparar a fotografia com base na quantidade de poses que o filme lhe permitia (12, 24, 36 ou 42), e o processo de tentativa e erro era instantâneo, permitindo o apagamento de imagens indesejáveis e tentativa de novas fotos com base nos erros anteriores. Além disso, com o avanço das tecnologias de armazenamento, nem o apagamento se fez necessário, e o número de fotografias tomadas aumentou expressivamente.

Essas imagens do cotidiano não necessariamente seguem linguagens específicas; não há uma preocupação tecnicista como, por exemplo, de iluminação ou foco. As escolhas técnicas estão automatizadas pelo próprio aparato fotográfico, deixando o usuário livre para fotografar de forma rápida e, de certo modo despretensiosa no sentido linguístico mais clássico da estética fotográfica. Contudo notam-se intenções específicas: as fotos servem para comunicar experiências. Seja um jantar, um momento entre família ou amigos, um animal de estimação, o sorriso de um bebê, ou mesmo uma paisagem interessante. Principalmente, essas fotografias dizem onde se está, o que se está fazendo, e com quem. Desse modo, pode-se dizer que, ao se desprenderem das qualidades técnicas da fotografia e buscarem sobretudo informar experiências, acabam por criar uma linguagem, ou linguagens próprias, e um bom exemplo é o das *selfies*.

Uma das formas mais constantes dessas fotografias é a *selfie*, ou autorretrato. Para o crítico de arte americano Jerry Saltz (2014, p. 01), as *selfies* criaram uma nova forma fotográfica.

*Selfies* mudaram aspectos de interação social, linguagem corporal, autoconsciência, privacidade e humor, alterando temporalidade, ironia, e comportamento público. Se tornaram um novo gênero visual – um tipo de autorretrato formalmente diferente de todos os outros na história. *Selfies* tem sua própria autonomia estrutural. Essa é uma grande questão para a arte.<sup>8</sup> (tradução nossa).

Para Saltz (2014) as *selfies* se diferenciam dos autorretratos habituais por sua característica espontânea. O autor atribui sua especificidade ao grupo de fotógrafos a que chama de amadores,

---

<sup>8</sup>*Selfies have changed aspects of social interaction, body language, self-awareness, privacy, and humor, altering temporality, irony, and public behavior. It's become a new visual genre—a type of self-portraiture formally distinct from all others in history. Selfies have their own structural autonomy. This is a very big deal for art.* (SALTZ, 2014, p. 01).

e que aqui são chamados de fotógrafos casuais. Saltz ainda ressalta que “é possível que a *selfie* seja o gênero popular mais prevalecente da história.”<sup>9</sup> (2014, p. 02, tradução nossa).

Uma grande revolução representada pelas redes sociais digitais é um dos fatores que criou o fotógrafo casual como se conhece hoje. Nelas o usuário tem o poder de comunicar para o mundo suas experiências e as fotografias são sua maior prova, aceitas pelo senso comum como verdades, ou seja: ver para crer. Redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, com seus incontáveis usuários, nada mais são do que fontes de informação capitalizada em forma de entretenimento. Tudo que se faz nessas plataformas gera dados para o mercado, e esses dados são vendidos a altos custos. É nesse meio que os fotógrafos casuais, na maioria deles, inocentes da realidade por trás da tela de seus aparelhos, contam histórias sobre suas vidas, se expondo de forma vulnerável. Essa realidade parece não ter um caminho descendente, e sim um futuro de muitas inovações que a cada dia permitem explorar mais o entretenimento como forma de geração de dados para consumo.

Embora ao longo do século XX e com o início do século XXI a fotografia tenha passado por algumas revoluções no seu modo de fazer e até tenha se revolucionado em gêneros e linguagens, uma coisa permanece desde sua “descoberta”: a foto é um discurso. É nesse sentido que Soulages (2010) aborda a imaterialidade do registro fotográfico, apontando que em todas as etapas de criação de uma foto há a manipulação do real. Isso, traduzido para a realidade atual da produção fotográfica, incide em questionamentos sobre as intencionalidades de se fotografar e compartilhar algo. Para a paisagem, os álbuns de vistas e os cartões postais talvez tenham sido a maior produção de discursos pela fotografia. Hoje as *selfies* embutem um novo discurso na paisagem, colocando-a, na maioria das vezes como um cenário para a auto-representação, ou a representação do “eu estive aqui”.

\*\*\*

Diante do exposto, tem-se nos Passos de Anchieta o ambiente propício para uma pesquisa empírica que busque analisar a paisagem como um acontecimento, engendrado pela percepção na experiência do caminhar. Além disso, sabe-se que um evento como tal, que tem forte cunho turístico, repercute de alguma forma nas redes sociais, gerando imagens das experiências compartilhadas com o mundo.

---

<sup>9</sup>*It's possible that the selfie is the most prevalent popular genre ever.* (SALTZ, 2014, p. 01).



### **3 \_ Passos de Anchieta: paisagem em movimento**

O Brasil, em sua extensão territorial, diversidade paisagística e cultural, se configura como um campo de grandes possibilidades de criação de rotas de peregrinação do gênero que trata este trabalho. Além disso, a forte tradição do catolicismo no Brasil, que muito se deve à colonização jesuítica, esta arraigada na cultura popular do brasileiro, fazendo com que haja grande resposta a esses tipos de manifestações religiosas. Essa junção de fatores, somada ao interesse turístico por algumas regiões, fez com que desde o ano 2000 surgissem algumas rotas brasileiras de caminhadas anuais inspiradas pelo histórico Caminho de Santiago de Compostela, e que vêm se popularizando ao longo dos últimos anos. Os principais itinerários brasileiros que seguem esse formato hoje são Os Passos de Anchieta, ao qual se dedica este trabalho, mas também, o Caminho da Luz que percorre cidades do interior de Minas Gerais com destino à Serra do Caparaó na divisa com o Espírito Santo, o Caminho da Fé que permeia as montanhas de Minas Gerais e São Paulo rumo ao Santuário Nacional de Aparecida do Norte, e o caminho das Missões Jesuíticas que percorre o patrimônio nacional das Missões no estado do Rio Grande do Sul.

Além desses percursos de grandes extensões e popularidade, existem vários outros pequenos caminhos anuais, dos quais destaca-se o Caminho do Imigrante que percorre montanhas do interior do Espírito Santo entre as cidades de Santa Leopoldina e Santa Tereza. O roteiro, com extensão de 30 quilômetros, tem como intenção rememorar os caminhos dos imigrantes que povoaram a região principalmente no ciclo do café.

É importante ressaltar que existem diferenças fundamentais entre esses percursos e outras manifestações brasileiras de caráter religioso, que atraem multidões às vezes muito maiores que os caminhos como os Passos de Anchieta. Peregrinações e romarias como as do Padre Cícero e Nosso Senhor do Bonfim no Nordeste, e o Círio de Nazareth no Norte, são diferentes das caminhadas acima citadas. Essas manifestações, como alguns percursos de caminhada, têm sua origem na religiosidade e atraem grande número de turistas anualmente. Contudo, as romarias geralmente têm como objetivo principal o alcance do lugar sagrado, e, quando há caminhada, essa se configura mais como um sacrifício pessoal.

Costumeiramente os fiéis que empreendem essas romarias o fazem por promessas ou por tradição. As caminhadas que se baseiam no Caminho de Santiago de Compostela têm características próprias: o caminho é longo e deve ser percorrido a pé; algumas não têm

características religiosas; em conjunto, esses eventos de caminhada criam um circuito nacional que é realizado anualmente pelos mais adeptos da atividade; à primeira vista, a caminhada está mais próxima de uma aventura e de um esporte do que uma realização espiritual.

Nesse contexto, e tendo demonstrado os conceitos nos quais busco neste trabalho me apoiar e apropriar, bem como as discussões teóricas às quais pretendo contribuir, apresento, neste capítulo, o objeto empírico empregado como meio de exame das questões lançadas nesta dissertação. Retomando-as, busco avaliar a percepção da paisagem no caminho dos Passos de Anchieta, com foco para a experiência do movimento lento como fomentador dos acontecimentos, e a fotografia como meio de captura das experiências. Com isso, procuro considerar a construção da paisagem do percurso como uma sucessão de experiências que se sobrepõem formando um “sistema de paisagem”.

O evento Os Passos de Anchieta, atividade de caminhada escolhida como objeto de estudo, é tratado, de forma introdutória, no âmbito histórico a partir da visão mítico/religiosa difundida pela organização da caminhada. Tal escolha se justifica no fato de que, para a compreensão que busco da experiência do percurso, é importante que se entenda como esse é apresentado ao participante antes da sua realização.

Em seguida, discorro sobre os Passos de Anchieta de forma detalhada unindo duas das quatro frentes de pesquisa levantadas para essa dissertação: o exercício de paisagem e o levantamento histórico. A primeira consiste no relato sobre a caminhada que realizei no evento do ano de 2016, do qual participei efetivamente buscando inserir-me no contexto dos caminhantes e compreender sua relação com os lugares por onde passavam. Tal atividade, como já informado, também teve como objetivo complementar o entendimento dos relatos dos participantes entrevistados em 2015, quando frequentei os pontos de início e chegada da caminhada questionando os andarilhos sobre a experiência vivida no percurso.

O levantamento histórico tem como objetivo identificar as principais transformações na paisagem que constituíram os lugares por onde se passa, bem como os aspectos naturais que foram suprimidos para que essas paisagens existissem hoje. A rota de caminhada empreendida nos Passos de Anchieta permeia quatro municípios do litoral sul capixaba, conectando-os, não apenas pelo acontecimento da paisagem, mas também por sua história. Desse modo, entende-se que perceber a paisagem, além da experiência ambiental, significa notar o desenvolvimento da história, seja pela observação da sobreposição de tempos, seja pela noção de modificação da

paisagem ao longo do tempo. Do caminho percorrido por José de Anchieta ao caminho do andarilho dos Passos de Anchieta, uma distância de 400 anos, muita coisa foi modificada, mas também algumas áreas remanescentes dão pistas de como era a paisagem trilhada pelo jesuíta.

A soma das duas entradas de pesquisa permitiu realizar a divisão do percurso no que denomino “momentos de paisagem”. Tal conceito é derivado da ideia da paisagem como acontecimento e como experiência, e remete à forma com que busco tratar a paisagem neste trabalho: como uma entidade fisicamente indivisível, mas que pode ser classificada e possuir diferenciações pela percepção. A caminhada permite contemplar e participar da paisagem em um movimento constante, criando, portanto, conjuntos de paisagens que acontecem num determinado instante. Tal sistematização parte de uma sensibilidade que envolve não só as características físicas do local, mas também o modo como a percepção, influenciada pelo estado físico e psíquico do corpo no ato de caminhar, é afetada pela paisagem.

Um dos objetivos dessa dissertação é de identificar possíveis interesses de preservação da paisagem ao longo do percurso. A partir da percepção das áreas já preservadas no caminho, busco avaliar outros elementos naturais, ou não, que poderiam ser preservados, ou que ao longo dos anos foram suprimidos pela ocupação.

### **3.1\_Os Passos na história**

Tomando por base o texto publicado na página da Associação Brasileira dos Amigos dos Passos de Anchieta-ES (ABAPA), "Os Passos de Anchieta: uma trilha de sucesso" (ABAPA, [201-?]), admite-se o fator inaugural da caminhada como a remontagem de um percurso realizado pelo Jesuíta José de Anchieta nos últimos anos de sua vida. Anchieta, o missionário proveniente das Ilhas Canárias, após realizar missões pelo Brasil, decidiu afixar-se na aldeia indígena de Rerigtiba motivado pela lembrança que tal lugar lhe oferecia de sua terra natal, e ali viveu seus últimos anos. No texto fica exposta a existência de um percurso que se desdobrava numa extensa faixa litorânea brasileira, de São Paulo-SP a Recife-PE, empreendido pelas Missões Jesuíticas, no qual estaria incluído o trecho de 14 léguas de Rerigtiba a Vitória, capital da província. O excerto a seguir, extraído do texto citado, expõe o discurso de congratulação às Missões Jesuíticas:

Ao longo dessa extensa faixa litorânea que alcança grande parte da costa brasileira semearam ensino [os jesuítas], divulgaram o que julgavam ser os fundamentos de uma civilização e fundaram vilas que evoluíram de toscos aldeamentos como Rerigtiba,

Guarapari, N. S. Conceição da Serra, Reis Magos e São Mateus, para citarmos especificamente a costa do Espírito Santo. (ABAPA, [201-?]).

Claramente a ideologia propagada pela organização do evento se apoia na ideia de que o aldeamento promovido pela coroa portuguesa e amparado pela Companhia de Jesus, teve grande importância para o desenvolvimento da região, bem como para a instauração dos "fundamentos de uma civilização" baseados nos moldes cristão-católicos europeus. Entretanto, é importante discutir a atuação das Missões Jesuítas no local pela ótica antropológica abordada pela pesquisadora Sonia Misságia Mattos (2009), que incide no tratamento dado ao povo nativo aldeado em Anchieta, e, que por uma conjunção de fatores ligados à colonização, hoje se encontra ainda em crescente ameaça de perda de seu território. Segundo a autora, mesmo com indícios de um aldeamento anterior,

[...] pode-se dizer que a Aldeia de Iiritiba<sup>10</sup>, como aldeamento aos moldes do colonizador português, foi fundada em 1569, por Padre José de Anchieta, e que surgiu como parte fundamental de uma estratégia de posse, garantindo o controle e soberania do colonizador português. (MATTOS, 2009, p. 09).

Portanto, ligado diretamente à colonização portuguesa, José de Anchieta teve papel fundamental na instauração do polo da Companhia de Jesus que fazia parte do complexo sediado em Vitória, e que se estendia pelo litoral da província. A aldeia de Rerigitiba, ou Iiritiba fundada em 1565, “conforme o príncipe Wied-Neuwied (1989, p. 137), formava a maior aldeia da costa, congregando cerca de seis mil índios das diversas tribos que vagavam na região” (*apud* BITTENCOURT, 1999, p. 28).

Ao se dizer que os Jesuítas, assim, "semearam o ensino" pelo solo espírito-santense, pode-se inferir que, em realidade, instituíram os dogmas católicos e modos de vida europeus, promovendo assim prejuízo à cultura dos grupos étnicos nativos e consequente enfraquecimento do poder de manter seu território. De acordo com Moreau (2003) os Jesuítas serviam à Coroa Portuguesa no sentido de fazer a intermediação entre tal poder com os nativos, e por mais que tivessem tentado amenizar certos comandos, era o poder econômico e político quem tinha o veredito. Portanto,

[...] do presente, é difícil julgar o papel da Companhia [de Jesus]. Quis veementemente proteger os índios e integrá-los honradamente à civilização dominadora, mas obrigou-

<sup>10</sup>Existe uma incongruência quanto ao nome do aldeamento localizado onde hoje é Anchieta. Em algumas fontes é encontrado Rerigitiba ou Reritiba, como por exemplo, no texto da ABAPA citado. Outros pesquisadores e historiadores, com o exemplo de Mattos (2009), usam a nomenclatura Iiritiba. De acordo com historiadores ambos os nomes fazem menção a um lugar com muitas ostras.

os à força a largar costumes e rituais, tornando-os aculturados, frágeis e expostos ao massacre. (MOREAU, 2003, p. 83).

Contudo, é importante destacar o papel de José de Anchieta como proeminente escritor, gestor, e, principalmente, por sua importância no catolicismo brasileiro sendo recentemente proclamado santo pelo Vaticano. De acordo com Levy Rocha (2008), historiador capixaba, Anchieta esteve em terras da província do Espírito Santo durante o período de dez anos e até seu falecimento. "Por duas vezes teve o catequista de se transferir para Vitória, sendo designado superior da casa do Espírito Santo, arcando com a responsabilidade do governo das quatro aldeias então existentes na capitania" (ROCHA, 2008, p. 97). Esse excerto, de alguma forma, corrobora por meio de fatos históricos, a crença de que José de Anchieta fazia a viagem de Rerigtiba até a capital Vitória. Desse modo, o caminho dos Passos de Anchieta, apoiando-se nessa ideia,

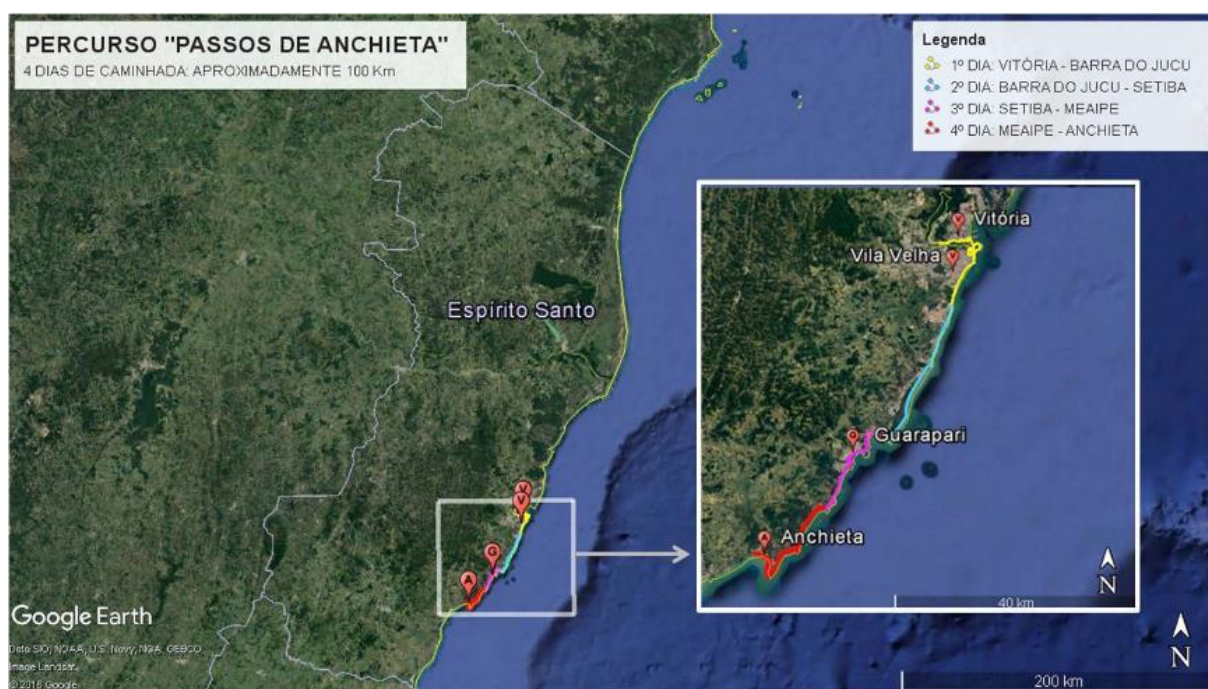
[...] resgata o trecho de 100 quilômetros compreendidos entre Anchieta e Vitória que José de Anchieta percorria regularmente duas vezes por mês, o denominado "caminho das 14 léguas" que o jesuíta vencia na companhia - freqüentemente na dianteira - dos guerreiros temiminós que o acompanhavam na missão de cuidar do Colégio de São Tiago, erguido num platô da Vila da Nossa Senhora de Vitória, hoje transformado no Palácio do Governo, na cidade de Vitória. (ABAPA, [201-?]).

Desde 1998 a rota vem sendo percorrida uma vez ao ano no feriado de Corpus Christi. Como já informado, com duração de quatro dias, o caminhante percorre cerca de 25 quilômetros por dia por entre 5 a 7 horas, a depender do condicionamento físico. Iniciando em Vitória, na Catedral Metropolitana, o percurso segue passando pelo Convento de Nossa Senhora da Penha (ou Convento da Penha) em Vila Velha, até a Barra do Jucu, onde encerra o primeiro dia de caminhada. No segundo dia, o caminhante parte da Barra do Jucu em direção a Setiba em Guarapari, no dia seguinte segue até Meaípe e no último até Anchieta (**Mapa 2**). A rota, sobretudo, durante os quatro dias de realização do evento, promove uma integração entre os quatro municípios, Vitória, Vila Velha, Guarapari e Anchieta, de modo a extrapolar seus limites políticos, criando uma única linha onde o fluxo de pessoas passa deixando sua marca, seja nas pegadas, seja na interação com os habitantes dessas localidades.

### 3.2\_o caminho

Tendo, em 2015, observado a chegada dos andarilhos nos quatro locais de parada e realizado entrevistas sobre sua experiência, surgiu a necessidade de caminhar pelo percurso em uma espécie de experiência etnográfica com finalidade de conhecê-lo, sobretudo quanto à relação

dos caminhantes com o mesmo, o qual chamei “exercício de paisagem” inspirado pela publicação de Besse (2014). Desse modo, em 2016, primeiramente participei de uma caminhada de aquecimento no dia 16 de janeiro, com saída na Prainha em Vila Velha e destino à Barra do Jucu no mesmo município. As caminhadas de aquecimento são realizadas mensalmente cumprindo um dos trechos do percurso, e têm como objetivo principal o diagnóstico da rota pela organização, mas também são abertas ao público que deseja experimentar e se preparar para a caminhada oficial.



Mapa 2 - Mapa do percurso dos Passos de Anchieta  
Fonte: produzido por Luayza Perim sobre base cartográfica GoogleEarth.

Minha experiência na caminhada de aquecimento trouxe algumas conclusões um tanto desanimadoras de início, mas que serviram como análise de alguns fatores importantes, como, por exemplo: pude observar que o pequeno grupo que fazia a caminhada de aquecimento, em sua maioria organizadores do evento, caminhava alheio ao ambiente, conversando sobre coisas aleatórias, e pouco se falava sobre a caminhada de fato. Um ponto muito tocado nesse dia foi a segurança dos andarilhos, já que em determinado momento, caminhávamos por uma região considerada de risco por ser local de prostituição, e famoso por ter sido há décadas um ponto de ocultação de cadáveres.

Nesta caminhada, notei que não havia, por parte dos caminhantes, interação com a paisagem, seja por fotografias, por observação atenta, ou mesmo por falas que indicassem alguma forma de percepção. Entendi que isso ocorria pelo fato de serem pessoas já muito acostumadas com o

percurso e com o próprio ato de caminhar, ou mesmo porque seu interesse ali era de estar entre amigos e avaliar a infraestrutura necessária para o evento que viria. Por fim, notei que não traria mais conteúdo para a pesquisa participar das caminhadas de aquecimento, e sim da caminhada oficial.

### **\_primeiro dia – Catedral Metropolitana de Vitória até Barra do Jucu**



Figura 7 - Catedral Metropolitana de Vitória.  
Fonte: produzida pelo autor.

Quinta feira, 26 de maio de 2016, sete horas da manhã, no horário marcado para concentração do primeiro dia de caminhada dos Passos de Anchieta cheguei à Catedral Metropolitana de Vitória e ali encontrei reunido um grande número de andarilhos (**Figura 7**). A praça, que está no alto de um dos muitos elevados do Centro de Vitória, estava totalmente ocupada por essa atividade, e, naquele momento, havia infraestrutura para o evento, e também imprensa, polícia e bombeiros. A banda de congo Tambor Jacarenema fazia a acolhida e dava o ânimo para a partida, e em seguida o Padre residente da Catedral dava a benção aos andarilhos. O clima de expectativa era grande, muitos se alongavam, conversavam sobre o percurso que seguiria neste dia, alguns faziam suas preces, e a religiosidade era bastante presente.

Erguida no exato lugar onde esteve edificada a singela matriz de Vitória, uma construção datada de meados do século XVI e reconstruída na passagem do século XVIII para o século XIX, a Catedral Metropolitana é parte do projeto de modernização cultural da capital, dominante na primeira metade do século XX. (ESPÍRITO SANTO, 2009, p. 419).

A **Figura 10**, do ano de 1930, indica a construção da Catedral imponente na paisagem, com o entorno ainda caracterizado por construções de baixos gabaritos. O término da construção se deu somente na década de 1970 (ESPÍRITO SANTO, 2009), período da fotografia da **Figura 10**, onde se observa uma paisagem dominada por edifícios, que por sua altura e densidade de ocupação nos terrenos, já escondiam partes da Catedral. Hoje é possível ver trechos da igreja de alguns pontos do Centro de Vitória. Contudo é somente nas proximidades da construção que se enxerga sua completude.



O começo da caminhada se deu por um primeiro grande grupo de andarilhos, que começou a se deslocar dali, e com eles segui pela Rua Pedro Palácios (**Figura 8**). A rua também conhecida como Rua do Fórum, faz a ligação entre a Catedral e o Palácio Anchieta, antigo Colégio São



Figura 10 - Vista do Centro de Vitória com destaque para Catedral Metropolitana no ano de 1930. Fonte: [www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br). Acessado em 25 de janeiro de 2017.

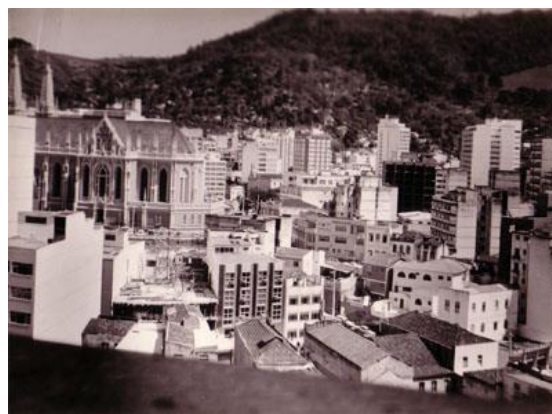


Figura 10 - Vista do Centro de Vitória com destaque para Catedral Metropolitana no ano de 1970. Fonte: [www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br). Acessado em 25 de janeiro de 2017.

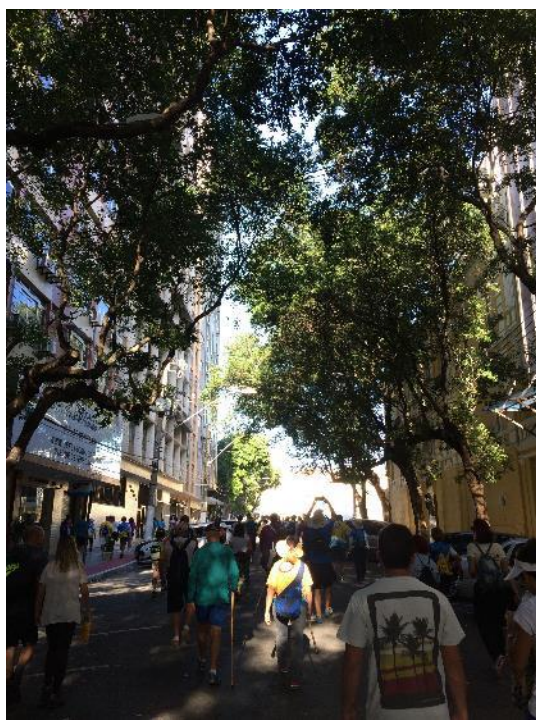


Figura 8 - Rua Pedro Palácios, a caminho do Palácio Anchieta. Fonte: produzida pelo autor.

Tiago, que foi sede do complexo jesuítico que se estendia pela província, e onde José de Anchieta foi enterrado. A rua bem arborizada e a visão do palácio ao fundo davam inspiração para o início da caminhada, e serviam de cenário para as primeiras fotografias dos andarilhos em movimento (ver **Mapa 4** na página 67).

O Colégio de São Tiago teve sua construção iniciada em 1570 e cumpriu a função religiosa até a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759. Após o período de apossamento dos bens da Companhia de Jesus pelo império, passou a ser a sede do governo da Capitania, função que mantém, em partes, até hoje (ESPÍRITO SANTO, 2009).

De acordo com Rocha (2008) no ano de 1860, chegada do segundo imperador do Brasil à capital da província do Espírito Santo, Vitória não passava de uma vila de não mais que cinco mil habitantes, embora fosse considerada cidade, e em alguns aspectos buscasse o progresso da colônia. A região onde se encontra o Palácio, em conjunto com a escadaria Barbara Lindenberg,



cuja inauguração data de 1912 (DIAS, 2014), representa a paisagem atual do que foi o ponto central da Capital durante os primeiros séculos da colonização.

Passando pelo Palácio e descendo a escadaria Bárbara Lindenberg, a vista se abriu para a Baía de Vitória, e o primeiro contato com a água se deu através do Porto de Vitória. A fila de andarilhos se configurava como uma invasão ao espaço urbano, e enquanto seguíamos o caminho, a paisagem se abria aos olhos e muitos se maravilhavam com a ampla vista que abarcava, à direita, o Penedo, as estruturas portuárias, a “Terceira Ponte” e até o Convento da Penha, e à esquerda, o Centro de Vitória (**Figura 11**). Esse foi o único momento em que a água esteve ao lado direito. Muitos fotografavam, e alguns subiam na mureta que separa a rua do mar para serem fotografados diante daquelas vistas.

O caminho pela Avenida Beira Mar percorre área conquistada ao mar por meio de aterro hidráulico realizado na década de 1950. O que antes era encosta de mar (**Figura 12**) deu espaço para construções que visavam, sobretudo, elevar o grau de modernidade da cidade de Vitória (**Figura 13**). Com a realização dos aterros e dragagem do canal também cresceu a capacidade de carga do Porto de Vitória e suas estruturas passaram a dominar a paisagem da avenida.



Figura 11 - Centro de Vitória, Penedo, “Terceira Ponte”.  
Fonte: produzida pelo autor.



Figura 12 - Vista aérea Centro de Vitória no ano de 1931. Ao centro a Avenida Capixaba e à esquerda a Baía de Vitória.  
Fonte: [www.ijns.es.gov.br](http://www.ijns.es.gov.br). Acessado em 30 de janeiro de 2017.



Figura 13 - Vista aérea do Centro de Vitória na década de 1970. Ao centro a Avenida Beira Mar, à direita área de aterro realizado na década de 1950.  
Fonte: [www.cidadesempostais.blogspot.com.br](http://www.cidadesempostais.blogspot.com.br).  
Acessado em 30 de janeiro de 2017.

A imagem do Centro de Vitória hoje tem forte influência desse período de aceleração do crescimento. Contudo, a partir da década de 1970, outro aterro construiria o que atualmente representa outro centro de comércio e serviços da cidade de Vitória: a Enseada do Suá. A mudança de localização de alguns setores do comércio, serviços, e administração pública para essa nova área, teve influência no Centro histórico, que hoje mantém ainda características comerciais fortes, mas sofre com alguns abandonos, principalmente pelo setor residencial nas proximidades do Porto.

Praticamente todo o percurso realizado em Vitória, a partir da descida da escadaria Barbara Lindenberg, é feito em área de aterro, um reflexo da realidade da ocupação do solo na capital do Estado. Dos 96 mil metros quadrados de área do território de Vitória, 12 mil são de aterros, construídos entre as décadas de 1830 e 1990 (GAZETAONLINE, 2016).

O caminho urbano na cidade de Vitória foi curto, e rapidamente entramos em um ônibus que nos levaria à Prainha em Vila Velha (ver **Mapa 4** na página 67). A travessia de ônibus este ano, era a única opção. Contudo, sabe-se que no passado tal percurso somente podia ser realizado por via marítima, inclusive era essa a forma com que o Padre Anchieta deveria atravessar a

baía. E assim o foi até 1928, ano em que foi inaugurada a Ponte Florentino Avidos, primeira passagem terrestre entre Vila Velha e Vitória (FREITAS, 2012). Entre os anos de 1978 e 1998 uma opção para quem necessitasse atravessar a baía era o transporte aquaviário, que fazia conexão entre as cidades de Vila Velha, Vitória e Cariacica. Outra opção ainda era a atividade secular dos catraieiros, que também faziam a travessia com pequenas embarcações a remo. Todavia, devido a recentes reformas e ampliações do Porto de Vitória, tal atividade foi extinta (CONDE, 2016). A travessia pelas pontes Florentino Avidos e “Segunda Ponte” (ou Ponte do Príncipe) acabam por distanciar o percurso, embora a segunda seja opção da tradicional Romaria dos Homens, que faz o caminho do Centro de Vitória ao Convento da Penha nas festividades de Nossa Senhora da Penha, padroeira do estado.

A Enseada do Suá, área por onde o percurso hoje é realizado por ônibus, como dito anteriormente, nasceu de um aterro na década de 1970, e hoje, junto com a “Terceira Ponte” (Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça), concluída no final da década de 1980 (ESPÍNDULA, 2014), formam um dos maiores polos de atração do estado (ver **Mapa 4** na página 67).

No ônibus, ao passar pela “Terceira Ponte”, alguns andarilhos tiveram sua atenção tomada pela beleza da vista da entrada da Baía de Vitória. Alguns arriscavam suas câmeras pela janela para fotografar, enquanto uma participante narrava suas experiências no caminho de Santiago de Compostela. Chamou a atenção quando, contando sobre uma parte bem dificultosa do percurso espanhol, a mulher disse que passava por um trecho “industrial” que compreendia oito quilômetros de estrada onde “não se via nada, nem a paisagem tinha graça”. Esse discurso invoca a questão: o que seria uma paisagem “graciosa” na visão da andarilha? Tal questionamento incide na ideia de que o julgamento estético pessoal do ambiente está relacionado à experiência de vida de quem o percebe, ou seja, suas referências. Cabe constatar que a maioria dos participantes dessas caminhadas, não somente Santiago de Compostela, mas também dos Passos de Anchieta, são visitantes ou turistas. Nesse sentido, Tuan (1980) discorre sobre as diferentes percepções do ambiente para o visitante e o habitante, e infere que:

A avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes. (TUAN, 1980, p. 74).

Esse primeiro questionamento levantado a partir da fala de uma participante dos Passos de Anchieta deve permear toda a experiência desse trabalho, ao passo que mesmo eu, habitante do Espírito Santo por toda a vida, caminhei pelo desconhecido em grande parte do percurso.

A viagem de ônibus tem final na região da Prainha em Vila Velha, local onde aportaram os colonizadores e inauguraram a primeira vila do estado. A mudança da sede para a Ilha de Santo Antônio, hoje Vitória, se deu por motivos de segurança contra saqueadores estrangeiros e insurreições dos nativos. No local, se encontra construção que representa a primeira igreja construída pelos colonizadores, já que não se sabe se a igreja existente hoje é de fato a construção original (ESPIRITO SANTO, 2009). Embora o percurso dos Passos de Anchieta não inclua visita à Igreja do Rosário, a construção é uma das principais marcas históricas do processo de colonização na região.



Figura 15 - Enseada da Prainha na década de 1930. Vê-se ao topo o Convento da Penha, e na base do outeiro o portão de entrada.  
Fonte: FRANCHINI, 2016, p. 43

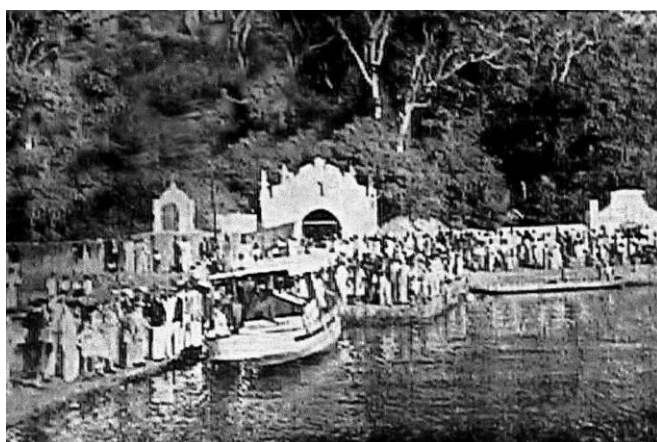


Figura 14 - Enseada da Prainha na década de 1930. Vê-se ao topo o Convento da Penha, e na base do outeiro o portão de entrada.  
Fonte: FRANCHINI, 2016, p. 43

A conformação geográfica da Prainha, originalmente, era de uma enseada, margeada de um dos lados pelo Morro do Convento. Nessa margem está a subida de pedestres, nomeada Ladeira da Misericórdia, hoje utilizada pelos andarilhos para acessar o Convento (**Figura 15**) (ver **Mapa 3** na página 62).

Na década de 1970, a enseada da Prainha sofreu um aterro, modificando totalmente a paisagem. Na imagem da **Figura 14**, da década de 1920, observa-se a movimentação no Porto dos Padres para a festa de Nossa Senhora da Penha. A região, tendo sido até 2009 um parque que foi demolido; hoje representa um imenso vazio urbano não planejado da cidade de Vila Velha (FRANCHINI, 2016).

De volta a 2016, a chegada à Prainha encontrava fila para o primeiro carimbo na credencial. Esses carimbos são marcas icônicas dos



lugares determinados pela organização como mais importantes no caminho (**Figura 16**). São símbolos, muitas vezes de cunho informativo turístico, que representam algo marcante do lugar, seja cultural ou paisagístico. Como exemplos, tem-se a imagem do Convento da Penha sobre o Outeiro, ou a Casaca - instrumento musical característico da cultura do Congo - na Barra do Jucu. Além disso, os carimbos são a comprovação da realização completa do percurso.



Figura 16 - Credencial do Andarilho com carimbos completos.

Fonte: produzida pelo autor.



Mapa 3 - Mapa atual da região do Parque da Prainha, chegada do percurso de ônibus do primeiro dia dos Passos de Anchieta.

Fonte: produzido pelo autor sobre base Google Earth.

Após carimbar a credencial, segui para a subida do Convento pela Ladeira da Misericórdia, um caminho íngreme de calçamento de pedras irregulares proveniente da década de 1770 (CONVENTO DA PENHA, 200?), permeando a Mata Atlântica preservada no Outeiro (**Figura 17**). A subida, único acesso ao Convento até a construção do caminho de carros na década de

1940, tem grau elevado de dificuldade pela inclinação e também pelo piso que muitas vezes oferece perigo de escorregamento. Essas condicionantes somadas à redoma fechada de árvores criam um ambiente propício para a meditação, e, nesse momento, a maioria dos andarilhos caminhava em silêncio, com olhar concentrado no chão para desviar das pedras escorregadias e das folhas caídas. A subida dá a sensação de "santuário", ou seja, está sacralizada de alguma forma, mesmo para os heréticos, e tem clima de penitência.

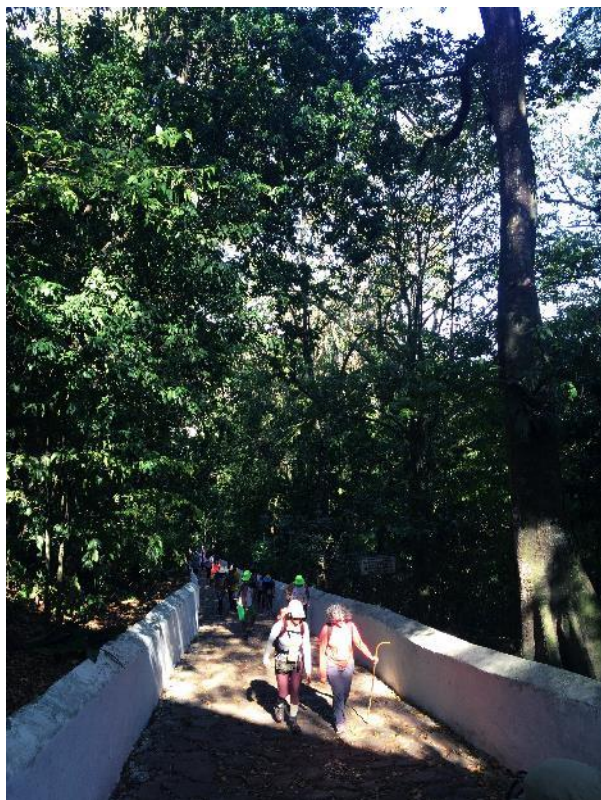


Figura 17 - Subida do Convento da Penha pela Ladeira da Penitência.

Fonte: produzida pelo autor.

A chegada se dá no Campinho, área de estacionamento e local de eventuais cerimônias para grande público, não comportados no interior da pequena área interna do Convento. Nesse ponto, algumas pessoas se dirigiam à igreja ou à parte de onde se tem a vista panorâmica da cidade de Vitória, ponto alto da visita do Convento. Contudo, dentre os andarilhos, não foram muitos os que se dirigiram a esses lugares. Sobre isso se pode coligir que, assim como eu que já conheço o local, outros preferiram seguir o caminho, passando pelo novo carimbo, e iniciando a descida.

Na descida, pela nova estrada, chamou minha atenção uma mulher que saiu do caminho e entrou na mata para fotografar a vista da cidade de Vitória em meio às árvores (**Figura 18**). Depois de tomada a foto, dizia: "sou boa fotógrafa de paisagem, minhas paisagens geralmente são muito bonitas". Seu julgamento estético sobre paisagem, que avistava e decidiu por fotografar, está relacionado ao juízo de valor na percepção da paisagem, demonstrando que aquela vista lhe parecia bela em comparação a suas referências anteriores de paisagens.

A subida ao Convento nos Passos de Anchieta pode ser considerada um adendo turístico-religioso ao que seria o percurso original do Padre José de Anchieta. A data, um pouco incerta, da construção do Convento e a da estada de José de Anchieta na capitania são contemporâneas, ou seja, de meados do século XVI ao final (ESPÍRITO SANTO, 2009). Contudo, a capela dedicada à Nossa Senhora da Penha construída com esforços do Frei Pedro Palácios, pertencia



à ordem franciscana, e, aparentemente, não existem registros históricos que remetam a uma relação direta entre essa e a ordem do Padre Anchieta em solo capixaba. Também não é comum encontrar na história, menção à passagem do Padre Anchieta por alguma localidade referente ao que hoje é o Convento da Penha. Desse modo, esse seria um desvio do objetivo geral da caminhada do Padre, que era de chegar ao Colégio São Tiago, esse sim pertencente à ordem jesuíta.



Figura 18 - Vista da Baía de Vitória e do Parque da Prainha na descida do Convento da Penha.

Fonte: produzida pelo autor.

O caminho dos Passos de Anchieta é sinalizado com ícones que remetem ao caminhar, como por exemplo, pegadas e placas com o logotipo da ABAPA. A inserção desses elementos no contexto urbano é notada pela primeira vez, no percurso que vai da entrada de carros do Convento até o Morro do Moreno (ver **Mapa 4** na página 67) e por ser um caminho quase labiríntico por entre as ruelas do Centro de Vila Velha, faz-se necessária a atenção aos sinais. A seguir, o cenário mudou completamente, e a “Terceira Ponte” passou a ser o grande marco visual da paisagem (**Figura 19**) juntamente com os edifícios da Praia da Costa, e o caminho seguiu por de baixo da megaestrutura que compõe um cenário plural. De um lado, está o Outeiro do Convento da Penha com sua mata fechada, no meio o canal da Costa e a ponte, do outro lado o Morro do Moreno que se assemelha ao morro do Convento e mais à frente, a parede de torres de edifícios da Praia da Costa. Embora pudesse classificar a paisagem deste lugar como bela por seu aspecto visual, o odor do “valão” que está abaixo da ponte (**Figura 20**), e o barulho dos



Figura 19 - Vista da "Terceira Ponte" e dos edifícios da Praia da Costa.

Fonte: produzida pelo autor.



Figura 20 - Travessa do canal em baixo da "Terceira Ponte".

Fonte: produzida pelo autor.

carros, transformam a experiência em algo pouco aprazível. Nesse sentido é possível relacionar essa sensação ao que escreveu Tuan (1980) sobre a percepção da paisagem, indicando que o primeiro contato é o visual, e a partir disso, os outros sentidos trabalham para diferenciar o VER do OLHAR. O olhar está relacionado ao modo como se classifica o ambiente, dentro das experiências pessoais, e os sentidos além da visão, que completam a percepção e podem mudar completamente a sensação sobre o que o olho avistou.

O momento mais marcante do primeiro dia veio a seguir quando fiz o contorno no Morro do Moreno (ver **Mapa 4** na página 67). Não somente eu, mas a maioria dos andarilhos estava deslumbrada com a paisagem de Vitória avistada por entre a vegetação da estrada que margeava o mar (**Figura 21**). Dali avistava-se a entrada da Baía de Vitória de um ângulo inusitado, quase ao nível do mar, uma vista ampla que abarca desde o Porto de Tubarão até a Enseada do Suá, coroada pela imponente formação rochosa do Mestre Álvaro. A caminhada foi uma sucessão de paradas para observar, e à medida que seguia, a vista ia se modificando e se viam melhor as Ilhas do Boi e do Frade (**Figura 21**), bem como ilhotas mais próximas à costa de Vila Velha.

A região do Morro do Moreno é formada pela paisagem natural salpicada de construções residenciais, na sua maioria grandes mansões. Sobre isso ouvi uma andarilha que reclamava de tal ocupação, dizendo ser irregular, pois a área seria pertencente à União. Não aprofundando neste tema, acrescento que a "invasão" denunciada pela participante de fato mostra-se degradante àquela paisagem, transformando o lugar, que poderia ser um passeio pela natureza



à beira mar, em um bairro com características de condomínio fechado. As vistas alcançadas da margem esquerda da estrada muitas vezes estavam impedidas pelas construções que de certa forma privatizam a encosta. Como se observa nas fotografias aéreas da **Figura 22**, essa região, nas cotas mais baixas do Morro do Moreno, já estava loteada na década de 1970, com estradas abertas. Contudo, até o final da década de 1990, ainda não havia ocupação significativa, e nota-se um aumento considerável nos últimos 10 anos.

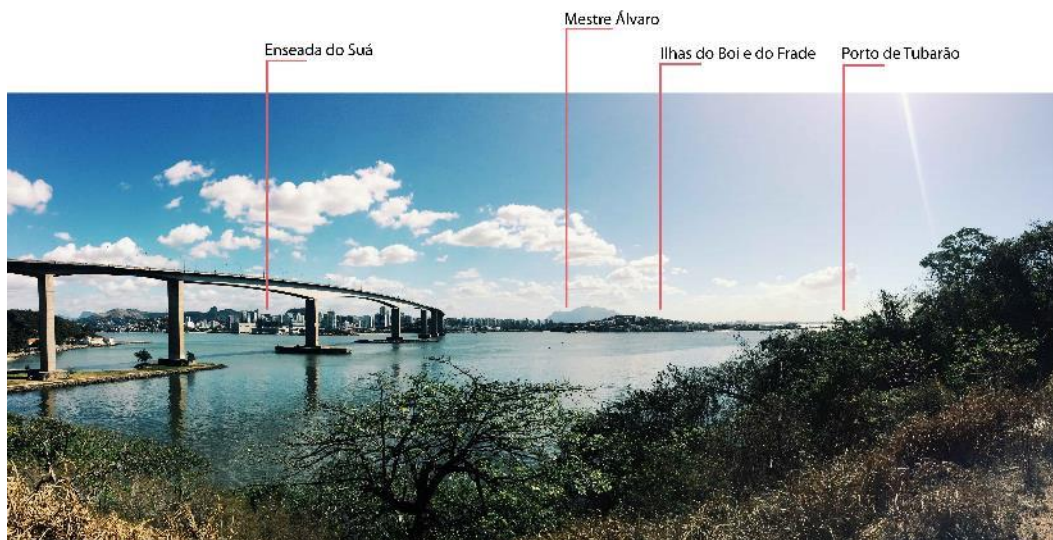


Figura 21 - Vista de Vitória a partir da estrada do Morro do Moreno com indicação de alguns pontos importantes da paisagem de Vitória.

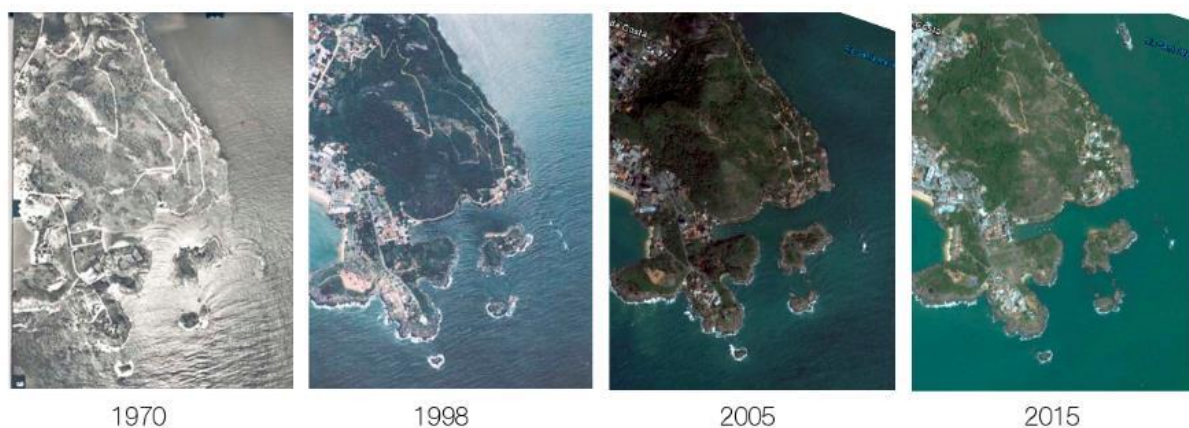
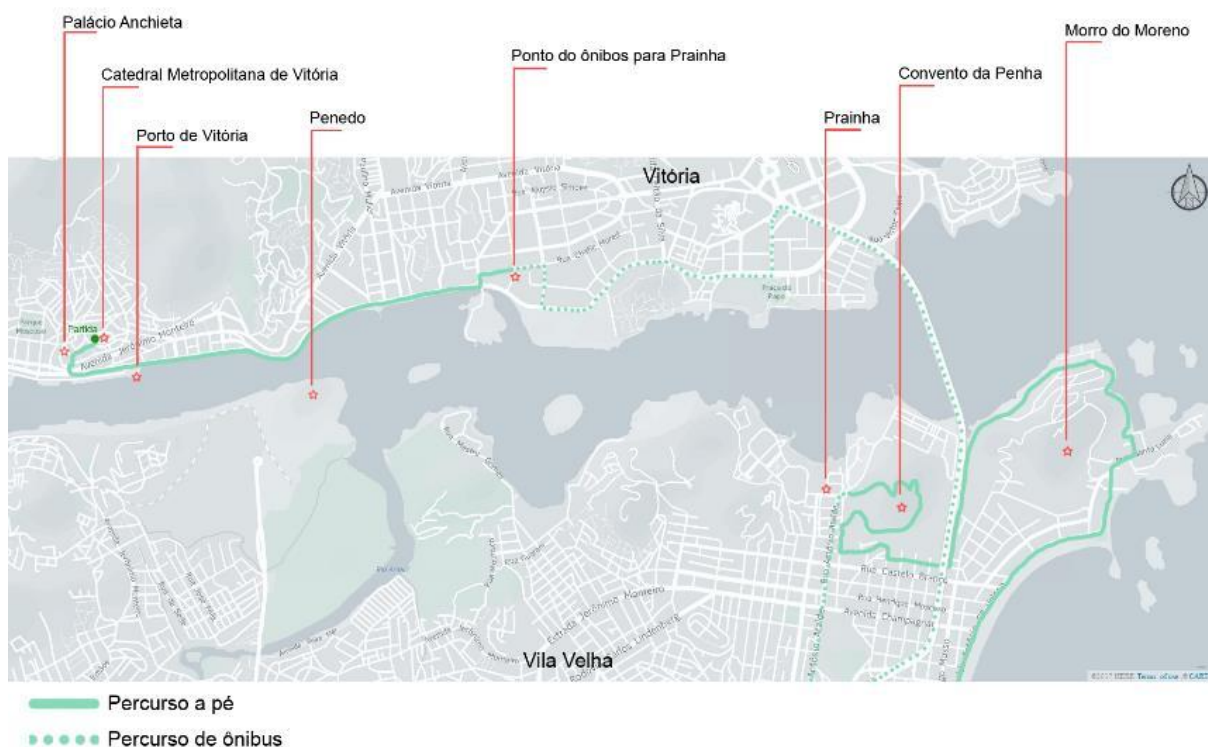


Figura 22 - Fotografias aéreas do Morro do Moreno dos anos de 1970, 1998, 2005 e 2015.  
Fonte: [www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br) (1970 e 1998), e Google Earth (2005 e 2015). Acessados em 30 de janeiro de 2017.

Terminada essa parte do percurso, entrei na região da Praia da Costa, ocupada por altos edifícios residenciais, e cheguei à orla mais urbanizada de Vila Velha, que na sua extensão da Praia da Costa até Itaparica, mantém a mesma característica paisagística: de um lado um “paredão” de edifícios, ao meio a rua e o calçadão, e do outro as instalações praianas, em sua maioria quiosques, e o mar aberto com ilhotas próximas à costa. As Praias da Costa, de Itapoã e de

Itaparica sofreram, e ainda vêm sofrendo, ocupação alarmante da orla, ao ponto que os altos edifícios acabam por fazer sombra em algumas partes da praia em determinados horários do dia e períodos do ano. Na **Figura 23**, nota-se a grande transformação paisagística representada pela verticalização na região.



Mapa 4 – Primeira parte da caminhada do primeiro dia com destaques para elementos importantes  
Fonte: produzido pelo autor sobre base cartográfica ©HERE for CARTO.



Figura 23 - Vistas aéreas da Praia da Costa nos anos de 1961 e década de 2010.  
Fonte: [www.ijns.es.gov.br](http://www.ijns.es.gov.br) (1961) e [www.loucosporpraia.com.br](http://www.loucosporpraia.com.br) (atual). Acessados em 30 de janeiro de 2017.

No primeiro dia da minha caminhada, dia de feriado de Corpus Christi, essa parte da orla de Vila Velha, principalmente Praia da Costa e Itapoã, estava bastante movimentada. Muita gente estava ali fazendo suas atividades físicas, passeando, e, especialmente nesse dia, havia muita





Figura 24 - Confeção dos tapetes de Corpus Christi na Praia da Costa, Vila Velha  
Fonte: produzida pelo autor.

aglomeração no calçadão em torno da confecção de tapetes tradicionais do feriado católico (**Figura 24**). Os andarilhos se embaraçavam no meio de tanta gente, e pela primeira vez, faziam pouca diferença onde passavam. A aura religiosa voltou a estar presente nesse momento, onde muitos paravam para fotografar os tapetes e discutiam sobre a data comemorativa.

Em determinado ponto, os edifícios da praia de Itaparica acabaram e a paisagem passou a ser composta, de um lado, pelo mar com sua vegetação de restinga e do lado oposto por terrenos vazios salpicados com pequenas construções e ao fundo, a ocupação do interior dos bairros de Vila Velha. Nesse momento, ficou mais aparente a vista do

Morro da Concha (**Figura 25**), que já era avistado em alguns pontos do percurso na orla, porém nesse momento estava mais evidente. O Morro da Concha fica localizado na Barra do Jucu (ver **Mapa 5** na página 70), destino final desse primeiro dia de caminhada, e seu posicionamento na paisagem remete ao final da jornada.



Figura 25 - Praia de Itaparica, vista do Morro da Concha em destaque.  
Fonte: produzida pelo autor.

Essa ideia de referente de chegada, que o morro instiga, era compreendida por muitos dos caminhantes, como observei ouvindo as conversas nessa parte do percurso, em frases como, por exemplo, "parece que o morro está perto, mas nunca chega", e "agora já dá para ver o final". Desse modo, pode-se caracterizar o Morro da Concha como um importante marco da caminhada, assim como o Convento da Penha, o Morro do Moreno e a orla de Vila Velha. Tal relação com o morro representando o fim da jornada, indica que a caminhada dos Passos de Anchieta se distancia um pouco das teorias de que o caminhar não deve se importar com o fim, e sim com o próprio percurso, como abordado por Gross (2010), ou pelas teorias situacionistas sobre o caminhar à deriva no contexto urbano. No caso que aqui se apresenta, o fim representa uma etapa concluída da grande jornada que se inicia, trazendo o sentimento de vitória, de superação dos limites.



Figura 26 - Estrada para Barra do Jucu por entre a Reserva de Jacarenema.  
Fonte: produzida pelo autor.

O trecho a seguir tinha clima de “reta final”, porém com a peculiaridade de ser em local considerado perigoso, por ser uma área desertificada em meio à reserva de Jacarenema (ver **Mapa 5** na página 70). A estrada de barro à beira mar tem, em sua maior parte, vegetação de restinga dos dois lados, o que impedia a vista do mar (**Figura 26**). Nesse momento, somente se via o Morro da Concha ao final e chamava atenção dos caminhantes a sucessão de despachos religiosos no caminho que causavam espanto a alguns.

O Parque Municipal de Jacarenema vem sendo protegido desde a década de 1990. A preservação da região do estuário do Rio Jucu, que teve início devido à pressão popular, hoje sofre com algumas formas de ocupação que acabam se tornando comuns em áreas ribeirinhas. De acordo com Holz (2012) “toda a região do entorno no Rio Jucu apresenta alto grau de fragilidade ambiental”, seja por ocupações irregulares de baixa renda, seja por instalações industriais que têm áreas de influência de degradação muito próximas à reserva.

O primeiro dia de caminhada terminou com a chegada à Barra do Jucu passando pela Ponte da Madalena, famoso referente do vilarejo, de onde se podia observar a chegada do Rio Jucu (ver **Mapa 5** na página 70) e a cadeia de montanhas que abraça a região da Grande Vitória (**Figura**

27). O conjunto da estrada, em meio a reserva por onde passa o percurso, com a Ponte da Madalena, formava o único caminho para o Rio de Janeiro até 1954, quando da construção da Rodovia do Sol (MACEDO, 2015).



Figura 27 - Vista da foz do Rio Jucu pela Ponte da Madalena na Barra do Jucu, Vila Velha.  
Fonte: produzida pelo autor.



Mapa 5 - Segunda parte do percurso do primeiro dia com destaque para elementos importantes.

Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.

Barra do Jucu, Vila Velha, é uma vila praiana muito conhecida pela cultura do congo, tradição musical representada pelas bandas que tocam tambores e casacas (instrumento de percussão típico dessa cultura) e dançam ao som de entoadas a santos e símbolos locais. A antiga vila de pescadores provém de parte da fazenda Araçatiba, de origem jesuíta, o que indica que a comunidade é uma das mais antigas do estado, das quais a cidade de Anchieta faz parte. Na década de 1970 a vila foi reduto de artistas e intelectuais, que formaram ali uma comunidade de produção cultural das mais proeminentes do Espírito Santo (MACEDO, 2015).

A chegada dos caminhantes na praça central da vila promoveu a interação com a cultura local e marcou um ponto importante do percurso permitindo ao andarilho sociabilizar com os residentes nas rodas de congo, no teatro de rua e assim também modificando a rotina do local.

Encerrado o primeiro dia, a impressão que ficou foi de uma paisagem plural. Até metade da orla de Vila Velha, a caminhada ainda foi, de certo modo, um aquecimento, uma sucessão de pequenos acontecimentos que mesclava a todo tempo urbanidade e natureza. Sempre haviam elementos naturais muito marcantes em meio ao tecido urbano. Mas existiam áreas naturais que causavam a impressão de que a cidade estava muito distante.

O **Mapa 6** apresenta os “momentos de paisagem” em uma cartografia da percepção. Ou seja, as cores indicam, de um modo geral, as partes da cidade que se visualiza em cada “momento”. Nota-se que a depender da altura do observador, como no caso do momento 1.3 “do alto”, tem-se uma vista ampla da cidade de Vitória, enquanto nas praias urbanas de Vila Velha, no momento 1.5 “muralla”, essa vista se reduz devido tanto à altura a nível do mar, quanto a conformação urbana verticalizada que impede a ampla visualização da cidade. A sobreposição das cores indica a transição dos “momentos de paisagem”, ou mesmo partes da cidade e da paisagem urbana que se sobrepõem. Desse modo, constitui-se parte do “sistema de paisagens”, subdividido pelos momentos, e a relação entre os mesmos.

#### 1.1 - Sobre águas

Caminho por entre um centro histórico, verticalizado, e de certa maneira, bucólico. Único momento em que o mar está ao lado direito do caminhante. Contudo, a linha d’água não é natural, é construída por aterros, e as estruturas portuárias tomam o visual. O cheiro é marcante, e o som de cidade é forte.

#### 1.2 - Sobre rodas

Percurso feito por ônibus, a velocidade é diferente, a paisagem é fugidia. Atravessar a “Terceira Ponte” oferece uma vista da Baía de Vitória que ressalta aos olhos dos visitantes, porém rapidamente é substituída pela chegada conturbada em Vila Velha. Fica a imaginação de como seria fazer o caminho por via marítima como se fazia usualmente desde o Padre Anchieta até mais recentemente.

#### 1.3 - Do alto

A subida ao Convento oferece um descanso mental dado pela natureza enquanto impõe um forte cansaço físico pela dureza do caminho. Do alto vê-se Vitória, mais do que o

próprio Convento, e este é o ponto de maior altitude do caminho, oferecendo ao andarilho a vista de cima.

#### 1.4 - Respiro

Após a descida do Convento inicia-se o momento de entrada no tecido urbano de Vila Velha; contudo há ainda uma fuga dada pelo contorno do Morro do Moreno, que oferece vistas emolduradas da Baía de Vitória e das ilhas próximas. Esse momento se caracteriza por um descanso da dura subida ao Convento, mas também por um respiro de fuga do urbano.

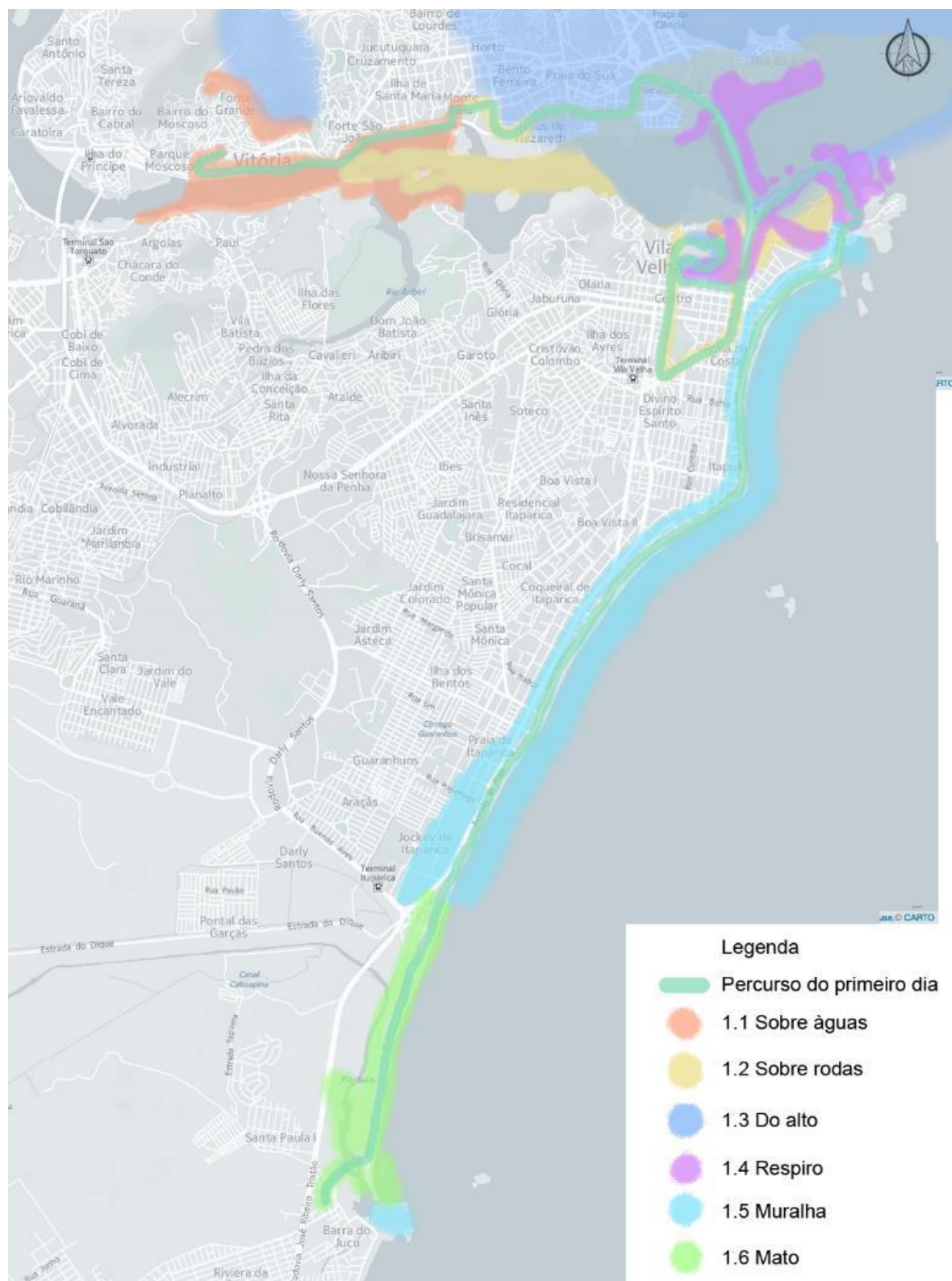
#### 1.5 - Muralha

O paredão de edifícios, marca de um planejamento urbano democraticamente ineficiente, domina o lado direito da visão, criando um muro de concreto à beira mar. O calçadão lotado faz com que o andarilho se misture à cidade e não mais seja influente na construção do “momento da paisagem”. O caminho se torna monótono e o cansaço se faz presente.

#### 1.6 - Mato

Um caminho de terra ladeado por vegetação. Não se vê o mar, e à frente, está o Morro da Concha. A passagem pela Ponte da Madalena oferece um alívio ao caminhante ao evidenciar uma paisagem natural de mar, rio e montanhas. Por fim, a Barra do Jucu com sua profusão cultural é a recepção necessária para cumprir o primeiro dia.





Mapa 6 - Cartografia dos “momentos de paisagem” do primeiro dia de caminhada dos Passos de Anchieta.  
 Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.



### segundo dia – Barra do Jucu a Setiba

No segundo dia, saí da Barra do Jucu aproximadamente às 07h15, e logo no início, os andarilhos foram saudados pelo sol nascente ao mar (**Figura 28**), que se apresentava em partes por entre as construções da vila. Rapidamente deixei a Barra do Jucu para entrar no percurso que anteriormente era anunciado por todos como o mais dificultoso de todo o caminho, por ser, quase que em sua totalidade, percorrido pela areia da praia. Nos momentos em que era possível, caminhava em uma área elevada cujo solo arenoso, embora não facilitasse o caminhar, oferecia piso plano, diferente da areia ao mar, que nesse horário estava alto. A essa altura, as ocupações à beira mar eram poucas, e as que haviam, seguiam padrões parecidos de ocupação, entre o mar e a Rodovia do Sol, com características de veraneio (**Mapa 7**).



Figura 28 - Saída da Barra do Jucu, ao fundo a foz do Rio Jucu

Fonte: produzida pelo autor.

Era sabido por entre os participantes, que a paisagem deste percurso do segundo dia seria majoritariamente “natural”, o que por um lado causava expectativa negativa pela dificuldade do caminhar, mas por outro oferecia o deleite de um ambiente peculiar. Em uma das ocasiões em que prestei atenção às conversas dos caminhantes, ouvi um grupo proveniente de São Paulo-SP que lamentava a ausência, neste dia, de uma amiga que havia desistido por medo da dificuldade anunciada. Uma das andarilhas lamentava que, por ser proveniente de uma grande cidade, a amiga perderia a oportunidade de um contato direto com a natureza. De fato, o ambiente natural tinha seu encanto, e, por mais que em alguns momentos a caminhada se tornasse visualmente monótona, outras formas de percepção eram aguçadas. Um exemplo foi a situação em que, ao caminhar olhando para o solo, passei a notar os sons do lugar. Desse modo, criava-se em minha cabeça uma paisagem sonora rica em detalhes cognoscíveis. À esquerda, o som forte das ondas quebrando no mar; vindo de mim e dos outros caminhantes, o som dos passos na areia que ditavam um ritmo constante; enquanto do lado direito, ouvia o som de animais silvestres.



Mapa 7 - Mapa das ocupações no percurso do segundo dia dos Passos de Anchieta.  
Fonte: produzido pelo autor sobre base Google Earth.

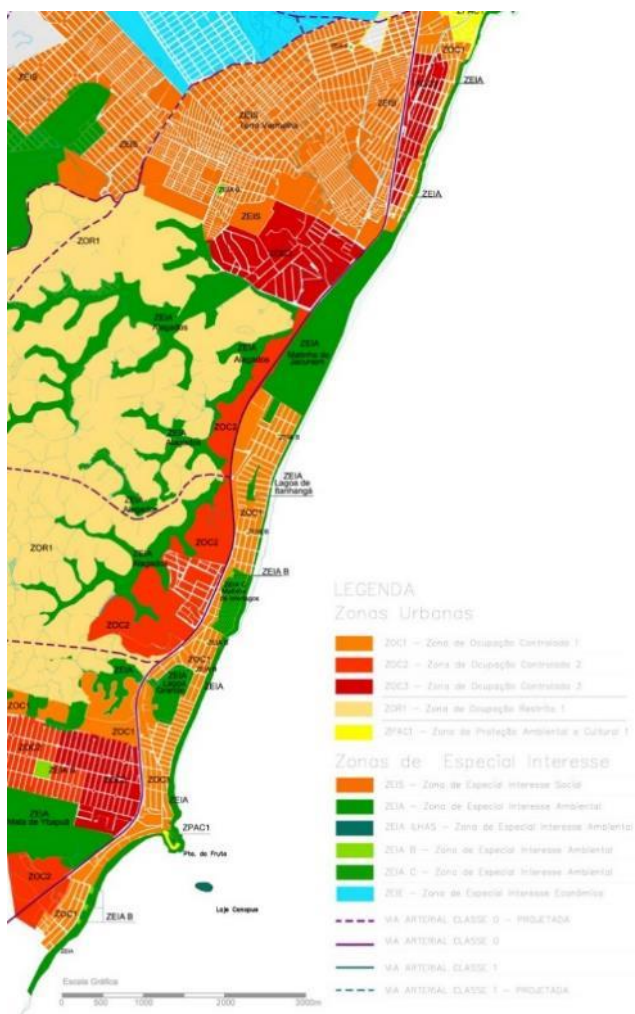
A proximidade com a Rodovia do Sol (ver **Mapa 9** na página 78) às vezes tirava a atenção do caminho pelo som dos carros, e, em conjunto com os outros elementos, criava uma paisagem complexa e híbrida entre o natural e o mecânico. Tal complexidade pode ser entendida como a "música do lugar". Este conceito, trabalhado pelos geógrafos Torres e Kozel (2010) em seu trabalho sobre paisagens sonoras, "tanto reflete quanto influencia as imagens que as pessoas possuem de lugares e a forma como essas imagens mudaram significativamente as atitudes das pessoas para com esses lugares" (CARNEY, 2007 *apud* TORRES e KOZEL, 2010). A música daqueles lugares por onde o caminho passava se diferenciava do aspecto "natural" da imagem que se via. A adição momentânea dos sons dos carros e daqueles produzidos pelos caminhantes, transformava aquela paisagem, que poderia parecer "selvagem", em algo humanizado, no sentido da ação humana direta sobre o espaço.

Mais da metade do percurso do segundo dia é trilhado em área de restinga preservada. Mesmo nos bairros residenciais que chegam muito próximo ao mar, o zoneamento urbanístico do Plano Diretor Municipal de Vila Velha aponta que as pequenas áreas de restinga que separam as ocupações da praia estão em Zona Especial de Interesse Ambiental (ZEIA). As ZEIAS estabelecem, como um dos seus principais objetivos, a proteção de áreas de restinga, e, como se observa no **Mapa 8**, elas estão presentes em toda a orla desde a Barra do Jucu, até o limite urbano de Vila Velha em Ponta da Fruta (VILA VELHA, 2007).

Embora ainda existam áreas preservadas, as imagens da **Figura 29**, que representam momentos da ocupação de uma dessas áreas litorâneas, indicam que, na década de 1970, existiam

loteamentos sobre a área de restinga, e que ao longo dos anos, esses cresceram, subjugando o ecossistema. Mesmo que o plano diretor de Vila Velha indique uma intenção de preservação da restinga, a história mostra que existe uma recorrência no controle urbanístico de permitir ocupação de áreas que, assim como a reserva de Jacarenema ou a APA de Setiba mais ao sul, poderiam ter sido preservadas.

O município de Vila Velha faz divisa com Guarapari na região de Ponta da Fruta. Este distrito de Vila Velha é uma vila com características de balneário cujo principal marco paisagístico é a "ponta", um pequeno cabo, onde no topo se encontra a igreja católica e o cruzeiro, marcos da paisagem local (**Figura 30**) (ver **Mapa 9** na página 78). Assim como Morada do Sol, Ponta da Fruta vem sendo ocupada, pelo menos, desde a década de 1970. As fotografias aéreas da Figura 31 indicam que inicialmente a vila se formava ao redor da Ponta, mas em 1978 já se observa arruamento na região que hoje leva o nome de Nova Ponta da Fruta, e juntamente com Recanto da Sereia fazem margem à área de proteção de Setiba.



Mapa 8 - Parte do zoneamento urbanístico do PDM de Vila Velha vigente desde 2007.

Fonte: PDM de Vila Velha, lei nº 4.575.



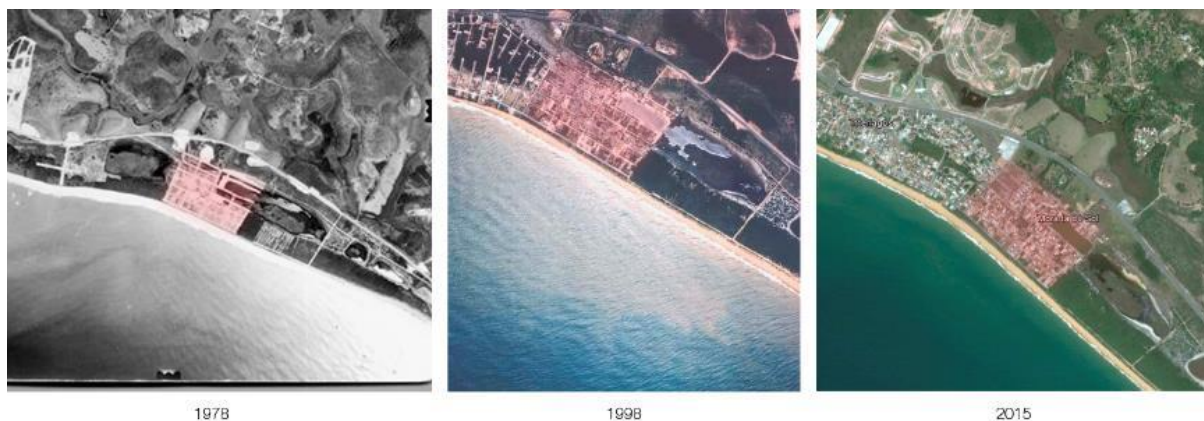


Figura 29 - Fotografias aéreas das regiões de Morada do Sol e Interlagos no município de Vila Velha nos anos de 1978, 1998 e 2015.  
 Fonte: [www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br) (1978 e 1998) e Google Earth (2015). Acessados em 31 de janeiro de 2017.



Figura 30 - Ponta da Fruta, Igreja e cruzeiro.  
 Fonte: produzida pelo autor.



Figura 31 - Fotografias aéreas das regiões de Ponta da Fruta e Nova Ponta da Fruta na divisa dos municípios de Vila Velha e Guarapari nos anos de 1978, 1986 e 1998.  
 Fonte: [www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br). Acessado em 31 de janeiro de 2017.

Ao deixar Recanto da Sereia - última área urbanizada que veria antes do fim desse dia de caminhada - entrei no trecho de aproximadamente 12 quilômetros de extensão, todo trilhado entre mar e restinga. Esse trecho faz parte do parque estadual que leva o nome do biólogo Paulo César Vinha, importante militante na preservação do ecossistema local, e que, em 1993 foi assassinado em decorrência de sua atividade de confronto aos interesses de extração de areia na região. O parque, pertencente ao município de Guarapari, possui



Mapa 9 – Primeira parte do segundo dia de caminhada, com destaque para elementos importantes.

Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.

1.500 hectares e é "circundado pela Área de Proteção de Setiba, que funciona como sua zona de amortecimento e visa conservar a região marinha do arquipélago das Três Ilhas" (IEMA [1], 201?) (ver **Mapa 10** na página 81). No horário em que cheguei a essa parte, a maré estava baixa e a areia compactada, o que permitiu um caminhar muito mais fácil do que se imaginava. Por todo o trecho, a paisagem pouco se modificava, a não ser pela vista do caminho à frente, que em duas situações mostrava uma curva ao final (**Figura 32**). Ao chegar à primeira curva, avistava-se a outra, onde, de fato, era próximo ao fim da jornada. Pouco havia para se interagir, a não ser algumas idas ao mar, e o raro contato com outros caminhantes, visto que nesse momento, os andarilhos se dispersavam ao longo do caminho.

Essa parte do percurso, embora estivesse facilitada pela maré baixa, foi a mais difícil de todos os dias. Não somente incomodava o cansaço físico e o forte sol do meio dia que refletia na areia, mas o cansaço mental também era forte. A monotonia desse percurso foi algo marcante. Pouco havia para fixar a atenção se não nas outras pessoas que caminhavam por ali. Portanto, passei a reparar mais em como os andarilhos lidavam com as dificuldades. Alguns cantavam sozinhos, outros se cobriam de várias formas para se proteger do sol, e a maioria caminhava olhando para os próprios pés, como se fosse um caminhar automático, e o único desejo parecia

ser de chegar ao final. Neste dia, pela primeira vez, notei a diferença marcante da interação com a paisagem no início do percurso e no final. No início do dia, quando todos estavam descansados, eram mais recorrentes as paradas para observação e tomada de fotografias, bem como os comentários sobre a paisagem. Já no final, a fadiga corporal e psicológica parecia desmotivar a interação com a paisagem, mesmo nos locais onde a natureza mostrava sua imponência.



Figura 32 - Caminho pelo Parque Paulo César Vinha.  
Fonte: produzida pelo autor.

Um exemplo dessa observação foi quando, quase finalizando a jornada, cheguei a um ponto importante nesse percurso: uma conformação rochosa que divide a praia e abre espaço para uma lagoa de água doce e negra que se estende por meio do parque Paulo César Vinha (**Figura 33**). Ali, os andarilhos, após longo período de área deserta, encontravam pessoas que estavam usufruindo de tal recurso natural para diversão. A abertura da Lagoa de Caraís em meio à vegetação, separada do mar por uma longa faixa de areia, e a vista da cadeia de montanhas ao fundo, conformava uma paisagem das mais belas de todo o percurso, um momento para descanso e contemplação (ver **Mapa 10** na página 81). Todavia, nesse instante, além do cansaço, também colaborava a ideia de que faltava pouco para a chegada, portanto, embora alguns parassem para admirar o lugar, muitos seguiam para o destino final, a fim de concluir o dia de caminhada.





Figura 33 - Lagoa de Caraís.  
Fonte: produzida pelo autor.

Por fim entrei na vila de Setiba (ver **Mapa 10** na página 81), um local com característica de veraneio, com muitas residências unifamiliares e pousadas, que mantém ainda hoje baixos gabaritos na orla e possui infraestrutura turística na praia. Assim como as localidades anteriores, Setiba em 1978 (**figura 34**) tinha uma ocupação praiana com arruamentos demarcados nas proximidades, inclusive dentro da área que hoje faz parte do Parque Paulo César Vinha. Em 1998, se observa adensamento de construções, sem invadir a área do Parque, que nesse ano já era área de proteção ambiental. E em 2016 se nota um crescimento substancial do adensamento, sem maiores expansões territoriais.



Figura 34 – Fotografias aéreas de Setiba, Guarapari, nos anos de 1978, 1998 e 2016. Destaque para área de preservação do Parque Paulo César Vinha.

Fonte: [www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br) (1978 e 1998) e Google Earth (2016).

A praia onde se localiza a chegada da caminhada é fechada por duas formações rochosas e, portanto, um lugar bem atraente para a atividade de balneário, com águas claras e calmas (**Figura 35**).



Figura 35 - - Praia central de Setiba, Guarapari.  
Fonte: produzida pelo autor.



Mapa 10 – Segundo momento do segundo dia de caminhada, com destaque para elementos marcantes e áreas de proteção ambiental.

Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.

Diferente do percurso do dia anterior, que apresentava mais dinamicidade da paisagem, nesse dia, os “momentos de paisagem” se reduziram a dois grandes conjuntos de pequenos acontecimentos. Seu mapeamento indica que o mar esteve visível em praticamente todo o percurso, salvo em Ponta da Fruta e Setiba em pequenas passagens pelo interior das vilas. A



transição dos dois momentos se deu de forma lenta, entre as áreas ocupadas e a entrada no Parque Paulo César Vinha. Embora a ocupação esteja avançada até a margem do parque, pela praia não se nota uma mudança abrupta (**Mapa 11**).

### 2.1 - Vai e Vem

Esse “momento” é marcado por idas e vindas da praia para as ocupações salpicadas pela grande área de restinga entre Barra do Jucu e Ponta da Fruta. Nesses lugares, muito próximos à rodovia do Sol, o som dos carros invade a paz da praia deserta, criando uma paisagem sonora complexa ao se misturar com som do mar, do barulho dos pés na areia e dos animais do ecossistema. E vez ou outra surge uma vila, com casas à beira mar e ruas pavimentadas.

### 2.2 - Grande silêncio

De Ponta da Fruta em diante a paisagem é marcada pela homogeneidade e pelo silêncio. Ao sair da última área urbanizada, caminhando pela praia em Recanto da Sereia, tem-se uma constante de mar, areia, restinga e céu durante horas. Somente a leve curvatura da praia e a lagoa de Caraís quebram a monotonia, mas o cansaço busca o final.

## terceiro dia – Setiba a Meaípe

No terceiro dia dos Passos de Anchieta o andarilho percorre toda a área litorânea do município de Guarapari, grande parte em seu núcleo urbano. Para compreender a história da ocupação de Guarapari é necessário entender sua forte ligação com o turismo. Hoje a cidade é um dos



Mapa 11 - Cartografia dos “momentos de paisagem” do segundo dia de caminhada dos Passos de Anchieta.

Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.

maiores polos de atração turística do estado, principalmente nos meses de verão. O principal fator que marcou o início do desenvolvimento turístico de Guarapari foi a descoberta, ainda no final do século XIX, das propriedades medicinais das areias monazíticas, presentes nas praias da cidade. Fundado em meados do século XVI pelo Padre Anchieta, o aldeamento, e posterior vila e cidade, de Guarapari teve pouco destaque no desenvolvimento do estado durante os primeiros séculos, sendo a vila de Rerigtiba (Anchieta), o principal polo de desenvolvimento do litoral sul mais próximo à capital Vitória. Contudo, a partir da descoberta das areias medicinais de coloração escura, e com a difusão de suas propriedades para o Brasil e o exterior, recebendo o título de “cidade saúde”, Guarapari passou a atrair turistas de todo o país em busca das propriedades terapêuticas das areias. Com isso deu-se também a descoberta de praias, até então, pouco exploradas, na região. Pequenas enseadas de águas calmas propícias para o turismo de verão acabaram sendo ocupadas de forma desenfreada, ou mesmo privatizadas.

O crescimento imobiliário de Guarapari viu sua expansão ocorrer de forma ampla a partir da década de 1970, causando a ocupação de praticamente toda sua faixa litorânea. Dentre outros problemas advindos desta intensa ocupação, destaca-se o arrasamento do ecossistema de restinga das áreas que seriam urbanizadas, substituindo-as por loteamentos, calçadas e quiosques, visando atender principalmente aos turistas que chegavam ao município nos meses de verão. (SILVA, 2003 *apud* CARDOSO, 2016).

No terceiro dia da caminhada em 2016, a saída de Setiba tinha um ar de desânimo pelo cansaço ainda presente do dia anterior. Segui o caminho, adentrando em Guarapari pelo interior dos bairros próximos, já bem urbanizados, onde os moradores viviam seu cotidiano da manhã de sábado, enquanto os caminhantes iam modificando um pouco aquela realidade. Ao chegar à praia seguinte, a paisagem se modificou completamente. Com características de urbanização mais evidentes, o local tinha vistas compostas pelas construções da cidade, e a imponente cadeia de montanhas presente ao fundo (**Figura 36**).

No local, denominado Praia de Santa Monica, de acordo com as fotografias aéreas da **Figura 37**, se observa um tecido urbano em desenvolvimento já no ano de 1978, com ruas demarcadas e algumas casas. Em 1998 aparenta um crescimento bastante forte tanto no adensamento quanto na expansão territorial para o interior do município. Em 2016, a orla de Santa Monica já não apresenta muitas mudanças, estando ocupada em sua maioria por residências unifamiliares de um pavimento. Pode-se concluir que uma das grandes alterações paisagísticas do local, desde a década de 1970 até 1998 e até hoje, é a vista que se tem do centro de Guarapari, onde se vê

um *skyline* repleto de edifícios de altos gabaritos, que, como será indicado a seguir, tiveram construção intensificada entre as décadas de 1980 e 1990.



Figura 36 - Praia de Santa Monica, Guarapari.  
Fonte: produzida pelo autor.



1978



1998



2016

Figura 37 – Fotografias aéreas do bairro Santa Mônica, Guarapari, nos anos de 1978, 1998 e 2016.  
Fonte: [www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br) (1978 e 1998) e Google Earth (2016).

A seguir, o percurso entrecortava a cidade indo e vindo da praia para os bairros, nos lugares em que não era possível andar à beira-mar. Ao passar pelo bairro Perocão (ver **Mapa 12** na página 87) chamou muita atenção a vila de pescadores que ocupava as margens do rio de mesmo nome, em seu deságue (**Figura 38**). Voltando para a praia, o caminho prosseguiu por uma trilha na encosta em meio a Mata Atlântica, aparentemente preservada. Nesse momento, mesmo com a ciência de que se estava dentro da cidade, o caminho dava a sensação de fuga do urbano, mesclando uma paisagem de elementos naturais com pontuais interferências humanas, como algumas casas abandonadas e sinalizações no caminho.



Figura 38 - Foz do Rio Perocão, Guarapari.  
Fonte: produzida pelo autor.



Figura 39 – Fotografia aérea de vazio urbano da cidade de Guarapari, de acordo com o PDM, uma Zona Especial de Intervenção Turística. Ano: 2016.  
Fonte: Google Earth (2016).

O caminho pelas trilhas nas encostas rochosas percorre uma área ainda não ocupada na cidade de Guarapari. Entretanto, observando imagens aéreas, é possível observar estradas que levam até o interior dessa grande área que ainda se mantém verde (**Figura 39**). De acordo com o Plano Diretor Municipal de Guarapari, essa região se encontra em uma Zona Especial de Intervenção Turística, que, embora não tenha definição específica no plano, se repete em áreas de vazios urbanos com características similares. A encosta

por onde o caminhante passa está em Zona de Proteção Ambiental, o que explica algumas construções abandonadas ao longo da trilha, que provavelmente sofreram embargos jurídicos. Nessas regiões, estavam sempre presentes na paisagem os edifícios do *skyline* da cidade, anunciando que em seguida entraríamos em área urbana densamente ocupada.



Ao ponto que terminava a trilha, se aproximava um dos trechos mais bonitos do percurso, o das Três Praias, formadas por pequenos cabos rochosos que avançam ao mar e dão vida a pequenas enseadas de águas claras e calmas. Um cenário simpático contrastava com as mansões do condomínio Aldeia da Praia que se erguiam a poucos metros do mar e me davam a sensação de que estava passando por áreas privadas (**Figura 40**). O difícil caminho pelas pedras, neste ano pela primeira vez, era facilitado por passarelas e escadas de madeira. Enquanto percorria essa estrutura ouvi um casal que comentava: "eles [os proprietários do condomínio de casas] fizeram isso para não passarmos dentro da propriedade deles". Tal comentário se referia ao fato de que anteriormente, os andarilhos que não conseguiam vencer os obstáculos do caminho nas pedras, andavam por dentro do condomínio que encerra o acesso ao mar.



Figura 40 - Condomínio Aldeia da Praia, Três Praias, Guarapari.  
Fonte: produzida pelo autor.

Ao observar a evolução da ocupação dessa região, nota-se que a Aldeia da Praia é um bairro residencial fechado que data de pelo menos do início dos anos de 1990, visto que nas fotografias aéreas em 1998 está bastante ocupado (**Figura 41**). Entretanto na fotografia do ano de 1978 vê-se que já existia o acesso à área, algum parcelamento, e possivelmente algumas construções, o que indica o vetor de expansão imobiliária de luxo para a região. Hoje, a área é tomada por construções à beira-mar e o único acesso livre às praias é pelas trilhas que apresentam perigo às pessoas que conhecem pouco o local.

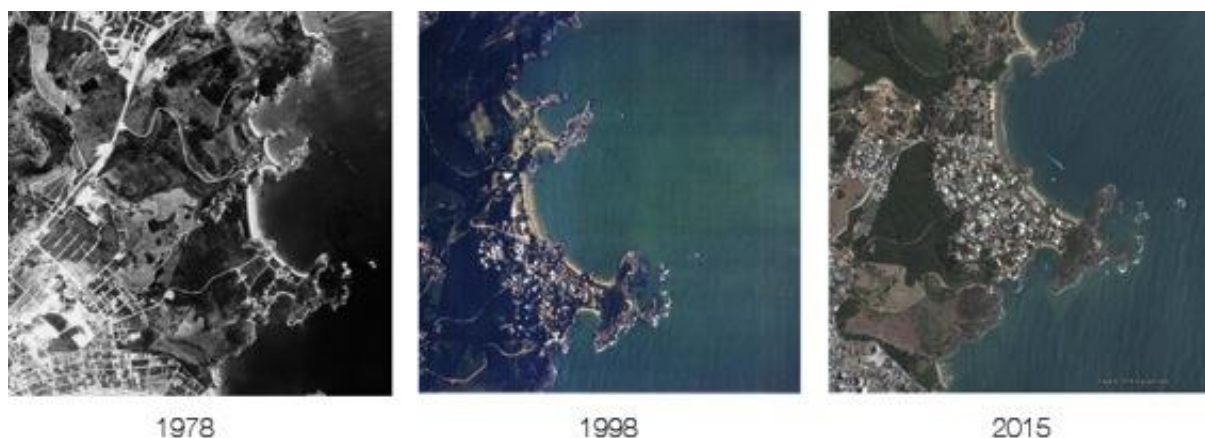


Figura 41 – Fotografias aéreas da região do condomínio Aldeia da Praia em Guarapari, nos anos de 1978, 1998 e 2015.  
Fonte: [www.ijns.es.gov.br](http://www.ijns.es.gov.br) (1978 e 1998) e Google Earth (2015).

Algo bastante notável neste dia, muito mais do que nos outros três, era a quantidade de fotografias que eram feitas pelos caminhantes. A todo momento paravam para fotografar a paisagem, ou algum elemento marcante, e, principalmente, faziam autorretratos (*selfies*). Muitas vezes, nesse dia, eu e outros que caminhavam por perto fomos abordados para que fotografássemos alguém de frente para a paisagem, ou mesmo para as casas que beiravam a



Mapa 12 – Primeira parte do terceiro dia de caminhada, com destaque para elementos marcantes.  
Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.

praia. Muitas dessas fotos eram individuais e feitas pelos próprios fotografados: a famosa *selfie*. Esse gênero de fotografia, apontado por Saltz (2014) como o mais popular de todos os tempos, num caso como este, de uma viagem, tem a característica de marcar a presença do indivíduo num local que julga interessante para que seus interlocutores apreciem, geralmente nas redes sociais da *web*. Ao que indicam esses fatores, e a isto corroboro com minha percepção, este dia de caminhada se diferenciou de todos os outros por apresentar uma sucessão dinâmica de paisagens, mesclando praias de aspecto “paradisiaco” com trilhas pela mata, pequenos bairros residenciais, de certa forma, bucólicos, e a parte que segue no relato da cidade com característica de centro urbano.

Ao terminar a passagem pelas encostas rochosas que vínhamos vencendo nas últimas horas chegamos à Praia do Morro (ver **Mapa 13** na página 95), uma orla urbanizada com altos edifícios de padrão elevado e intenso movimento de pessoas. Essas características se assemelham bastante com a parte das praias urbanas de Vila Velha percorridas no primeiro dia. A ocupação da orla é resultado de um processo de urbanização da cidade que foi intensificado na década de 1970, impulsionado pela atividade turística, resultando num processo de verticalização que se assemelha ao ocorrido em outras áreas litorâneas do estado e do Brasil. Na imagem da **Figura 42** nota-se que em 1970 a área do bairro já estava loteada, com ruas demarcadas e algumas construções, que oito anos mais tarde já eram mais numerosas. Contudo, é em 1998 que se nota um tecido urbano intensamente consolidado e verticalizado, e em 2015 ainda mais adensado. Em 2010, a prefeitura do município iniciou uma reforma na orla, com revitalização do calçadão e modernização de equipamentos e mobiliário (**Figura 43**) além da retirada de parte da vegetação e avanço da estrutura de calçadão sobre a faixa de areia.



Figura 42 – Fotografias aéreas da região da Praia do Morro, Guarapari, nos anos de 1970, 1978, 1998 e 2015.  
Fonte: [www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br) (1978 e 1998) e Google Earth (2016).





Figura 43 – Vistas aéreas da Praia do Morro, Guarapari, nos anos de 2007 (antes da reforma da orla) e 2013 (após reforma)  
 Fonte: [www.guraparialuga.com.br](http://www.guraparialuga.com.br) e [www.ibpm.org.br](http://www.ibpm.org.br). Acessados em 01 de fevereiro de 2017.

Durante os Passos de Anchieta, o caminhar em meio ao cotidiano da cidade tinha um aspecto interventivo, de modo que o estereótipo do andarilho muito se destacava da realidade daqueles locais. A identidade dos peregrinos se notava por vários fatores: as vestimentas; os apetrechos que carregavam; o modo de caminhar em grupo; a velocidade; as conversas; e, principalmente, o modo como olhavam a cidade, fazendo pausas para a observação e tomada de fotografias.

Por vezes, ao longo da caminhada, alguém se acercava para tecer comentários diversos sobre os locais por onde caminhávamos, e nesse terceiro dia isso era algo constante. No momento em que entrei no lado sul de Guarapari, após atravessar a ponte sobre o rio que divide a cidade, uma caminhante e moradora da cidade se aproximou, na altura de uma praça, para me contar como aquele local estava subutilizado devido a políticas de planejamento urbano. Em seu relato, dizia que anteriormente aquela era chamada "praça da feira hippie" onde pessoas punham suas barracas para vender diversidades (ver **Mapa 13** na página 95). Entretanto, após a reformulação o espaço estava deserto e carecia de manutenção dos equipamentos; sua crítica indicava a retirada da feira dali e a reforma como principais causas da desertificação daquele local.

Em seguida o caminho levava ao local onde se encontra um poço jesuíta do período da colonização. Embora preservada sua estrutura, de acordo com uma moradora da cidade que estava ali chamando atenção dos caminhantes para a construção, a água que jorra dele hoje não é mais potável, fato que atribuía ao crescimento da região sem atenção para o patrimônio histórico. Após mais uma ida ao mar entramos novamente no tecido urbano a caminho da Igreja de Nossa Senhora da Conceição (**Figura 44**), localizada em um ponto alto da cidade, onde alguns caminhantes paravam para fotografar e entrar na igreja de arquitetura jesuítica.





Figura 44 - Igreja de N. S. da Conceição, Guarapari  
Fonte: produzida pelo autor.

Essa região do centro de Guarapari teve desenvolvimento similar a outras áreas da cidade, intensificado na década de 1970 e com verticalização posterior. A igreja jesuíta se localiza num promontório, e assim como muitas outras igrejas da ordem, marca a fundação da cidade em uma área com vista privilegiada aos seus acessos. A fotografia da **Figura 45** mostra como a igreja, que estava isolada no elevado, provavelmente tinha destaque na paisagem da cidade. Hoje, os edifícios no entorno tomam protagonismo na paisagem e a Igreja e o cemitério que aparecem na foto antiga, já não são visíveis.



195?



2015

Figura 45 – Fotografias do Centro de Guarapari, à esquerda sem data definida entende-se que seja da década de 1950; à direita imagem de satélite de 2015. Destaque para Igreja de N. S. da Conceição e cemitério.  
Fonte: [www.deolhonailha-vix.blogspot.com.br](http://www.deolhonailha-vix.blogspot.com.br) e Google Earth. Acessados em 01 de fevereiro de 2017.

Deixando o largo onde está a igreja, segui o percurso para uma rua onde está localizada a ruína de uma outra igreja (**Figura 46**), que diferente da primeira, está pouco valorizada em meio a outras construções (ver **Mapa 13** na página 95). Antes da ocupação do entorno, essa igreja, dedicada a N. S. Do Rosário, fazia frente à de N. S. Da Conceição, porém hoje as construções se acercam quase ocultando-a. Observei que os caminhantes que me rodeavam pouco notavam a presença de tal monumento ali, dando maior atenção às instalações da empresa de

abastecimento de água e esgoto com sua torre monumental logo defronte, onde estava localizada a infraestrutura de sanitários do evento. Descendo do elevado onde estão as igrejas, passei por praias que, no sábado de manhã de um feriado, cumpriam sua função turística com atividades diversas nas areias.

Outro ponto importante historicamente em Guarapari é a região da Praia da Areia Preta, nome que faz menção às areias monazíticas que têm coloração negra. Até período de desenvolvimento acelerado do turismo em Guarapari, atribuído principalmente às areias que se veem ainda hoje nessa praia, a região



Figura 46 - Ruínas de Igreja, Guarapari.  
Fonte: produzida pelo autor.

mantinha as características naturais, com suas falésias e presença de restinga. A imagem da esquerda na **Figura 48**, demonstra como era a paisagem no local e a forma como a praia era utilizada, com alguns banhistas enterrando seus corpos na areia em busca de sua ação terapêutica, descoberta no final do século XIX. Já na década de 1950, aparecem os primeiros edifícios na margem da praia (**Figura 48** direita). Hoje, a “barreira” de falésias, que dava o nome à praia antes da evidenciação das areias monazíticas, está escondida pelo paredão de edifícios que tomam a encosta (**Figura 47**). Um importante marco da região é o Radium Hotel que, construído na década de 1940, teve seu auge nas décadas de 1950 e 60, entrando em decadência com a proibição de manter a função de cassino que já era ilegal no Brasil desde sua criação (ESPÍRITO SANTO, 2009). O hotel hoje, tombado pelo Patrimônio Estadual, está no centro de uma praça na Praia da Areia Preta. Porém não tem grande protagonismo na paisagem tomada por edifícios.

Saindo da parte central de Guarapari, iniciei o trecho que margeia a rodovia de acesso sul à cidade, e dali já era possível enxergar o final do percurso desse dia (**Figura 49**). Esse era um caminho difícil devido à falta de arborização e a proximidade com o asfalto da rodovia. Nesse trecho, único do dia que posso descrever como monótono, o percurso acontecia pelo calçadão que separa a área de restinga do asfalto, e nas margens à direita da rodovia, nada havia além de descampados. Os carros que passavam saudavam com buzinas e gritos de viva a José de

Anchieta, e a longa fila de caminhantes perdia-se de vista. Passando por mais alguns balneários que tem características de ocupação similares a outros de Guarapari, cheguei a Meaípe (ver **Mapa 13** pagina 95), uma vila muito quista pelo turismo, apresentando na orla da bela praia uma diversidade de hotéis, pousadas e restaurantes de alto padrão. Similar a Ponta da Fruta, em um pequeno cabo à esquerda da praia está uma igreja e mais adiante, algumas casas de altíssimo padrão; do lado oposto se vê as instalações do Porto de Ubu (**Figura 50**) (ver **Mapa 15** página 102).



Figura 47 – Praia da Areia Preta, Guarapari atualmente.  
Fonte: [www.folhadacidade.inf.br](http://www.folhadacidade.inf.br). Acessado em 01 de fevereiro de 2017.



Figura 48 – Fotografias da Praia da Areia Preta, Guarapari. À esquerda anterior à década de 1950; à direita na década de 1950.

Fonte: [www.deolhonailha-vix.blogspot.com](http://www.deolhonailha-vix.blogspot.com) e [www.ijns.es.gov.br](http://www.ijns.es.gov.br). Acessados em 01 de fevereiro de 2017.





Figura 49 - Caminho entre o centro de Guarapari e o distrito de Nova Guarapari  
Fonte: produzida pelo autor.



Figura 50 - Praia de Meaípe, Guarapari. Destaque para o Porto de Ubu visto ao fundo.  
Fonte: produzida pelo autor.

Novamente os “momentos de paisagem” acontecem em maior número devido ao aspecto urbano e diversificado do percurso. Em proporções menores do que do primeiro dia, o mapeamento (ver **Mapa 14** na página 96) indica sobreposição dos elementos dos “momentos”. A visão do mar neste dia também segue por todo o percurso.

### 3.1 - Urbanas e desertas

Em Setiba e adiante tem-se uma paisagem de praias urbanas desertas. Casas baixas das vilas de pescadores, desague de rios e montanhas ao fundo formam uma paisagem ainda com ares de bucolismo.

### 3.2 - Paradisiaca

O próprio caminho para acessar essas praias, por meio de trilhas nas encostas rochosas, faz com que a experiência leve o andarilho para longe da realidade urbana que os acerca.

Pequenas enseadas escondidas nas pedras, e praias pacatas com águas claras e calmas dão o teor de paraíso a esses lugares. Essa visão logo é cortada pelas mansões à beira mar e a paisagem se volta para o luxo.

### 3.3 - Babilônia à beira mar

O nome desse “momento de paisagem” pode parecer exagerado, posto que Guarapari não é uma grande cidade. Contudo, o choque que se tem ao sair do pacato “momento” anterior e pôr-se a caminhar pela orla da Praia do Morro faz jus ao exagero: O paredão de edifícios da Praia do Morro é substituído pelo tecido urbano complexo e verticalizado em uma área onde não é possível mais caminhar à beira mar.

### 3.4 - Deserto de asfalto

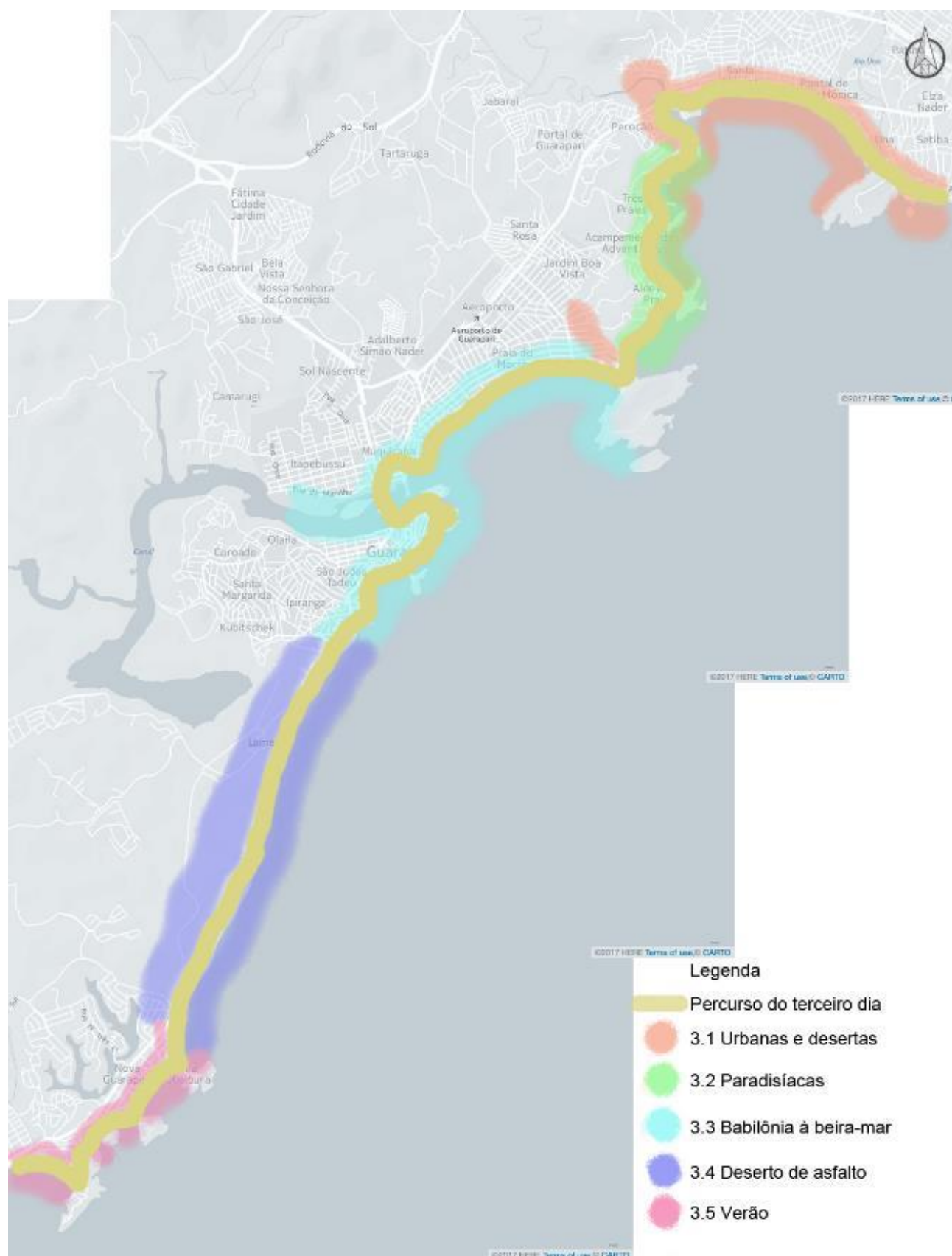
Uma estrada que vai ao horizonte à direita e o mar à esquerda, com seu aparato natural de areia e restinga. Caminha-se sobre um calçadão sobre um forte sol sem abrigos. Tão desolador quanto um deserto ensolarado; e ao lado, os carros passam em altas velocidades contribuindo para o cansaço, que além de físico já é mentalmente atordoador.

### 3.5 - Verão

O trecho final do terceiro dia tem aura de verão. São praias semi urbanizadas, que mantêm a faixa de restinga que logo é interrompida pelo asfalto e os edifícios. Semi urbanizadas, porque nada ali parece durar o ano inteiro; tudo tem a aparência de efêmero, de final de semana ensolarado.



Mapa 13 – Segunda parte do terceiro dia de caminhada, com destaque para elementos marcantes.  
 Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.



Mapa 14 - Cartografia dos “momentos de paisagem” do terceiro dia de caminhada dos Passos de Anchieta.  
Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.



### \_quarto dia – Meaípe a Anchieta

No quarto e último dia de caminhada, notava-se a diferença pela maior concentração de caminhantes reunidos, o passo era constante e os grupos caminhavam em conjunto formando uma longa fila às margens da rodovia (**Figura 51**). Esse é o trecho com o qual tenho uma ligação afetiva maior, por ser o caminho que percorro constantemente, embora sempre de carro. A paisagem aí me parece deslumbrante, com cores marcantes do verde do mar, do vermelho das falésias e do negro das lagoas que beiram a estrada ao lado direito da estrada. Logo o parque industrial da Samarco tomava conta da paisagem; porém, tinha aspecto de abandono. Isso se deve ao episódio ocorrido em 5 de novembro de 2015, no qual barragens de rejeitos de mineração pertencentes à empresa romperam e destruíram vilas em Mariana-MG bem como o leito do Rio Doce, maior curso d'água do Espírito Santo.



Figura 51 - Caminho pela Rodovia do Sol entre Meaípe, Guarapari e Ubu, Anchieta.  
Fonte: produzida pelo autor.

Após a tragédia, as atividades da mineradora em Anchieta, que recebia o minério proveniente de Minas Gerais, foram interrompidas sem previsão de reativação. Portanto, tudo parecia deserto, diferentemente de outros momentos em que era intenso o movimento de pessoas, carros, e principalmente das chaminés enegrecendo o céu (ver **Mapa 15** na página 102). Esse capítulo da história de Anchieta se configura como mais um momento de paralização da economia, similar aos outros que a cidade viveu ao longo de sua história.

Fundada na primeira metade do século XVI pelo Padre José de Anchieta como aldeamento de Rerigtiba, a cidade, ao longo dos séculos seguintes, passou por momentos de ascensão e queda do desenvolvimento urbano e importância no cenário estadual. No princípio era um dos polos do grande complexo de fazendas da ordem dos jesuítas que se alastrava pelo território da capitania até 1759, quando a ordem foi expulsa do Brasil. Nos mais de cem anos que seguiram, a vila ficou estagnada, sem relações comerciais externas. Em seguida, foi porto de escoamento, por meio do Rio Benevente, da produção cafeeira das regiões interioranas que se acercavam, cobrindo um bom número de fazendas. Nesse período, também foi porto de chegada de escravos, e em seguida de imigrantes que seguiam para as lavouras de café. Com a concentração das atividades portuárias na capital Vitória, na primeira metade do século XX, mais uma vez a economia de Anchieta ficou estagnada, sobrevivendo apenas da produção agrícola local e do pequeno movimento turístico que se iniciava nas praias do município. A praia central era exceção, que por estar no estuário do Rio Benevente, desde sempre, apresentava águas barrentas desconvidativas para a atividade de balneário. Na década de 1970, o município foi escolhido para sediar a planta industrial da SAMARCO e o Porto de Ubu, e iniciou-se outro período de desenvolvimento que chega até os dias de hoje (MENDONÇA e GOLTARA, 2012). Contudo, esse desenvolvimento econômico, que passou a ser visto com mais intensidade na última década, chegou a mais um momento de crise com a interrupção das atividades da Samarco.



Figura 52 - Orla de Ubu, Anchieta.  
Fonte: produzida pelo autor.

Saí da Rodovia do Sol para entrar na vila de Ubu, um balneário famoso pertencente a Anchieta, com praia de águas claras, e orla urbanizada (**Figura 52**). O nome Ubu, de acordo com a tradição local, provém de língua indígena e significa “queda”. A mesma tradição menciona que foi neste lugar onde os índios que levavam o corpo do Padre José de Anchieta para ser sepultado em Vitória, o deixaram cair, e, portanto,

a localidade ficou conhecida com o nome que recebe hoje. Saindo de Ubu, o percurso seguiu pela vila de Parati, um local residencial com pouca infraestrutura de turismo, diferente de Ubu e de Castelhanos, que viria a seguir (ver **Mapa 15** na página 102).

Após um longo trecho de caminhada por estrada de barro e com pouca vista ao mar cheguei a Castelhanos, a maior área de balneário que passaria nesse dia. O local, muito visado nos anos de 1990, hoje é ocupado por edifícios de médio padrão e gabaritos de até 5 pavimentos; a orla é tomada por quiosques e suas infraestruturas (**Figura 53**).



Figura 53 - Praia de Castelhanos, Anchieta  
Fonte: produzida pelo autor.

Contornando a curva da Ponta

dos Castelhanos entrei no trecho final da caminhada, uma estrada de terra salpicada por pequenas praias de águas calmas e paisagem deslumbrante protagonizada pelo mar calmo, quase como um lago. Ao fundo, via-se a cidade de Anchieta e as montanhas, com destaque para o Monte Aghá localizado no município de Itapemirim ao sul, e importante marco paisagístico da cidade de Piúma (**Figura 54**) (ver **Mapa 15** na página 102).



Figura 54 - Praia da Boca da Baleia, Anchieta. Desataque para Monte Aghá.  
Fonte: produzida pelo autor.

Essa parte entre Castelhanos e Anchieta, chamada de Boca da Baleia (ver **Mapa 15** na página 102), é um dos trechos mais bonitos de todo o percurso, e o mais interessante desse dia de caminhada, com suas pequenas praias escondidas entre os arbustos à beira da estrada. Contraditoriamente, o cansaço e a vontade de chegar, nesse dia principalmente, pareciam dominar os caminhantes e a mim mesmo, ao ponto que tudo que se fazia era andar, sem olhar muito para os lados, sem parar para apreciar alguma vista, e sem fotografar. O silêncio predominava. Por alguns momentos, se via o ponto de chegada, dando uma sensação de conforto, porém ainda muito longe, o que causava ansiedade. Um pequeno desvio no caminho original dos anos anteriores, anunciado pelo prefeito de Anchieta como a novidade dos Passos de Anchieta, encaminhava o percurso para um lugar onde foi encontrado, por meio de pesquisa de historiadores e arqueólogos, um poço datado em mais de 450 anos de idade, e que estava escondido sob a construção de uma creche municipal. Após a descoberta, o edifício foi demolido e um tratamento paisagístico foi realizado de modo a deixar evidente a fonte de água potável ainda em atividade (ver **Mapa 15** na página 102).

Os minutos finais da caminhada foram pela praia central de Anchieta, uma região pouco utilizada por banhistas, principalmente devido à turbidez das águas que se misturam com o rio que deságua logo à frente. A maioria das construções que ocupa a margem direita da via da orla dá as costas para o mar, ou é encerrada por altos muros, demonstrando a falta de interesse de se conectarem com a praia. Muito marcante nessa parte do percurso também, eram os pontos de ofertas de diversidades de coisas, como, por exemplo, souvenirs, comida, água, e muitos deles utilizando da ocasião para promover algum negócio local.

As imagens aéreas da **Figura 55** mostram que até a década de 1950, a ocupação da região central de Anchieta se dava, principalmente, ao redor do ponto onde foi fundado o aldeamento no século XVI, mantendo apenas o núcleo histórico e a região portuária. Já, a partir de 1970, inicia-se um período de urbanização que se intensifica na década de 1980 com o pleno funcionamento da mineradora. Observa-se também, em 1970, a demarcação de ruas e lotes na Ponta dos Castelhanos, local visado pelo movimento turístico nas décadas que seguiram. Na fotografia da **Figura 56** dos anos de 1950, vê-se o centro de Anchieta com as construções mais antigas e que ainda estão presentes na paisagem da cidade: a Igreja, o Hotel e a Escola Maria Mattos.



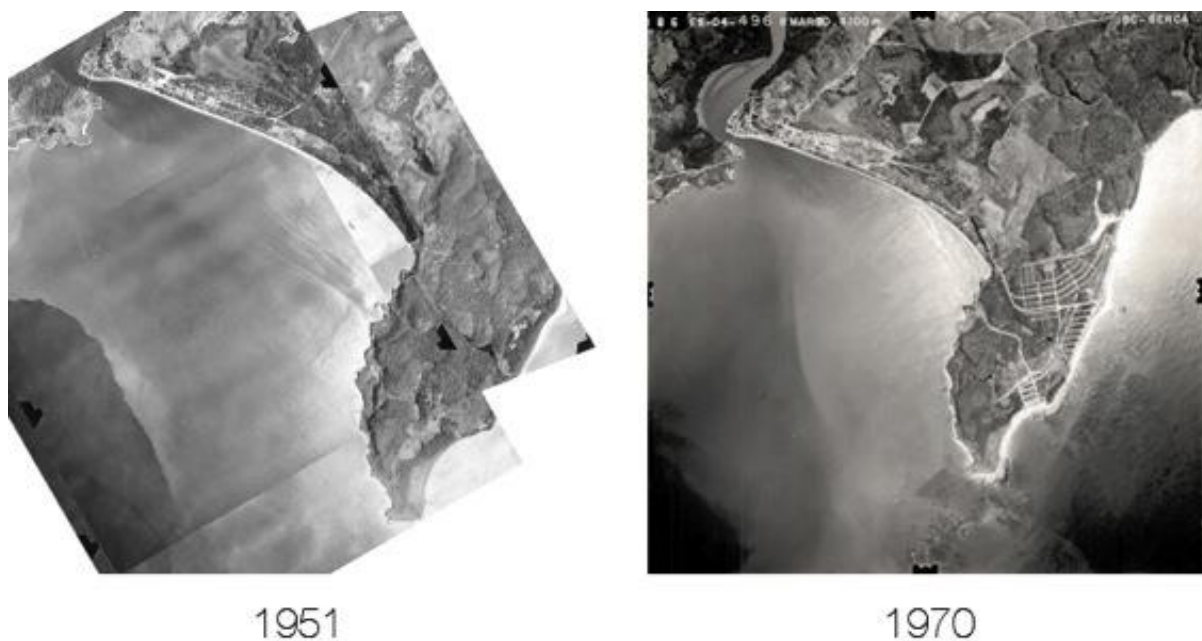


Figura 55 – Fotografias aéreas do centro da cidade de Anchieta e da Ponta dos Castelhanos nos anos de 1951 e 1970.  
Fonte: [www.ijsn.es.gov.br](http://www.ijsn.es.gov.br). Acessado em 01 de fevereiro de 2017.

Nos momentos finais dos Passos de Anchieta de 2016, ao aproximar-me da subida da igreja, ponto final do percurso, era possível visualizar as construções históricas do Hotel, agora transformado em casa de cultura, e da Escola Maria Mattos, ainda em funcionamento. Nessa altura, caminhei por entre um canteiro de obras da reforma da orla central, o que era incômodo não somente a mim, mas também a muitos outros caminhantes que comentavam a forma inusitada como éramos recebidos pela cidade. E, por fim, subi a ladeira e cheguei ao Santuário Nacional de Anchieta (**Figura 57**), com a sensação de missão cumprida e a calorosa recepção dos moradores e de familiares meus e dos outros andarilhos.



Figura 56 – Fotografia do Centro histórico de Anchieta na década de 1950. (1 – Igreja; 2 – Escola Maria Mattos; 3 – Hotel Anchieta).  
Fonte: acervo do museu Anchieta.



Figura 57 - Santuário Nacional de Anchieta  
Fonte: produzida pelo autor.



Mapa 15 – Percurso do último dia de caminhada, com destaque para elementos marcantes.  
Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.

O quarto dia de caminhada é dividido em quatro “momentos de paisagem”, e seu mapeamento (Mapa 16), indica que do caminho, a paisagem não se abre muito para o lado direito. Vê-se sempre o mar e o que há a frente. Os poucos elementos que chamam atenção do lado oposto ao mar são lagos e a planta industrial da Samarco.

#### 4.1 - Linha

Destaca-se a vista longínqua, porém impactante, das instalações industriais e portuárias da Samarco, com expressão de abandono. A linha de andarilhos à beira da estrada, que erode com a rebentação da maré, vai ao encontro do complexo industrial ladeada pelas lagoas de águas negras à direita e as belas falésias com o mar abaixo à esquerda.

#### 4.2 - Pesca

Esse “momento” é marcado pelo turismo e a pesca. As praias das vilas que recebem o percurso ou têm infraestrutura turística ou tem barcos de pesca ancorados. É um caminho pacato.

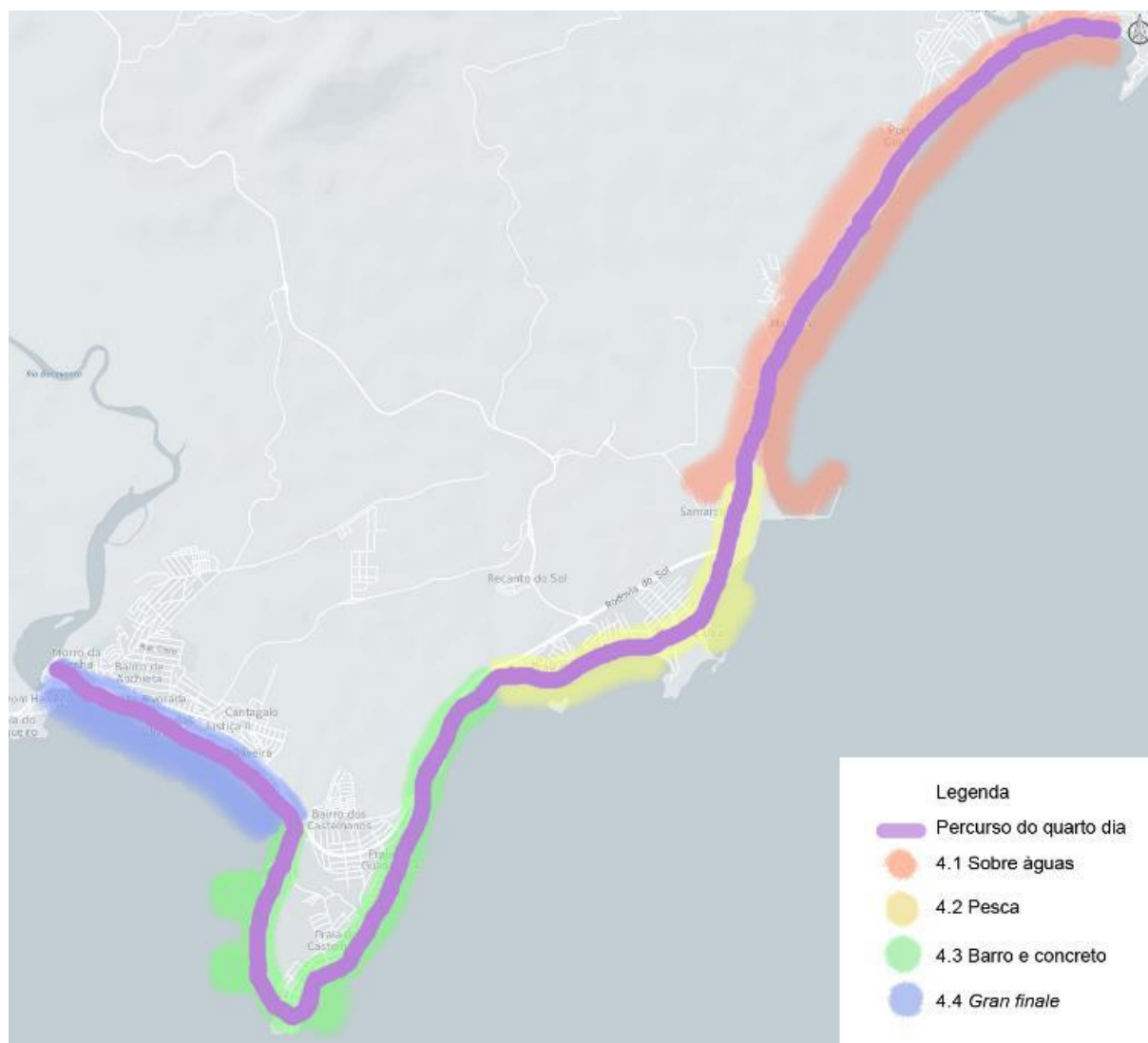
#### 4.3 - Barro e concreto

Uma estrada de barro com mato dos dois lados que escondem o mar e parecem não ter fim. O mar se faz presente somente pelo som e pelo cheiro. À frente, os edifícios de veraneio de Castelhanos se destacam pela uniformidade de linguagem arquitetônica, mas com tamanhos imponentes. E novamente uma estrada em meio à vegetação que esconde o mar, mas se abre em alguns pontos para belas enseadas de águas calmas.

#### 4.4 - *Granfinale*

Em Anchieta, após o deleite de paisagens belas dos últimos dias, tem-se uma chegada que beira ao caos. A praia naturalmente barrenta tem sua falta de atrativo aumentada com o tratamento da orla e os muros das construções que lhe dão as costas. A chegada é triunfal, a subida à igreja tem clima de festa, mas o desfecho é a dispersão para o merecido descanso.





Mapa 16 – Cartografia dos “momentos de paisagem” “do quarto dia de caminhada dos Passos de Anchieta.  
Fonte: produzido pelo autor sobre base ©HERE for CARTO.

\*\*\*

Os Passos de Anchieta colocam a paisagem litorânea dos quatro municípios que percorre em um circuito nacional de caminhada. Sendo um dos maiores percursos do gênero no Brasil, ainda tem um grande diferencial: o contato com o mar e as paisagens litorâneas que têm tanto apelo ao turismo, como visto pela história de ocupação do litoral muito ligada a esse setor.

As observações da minha experiência de caminhada no aquecimento, em janeiro de 2016, confirmam que, como aponta Tuan (1980) a percepção do habitante pode ser difícil de notar. “[...] a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, conhecimento e mito” (TUAN, 1980, p. 73). Desse modo, posso concluir que o sentimento de insegurança em parte do percurso nesse dia estava muito ligado a esse conhecimento do local. Enquanto na caminhada oficial não se notava

tamanha preocupação com segurança, ou, nos outros caminhantes que me acercavam, nenhuma. A compreensão profunda dessa percepção complexa do nativo somente é possível com pesquisas de cunho etnográfico especializadas e focadas em grupo específico, diferente da intenção abrangente desse trabalho.

O objetivo de fazer a caminhada em 2016 foi atingido, no sentido de que pude conhecer de fato algumas localidades que, mesmo sendo morador da região, somente são alcançadas com o esforço do caminhar, e que eram citadas nas entrevistas do ano anterior. Pude também observar a relação dos outros caminhantes com a paisagem, que diferente de somente ouvir o que falavam nas entrevistas de 2015, tive a oportunidade de avaliar sob um olhar baseado no conhecimento sobre percepção da paisagem que venho adquirindo no decorrer dos últimos estudos que realizei. Desse modo notei, por exemplo, os momentos onde a religiosidade é mais forte, e momentos onde a paisagem toma protagonismo. O primeiro dia tem maior presença da religiosidade, provavelmente por iniciar na Catedral, passar pelo Convento, e por outras igrejas ao longo do percurso. Também influenciava nessa característica o fato de ser no dia de Corpus Christi, quando a igreja católica está em festa com os tradicionais tapetes e celebrações.

Notei também que as paisagens mais dinâmicas que incluíam elementos urbanos e naturais chamavam mais atenção dos caminhantes. Além de ter a minha própria experiência corroborando a essa conclusão, era notável que, por exemplo, em Guarapari, eram mais frequentes as paradas para observação e tomada de fotografias, bem como os comentários sobre a paisagem. Contrariamente, no percurso pelo Parque Paulo César Vinha, a monotonia da paisagem durante as mais de três horas do caminho, tinha efeito diferente na percepção. Nesse “momento de paisagem” era raro alguma interação com a paisagem como as notadas em Guarapari. Embora as praias de Guarapari, mais visadas na percepção dos andarilhos, estejam em áreas urbanas, isso não significa necessariamente, que a não urbanização das outras praias seja um problema. Mas sim, indica uma tendência a se preferir a paisagem estriada, com reentrâncias, diversidade ecológica, etc. No que se refere a praias, pequenas enseadas têm maior apelo turístico do que grandes praias de mar aberto, e assim também acontece na percepção dos andarilhos; e geralmente as enseadas são mais visadas pela ocupação urbana, como observado no percurso.

Em minhas observações, e em relação com a história e a lógica de ocupação dos lugares por onde passei, cheguei a algumas conclusões sobre a preservação da paisagem desse litoral percorrido pelo Passos de Anchieta. A preferência notada pelas pequenas praias não quer dizer

que praias como a do Parque Paulo Cesar Vinha não devam ser preservadas. Contudo, pequenas enseadas como as das Três Praias, também no município de Guarapari, embora não tenham sinais de degradação direta, tiveram as margens ocupadas dificultando o acesso público. A preservação da paisagem incide na garantia dos acessos, assim como a preservação de alguns elementos arquitetônicos inclui geralmente propostas de reocupação dos espaços. Desse modo, tanto a paisagem quanto o patrimônio material, devem manter-se vivos para e pelo usufruto de seus recursos.

Nesse sentido, cabe também diferenciar preservação da paisagem de preservação ambiental. Embora, em determinados casos ambas acometam a preservação da natureza, a preservação ambiental tem como principal objetivo a garantia da manutenção dos recursos naturais em benefício do próprio meio ambiente e do homem. A preservação da paisagem extrapola o meio ambiente, visto que a paisagem existe a partir da ação humana sobre o meio, mesmo que seja em proposições visuais sem a ação direta sobre a Terra. Portanto há que se diferenciar as áreas já protegidas ambientalmente no percurso, daquelas que se teria interesse de preservar pela paisagem. A Lagoa de Caraís no Parque Paulo César Vinha é um exemplo de preservação ambiental e paisagística que causa interesse na percepção e na utilização como recurso de lazer. A vila de pescadores de Perocão, vista da ponte por onde passa o percurso, também causa interesse na percepção pela forma de ocupação ribeirinha que, embora seja degradante ao leito do rio, cria uma paisagem bucólica unida à vista da cadeia de montanhas ao fundo.

Observei, ainda, que alguns elementos historicamente importantes no percurso só eram notados pela maioria dos caminhantes mediante esforços da organização de promover paradas estratégicas nesses lugares, como, por exemplo, a igreja de N. S. da Conceição em Guarapari. Essa conclusão provém da comparação com a observação de que a igreja em ruínas logo à frente, não destacada pela organização, causava pouco sobressalto. Desse modo, posso inferir que se houvesse ali algum tipo de infraestrutura informativa, seria também ponto de parada dos caminhantes, pois assim como a igreja anterior, tem sua beleza e sua história.

Com o levantamento histórico, pude examinar que a evolução da paisagem no percurso dos Passos de Anchieta tem alguns marcos importantes e que se repetem nas cidades por onde passa o percurso. Um primeiro período marcante foi a colonização, tornando as regiões, que já eram habitadas pela população nativa, em aldeamentos nos polos onde hoje são os centros das cidades. O padrão de ocupação jesuíta é notável nas sedes dos quatro municípios, tendo a igreja como centro do desenvolvimento urbano, principalmente em Guarapari e Anchieta, locais onde

o catecismo católico foi mais fortemente aplicado aos nativos. De acordo com a história dos Passos de Anchieta, o Padre fazia o percurso da vila de Rerigtiba até Vitória e voltava a pé, presenciando o que de mais natural poderia existir na história desses lugares visto por olhos de caminhante inveterado.

Anchieta morreu em 1597, e um dos últimos registros históricos que se tem da jornada de Rerigtiba a Vitória é o dos índios e comitiva que levaram seu corpo para ser enterrado na capital. Nos 400 anos que se passaram desde a morte do jesuíta até o início da rememoração das suas caminhadas, as modificações na paisagem foram numerosas, embora possa-se dizer que algumas localidades mantêm o aspecto natural que o padre contemplou em seu caminhar. Os principais períodos de modificação na paisagem, ocorreram entre as décadas de 1950 e 1990. Iniciando principalmente com o movimento turístico, o litoral dessas cidades foi tomado por construções e urbanização de orlas. A verticalização foi importante para o crescimento urbano, porém ocorreu em detrimento da proteção de alguns marcos paisagísticos e do bom uso das praias.

Nota-se que, nos anos de 1970, de Vitória a Anchieta houve grandes modificações, desde grandes aterros até a abertura de ruas e loteamentos em áreas de restinga, consequentemente, guardadas as proporções, causando consideráveis impactos ambientais. No centro de Vitória, na década de 1970 já se avistavam os edifícios de altos gabaritos, gerando uma imagem reproduzível nos outros centros urbanos do estado, que vieram a se verticalizar posteriormente. Em 1998, as ocupações ao longo do percurso dos Passos de Anchieta já se mostravam bastante consolidadas, restando aos anos que seguiram, o adensamento de grandes proporções em algumas áreas, mas com poucas modificações significativas na paisagem, se comparadas às anteriores. Como indicado no capítulo um, as previsões futuras indicam que há interesses diversos de ocupação nessas áreas, seja por loteamentos, seja por grandes empreendimentos logísticos. Portanto há que se considerar que não se trata de uma paisagem consolidada, e que, principalmente, as franjas das áreas de proteção encontram-se em situação de fragilidade ambiental. Também deve ser considerada a lógica verticalização das orlas dos municípios litorâneos capixabas, que indica que há um grande interesse do mercado imobiliário em tornar os terrenos vizinhos às praias o mais rentável possível. Desse modo, pode-se coligir que, à medida em que os núcleos urbanos no percurso cresçam, pode vir a crescer também a verticalização daquelas ocupações litorâneas que ainda mantêm os baixos gabaritos.

As marcas da colonização jesuíta são notadas claramente no percurso. Embora a organização dos Passos de Anchieta busque valorizar essas referências ao propor os caminhos, é notável como os quatro municípios faziam parte do complexo jesuítico que dominava a província. Em Vitória, a imponência do Palácio Anchieta marca a centralidade e o poder que a ordem teve, e sua transformação em palácio do governo indica a tomada desse poder pela coroa portuguesa. Em Vila Velha, embora o maior símbolo religioso no percurso seja da ordem franciscana, a história mostra que Barra do Jucu provém de uma grande fazenda jesuíta que foi expropriada. Em Guarapari o poço e a igreja marcam a presença dos fundadores da vila nos pontos mais altos. Em Anchieta também existem outros poços, alguns fora do percurso. O santuário Nacional de Anchieta, ponto final da caminhada, marca também um ponto importante do que poderia ser um circuito histórico jesuíta, que além desses quatro municípios, ainda se estende por todo o litoral capixaba.

De um modo geral, durante todo o percurso, o andarilho mantém uma relação muito próxima com os lugares por onde passa. O ato de pisar, um passo depois do outro, num movimento lento e atencioso, promove uma interação no nível do solo em primeiro lugar. Após os pés estarem seguros no solo, todo o corpo se entrega à percepção do que os rodeia. No caminho não importam os limites geográficos das cidades, e sim a transição de solos e paisagens que marcam os territórios: o espaço urbano pavimentado, hora de chão liso, hora de pedra, e a paisagem construída, os edifícios, os carros, as pessoas; as vilas com suas casas de veraneio, o chão de areia, o mato; os caminhos em áreas somente de mar, céu, areia e verde. O mar sem dúvidas é o mais importante elemento conector de todas essas paisagens, sempre presente, quase sempre à esquerda do caminhante, seus sons, seus cheiros, suas cores, e os diferentes mares, cheios, vazios, fortes, fracos, claros, escuros. As placas de sinalização dos Passos de Anchieta representam outra forte conexão da paisagem. Elas promovem a ligação dos lugares com a instituição do percurso, estando presente de tempo em tempo, algumas vezes marcando a distância percorrida. Desse modo, calham por se tornarem pequenos troféus da paisagem, com os quais o caminhante interage em suas fotografias a fim de marcar o caminho vencido.

O ato de caminhar tem papel fundamental na percepção da paisagem, e isso se confirma em alguns aspectos nessa experiência. Em primeiro lugar, é somente por meio da caminhada que se tem acesso terrestre à grande parte das áreas percorridas, criando uma relação de dependência na percepção: fruir daquelas paisagens depende do caminhar. Entretanto o esforço físico empreendido na caminhada acaba por causar diferenças fundamentais na percepção daquelas

paisagens. Notei que, tanto eu quanto outros andarilhos, interagíamos muito mais com o ambiente nas primeiras horas do dia, quando o cansaço ainda não era desconfortável. Nesse sentido, algumas paisagens que considero admiráveis não tiveram atenção dos andarilhos por estarem nos momentos finais dos percursos diários. São exemplos: a Ponte da Madalena e o estuário do Rio Jucu, a Lagoa de Caraís em Setiba, as praias próximas a Meaípe em Guarapari e as praias da Boca da Baleia em Castelhanos.

Os Passos de Anchieta, embora tenham vocação turística, não o são somente. Também não são uma bateria de exercícios físicos, como já indicado por Gros (2010). Não são uma peregrinação aos moldes clássicos, mas nem em um modelo diferenciado podem ser considerados somente uma ação religiosa. São variadas as intenções da caminhada, como pude perceber, assim como são variadas as formas de afeto com o ato de caminhar e com os lugares. Alguns grupos pareciam estar em algo similar a um carnaval, com seus gritos de guerra, suas algazarras, seus uniformes que lembram os “abadás”, apetrechos de som, paradas para comprar bebidas alcóolicas, entre outros fatores. Muitos desses grupos são formados por caminhantes inveterados, que percorrem um calendário anual no Brasil, e até no mundo, de caminhadas similares aos Passos de Anchieta. Desse modo faz-se notar que há de fato uma cultura por trás desse tipo de caminhada, e o referencial sempre é o Caminho de Santiago de Compostela, seja pelo tamanho do percurso, pela história, ou, principalmente, pela paisagem.

Essas inferências, além de permitirem conclusões finais sobre o percurso e a relação do caminhante com a paisagem, são uma etapa do percurso desse trabalho importante para compreensão dos discursos textuais e imagéticos a serem analisados a seguir. Se por um lado, nesse capítulo as conclusões estão embasadas principalmente na minha leitura do espaço e dos acontecimentos, a seguir busco me ater a compreensões das percepções dos caminhantes de acordo com sua experiência e sua forma de expressão.

## **4 \_ Dos andarilhos: memória e imagem**

A percepção da paisagem, como busco tratar nesse trabalho, depende totalmente de como o sujeito está para o ambiente. Se até aqui a percepção partiu de minha visão pessoal, carregada com minhas experiências e muito embutida de conhecimentos prévios da teoria e do próprio encantamento com o tema, busco neste capítulo traçar um panorama sobre a percepção dos outros caminhantes. Embora tenha analisado materiais de pessoas diversas, e de grande grupo, a intenção aqui é de montar um discurso coletivo, seja das falas dos entrevistados, seja das fotografias coletadas. Portanto esta não se trata de uma metodologia totalmente qualitativa, já que a quantificação das experiências é importante para o levantamento de elementos que têm maior atenção no percurso. Desse modo busco demonstrar a importância de tais paisagens para as pessoas que as contemplam, com o objetivo de indicar lugares comuns, e até possíveis interesses de preservação paisagística.

A experiência ambiental é um fator importante a ser compreendido. Trata-se aqui de uma matriz de sensações que são ativadas no decorrer da atividade de caminhada, que além de ser um movimento lento, mantém a escala humana da percepção. Por esta última entende-se que o sujeito em seu deslocamento natural - ou seja, o caminhar - está em contato humanizado com o ambiente, sem interferências das altas velocidades dos meios de transporte. O caminhar interfere na percepção também, ao causar reações corporais como cansaço e fadiga, ou mesmo prazer. As condições ambientais também interferem: a temperatura, o vento, as características do solo, bem como a interação com outras pessoas ao longo do caminho.

### **4.1\_entrevistas**

De modo a compreender a experiência do percurso dos participantes dos Passos de Anchieta, esta terceira entrada de pesquisa tem como objetivo analisar o discurso dos andarilhos entrevistados buscando avaliar recorrências na percepção da paisagem, além de destacar as peculiaridades. Além disso, ao compreender que o ato de fotografar algo provém do interesse sobre o assunto retratado, além de outras motivações, busco aqui relacionar o discurso sobre o julgamento perceptivo dos participantes também por meio de seus hábitos fotográficos. Desse modo, procuro notar não somente o interesse, que se sabe ser grande em fotografar paisagens, mas, sobretudo, quais paisagens são mais acentuadas e as formas como são retratadas.

Como exposto no capítulo um, no evento dos Passos de Anchieta de 2015 foram realizadas 80 entrevistas com perguntas abertas a participantes aleatórios no início do primeiro dia na





paisagem natural não existe de fato, visto que, é a percepção humana que institui a paisagem, sob o olhar que se busca neste trabalho. Entretanto, entendendo que o caminho percorre lugares que parecem intocados pelo homem, é normal que se faça essa relação da paisagem com o termo “natural”, e que se compreenda-a como natureza. A palavra lugar indica uma forma de compreensão da paisagem como localização, embora a teoria entenda o lugar como algo ligado a um processo cultural, e segundo Tuan (1983) carregado de valores. Os termos visão, visual, vista e fundo confirmam a ideia de que a paisagem é historicamente tratada como a porção de espaço que a visão abarca, atribuindo aos olhos a principal forma de percepção. Tais termos também demonstram como a percepção, principalmente do visitante, se presta a compor imagens dos lugares, como cenários ou “fundos”. Essa é uma relação que pode ser atribuída à cultura do cartão postal.



Figura 59 - Nuvem de palavras que indicam "palavras para dizer paisagem" gerada a partir das respostas ao questionário realizado no evento Passos de Anchieta entre 04 e 07 de junho de 2015.  
Fonte: produzida manualmente pelo autor.

Um aspecto importante a ser levantado é de que, nas entrevistas realizadas, existe um número grande de turistas provenientes de outros estados brasileiros, principalmente da região sudeste (**Mapa 17**). Isso implica em uma parcela importante dos indivíduos que perceberam as paisagens do percurso como passantes, ou mesmo, visitantes. Porém, de certo modo, mesmo os habitantes de Vitória, Vila Velha, ou outras cidades do Espírito Santo - maioria dos entrevistados - estavam na condição de turistas durante a caminhada, e, mesmo aqueles que habitam nas proximidades do percurso, estavam apenas de passagem. Dessa maneira, com o movimento da caminhada, progressivamente esses se distanciavam de seus locais conhecidos e prosseguiram por terrenos menos ou, até mesmo, não conhecidos. Esse fator pode ser corroborado com a quantidade de vezes que os andarilhos fizeram a caminhada anteriormente, observando-se que a maioria o fazia pela primeira vez, e quantidade menor pela segunda ou terceira vez, e ainda, menor era a quantidade dos que faziam pela quarta vez ou mais (**Gráfico 1**). Desse modo, a análise pode partir de uma coletividade que majoritariamente não tinha familiaridade com o caminho e, portanto, com as paisagens, estando assim a percepção sujeita a um julgamento sobretudo estético como indica Tuan (1980), ao diferenciar a visão do

habitante e do turista. Essa característica será abordada nas respostas de modo mais aprofundado a seguir.



Mapa 17 - Mapa que representa a origem dos participantes entrevistados no evento Passos de Anchieta entre 04 e 07 de junho de 2015.

Fonte: Georreferenciamento pelo Google Earth, produzido pelo autor.

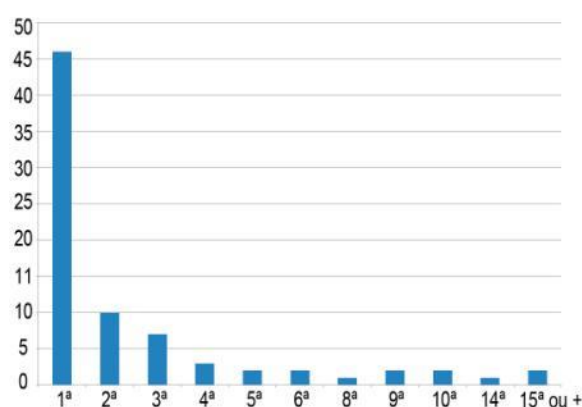


Gráfico 1 - Quantidade de participações nos Passos de Anchieta anteriores dos entrevistados entre o dia 04 e 07 de junho de 2015.

Fonte: produzido pelo autor.

Tendo considerado os aspectos quantitativos que indicam direcionamentos de análise da percepção dos andarilhos, a seguir apresento uma abordagem quali-quantitativa das perguntas abertas feitas aos participantes. As respostas, organizadas em tabelas como o exemplo mostrado no **Anexo 1**, foram sintetizadas em uma única resposta, e reescritas, de modo que apareçam antes os temas mais citados, e, em ordem decrescente, os menos citados até os mais particulares. Ou seja, as respostas a seguir são interpretações quali-quantitativas de todas as respostas. Não são citações diretas dos participantes, são dados recolhidos das respostas dos mesmos, e reescritas. Desse modo para considerar um sujeito coletivo, tanto as perguntas quanto as

respostas foram descritas alterando os pronomes pessoais para terceira pessoa do plural. Dessa maneira, buscou-se extrair da grande quantidade de respostas, as reincidências e as especificidades. Além disso, são citadas respostas específicas que trazem algum questionamento muito particular. Em seguida, apresento as considerações sobre tais respostas baseadas no arcabouço teórico estudado durante a pesquisa.

As perguntas escolhidas para essa análise são as que apresentam respostas que incidem na questão da percepção da paisagem, buscando ressaltar preferências de locais, e aspectos sobre o julgamento da paisagem, bem como a relação com a fotografia.

#### O que mais gostaram até agora?

*A paisagem. É um percurso muito bonito, as vistas são maravilhosas, andamos à beira mar, em contato com a natureza, sentindo o vento e ouvindo o som do mar. Esse contato é muito relaxante, é um passo contemplativo, não sentimos nem cansaço. Essas paisagens tão bonitas! Só conseguimos vê-las nós que caminhamos. Não dá para ver de carro passando pela estrada. É único esse momento.*

*A acolhida das pessoas ao longo do percurso, seja dos próprios andarilhos que nos tem simpatia, seja das pessoas que fazem ofertas, muito solidárias e receptivas. A interação entre os caminhantes é algo que nos impulsiona a continuar. O evento é muito bem organizado, e os pontos de parada com comidas e bebidas são fundamentais para que consigamos alcançar o objetivo de cada dia; e, se precisamos de ajuda durante o percurso, sempre tem um apoio para dar auxílio.*

Claramente a atenção para a paisagem é forte nas respostas, e na maioria delas é acompanhada de algum julgamento estético que, irrefutavelmente, enaltece a beleza dos lugares que compõem o percurso. Nesse sentido, buscando em Ferrara (1993) uma sistematização da percepção no juízo estético, e em Tuan (1980) sobre a ação dos sentidos na percepção, pode-se afirmar que há no discurso uma forte tendência à assimilação da paisagem de acordo com as experiências vividas e com conceito estético dos participantes. Ou seja, ao fazer o julgamento de beleza do percurso, é inevitável que o indivíduo se baseie em sua experiência de vida, influenciando em seu "comportamento ambiental" (TUAN, 1980) que nesse caso primordialmente é relativo à sua condição de passante/visitante. Sobre isso Tuan infere que a percepção do visitante é "essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza" (TUAN, 1980, p. 74), e nessa percepção o principal sentido atuante

é o da visão, como se estivesse limitado a "compor quadros" (p. 72). Embora pareça uma percepção superficial, vale ressaltar que outros fatores influenciam, como, por exemplo: o vento, o sol, o solo, o cansaço. Contudo, no momento de responder à pergunta, que propõe à memória um jogo rápido de associação, nada disso parece impedir a paisagem de se MOSTRAR exuberante aos olhos dos andarilhos, como se as vistas fossem um triunfo merecido pelo esforço empreendido na caminhada.

Outro aspecto importante, levantado nas respostas, diz respeito à organização do evento, que durante os quatro dias de caminhada dá apoio aos caminhantes cadastrados junto à associação. De fato, nota-se um sentimento de gratidão pela infraestrutura que permite que se faça o percurso de forma mais amena. Além dos postos de apoio oficiais, nas respostas, são lembradas pelos participantes as ofertas das comunidades e pessoas que ao longo do caminho se abrem para acolher o caminhante recepcionando-os com comidas e bebidas e muita festividade. Além disso, são fortes as menções à interpessoalidade da caminhada, ou seja, às interações entre andarilhos. Nesse ponto, acrescento que há uma contestação aos escritos de Gros (2010) sobre a solidão da caminhada: os andarilhos de Anchieta, em suas descrições sobre o que mais lhes agrada no percurso, exaltam as companhias, dizem andar em grupos grandes, e assim caracterizam a boa experiência de sua caminhada. Desse modo fazem um contraponto ao autor que indica que grupos de caminhada com mais de três ou quatro pessoas são

[...] um inferno. Não sobra nada que seja simples, nem sóbrio. Uma fração de sociedade enxertada na montanha. Aí se chega às comparações. É preciso estar sozinho para caminhar. Acima de cinco, fica impossível compartilhar a solidão. (GROS, 2010, p. 60).

O que Gros quer demonstrar é que somente a solidão permite a apreensão das minúcias do caminho, que a conversa, as interações muito recorrentes e energizadas, impedem o corpo de conectar-se ao ambiente. Contudo o autor também ressalva que a companhia, quando boa, pode interferir para o bem do caminhar:

No fundo, é encontrar o outro o que, na maioria das vezes, nos restitui à solidão. Conversar leva a falar de si e das suas diferenças. E devagarzinho o outro nos encaminha de volta a nós próprios dentro da nossa história e nossa identidade, o que significa dentro das incompreensões e mentiras. Como se isso existisse. (GROS, 2010, p. 61).

E como isso interfere na percepção da paisagem? Voltando a Tuan (1980) entende-se que nosso "comportamento ambiental" define a percepção das coisas. Ao passo que, se não estamos atentos ao ambiente, não captamos o que ele nos tem a dizer, ou ficamos limitados a ver apenas o que compartilhamos com os interlocutores, muitas vezes sob a percepção de outrem. Desse

modo o julgamento estético da paisagem, afirmado nas respostas, pode ser colocado em cheque e levantar questionamentos sobre o real entendimento da paisagem como verdadeiramente bela numa percepção individual idônea, ou como um senso comum, difícil de ser rebatido por individualidades.

#### O que mais chamou atenção para fotografar?

*As vistas. Nós gostamos de fotografar paisagem. A vegetação é incrível, a praia, o mar. A paisagem traz uma paz no coração, uma serenidade durante o caminho. São vistas que você não encontra em lugar nenhum. As pessoas caminhando, aquela linha infinita deixando seus rastros na areia, imagens de superação, pessoas de todas as idades. Tem o Morro do Moreno, o Convento da Penha, a Terceira Ponte, o Castelo na Barra do Jucu. A natureza está muito bem cuidada e preservada.*

Ao falar de fotografia, é incontestável que as menções à paisagem sejam muitas em qualquer situação. A relação próxima entre a fotografia e a representação da paisagem, desde os primórdios da câmera até os dias atuais, se mantém. Embora as fotografias que são expostas nas redes sociais - o grande destino das imagens produzidas nos dias de hoje - tenham outros padrões, a paisagem, mesmo que usada como cenário, está fortemente presente. Ao chamar de vistas, esse nome com o qual a paisagem aparece muito associada à visão, o caminhante invoca uma relação da percepção da paisagem com o aspecto puramente visual da fotografia. Palavras como “fundo”, “cenário” e “visão”, também são utilizadas para remeter à paisagem, corroborando para esta tradição visual da percepção. Entretanto, como mostrado por Tuan (1980) e Carney (2007 apud TORRES e KOZEL, 2010), os outros sentidos são fundamentais para a percepção ambiental. Desse modo confirma-se a ideia de que a "sociedade da imagem", que, segundo Kossoy (2002) se inicia no século XIX, ainda cresce fortemente, e, ao encontrar as novas formas de comunicação, toma parte importante do cotidiano da grande massa.

A atenção a referentes paisagísticos também é notada com ampla relevância, principalmente o Convento da Penha e o Morro do Moreno, que abrem o primeiro dia de caminhada, sendo avistados desde o início do percurso no Centro de Vitória. A subida do Convento, um desvio ao caminho que seria natural do Padre Anchieta, e a sequente passagem pelo Morro do Moreno, indicam uma intenção de ressaltar esses referentes paisagísticos, seja por intenções turísticas ou mesmo pela caracterização da fé, no caso do Convento. A passagem de ônibus pela “Terceira Ponte” oferece a vista desses dois primeiros referentes, o que pode sugerir que é a isso que os



caminhantes se referem quando mencionam esta parte do trajeto. Desse modo, mais uma vez se confirma o apelo imagético da percepção da paisagem pelos andarilhos, no sentido de que suas falas sobre tais referentes recordam vistas como num cartão postal, e, de acordo com o estudo de Goveia (2011), tais elementos por muito tempo estiveram presentes nas imagens dos cartões postais de Vitória.

Sobre a noção de preservação da natureza, algumas vezes citada nas entrevistas, há que se ponderar que de fato existem áreas protegidas durante o percurso. Contudo pode-se problematizar essa percepção se considerada a pergunta "quantas vezes já participou?". Isto é, todas as pessoas que disseram encantadas com a natureza bem cuidada estavam fazendo o caminho pela primeira vez, ao que mais uma vez pode-se trazer a teoria da percepção do visitante de Tuan (1980), quando diz que o passante tem um olhar superficial sobre o ambiente. Isso se torna uma problemática a ser considerada, ainda mais contundente, quando ao responder à mesma pergunta, um participante que fazia o caminho pela quarta vez diz:

*A mudança no litoral... mudou muito. Das vezes que eu vim, há mudança muito grande e agredindo sempre o meio ambiente. Está detonado.* (BATISTA, 2015).

A visão pessimista do entrevistado, já acostumado com o percurso, indica que podem ter acontecido modificações importantes na paisagem. Embora resida em outro estado, a repetição do percurso lhe permitiu observar mais profundamente aspectos ressaltantes sobre o caminho, ao passo que lhe chamou atenção para fotografar.

Outro forte aspecto levantado nas respostas é o olhar sobre a presença dos caminhantes como imagem da paisagem. Nota-se que se dá grande importância à presença do coletivo no percurso. Seja por troca de motivação, seja pela vista da linha de andarilhos nas praias, o contato com outras pessoas se mostra, mais uma vez, relevante na percepção. Se há algo que em algumas daquelas paisagens as modifica de fato durante o evento, é a presença humana, tanto no sentido de percebê-las, como no ato de intervir. Nesse sentido, Careri (2013), aborda o lado interventivo da atividade de caminhada, demonstrando como o andar a pé modifica a paisagem fisicamente, seja nos primórdios da humanidade onde a intervenção poderia ser inconsciente, ou mesmo casos da *Land Art* de Richard Long, onde já há a consciência de paisagem como anteparo para a criação artística.

Ainda sobre as interações, chama atenção o modo como alguns participantes diferenciam o acolhimento recebido nos Passos de Anchieta, o que indica que, para eles, a caminhada não seria a mesma sem as pessoas, sem o apoio. Ou seja, a solidão argumentada por Gros (2010), para os andarilhos de Anchieta talvez não proporcionasse a mesma sensação de amabilidade com os locais. Tal hipótese é levantada com a seguinte resposta, e endossada por outras de mesmo teor:

*As mesas de oferta, assim, acho que essa parte... Porque caminhar a gente pode caminhar em qualquer local; mas aqui no Espírito Santo é diferente. É puro amor! Isso é demais!* (R. 2015).

#### Por que fotografa?

*Para recordar, quando não pudermos mais caminhar, para ficar olhando as fotos e revivendo nossos sonhos. A fotografia eterniza, prende o momento no tempo, é uma forma de guardar as imagens dos lugares por onde a gente passa. A fotografia representa o tempo, representa Deus. As fotos servem para mostrar para os amigos depois, provar que a gente veio, documentar e divulgar para mais pessoas virem. A natureza é muito bonita aqui; as paisagens ficam maravilhosas.*

Não é raro que a fotografia tenha o apelo de rememoração de momentos, afinal o registro fotográfico de fato congela as luzes de uma determinada cena, seja nos antigos cristais de prata, na tinta das impressoras, ou, mais comum nos dias de hoje, nas telas de computadores e *Smartphones*. No já clássico ensaio “Sobre Fotografia”, Sontag (2004) tece uma análise crítica ao fetichismo imagético muito ligado à câmera fotográfica. Sobre a fotografia como recordação, sua maior motivação desde sua invenção, a autora a compara ao mito da caverna de Platão ao dizer que “a humanidade permanece, de forma impenitente, na caverna de Platão, ainda se regozijando, segundo seu costume ancestral, com meras imagens da verdade” (SONTAG, 2004, p. 13). Nesse sentido entende-se que o apelo imagético, ou o medo de não bastar a própria memória para relembrar os acontecimentos da vida, incidem numa idealização da fotografia como solução.

Do ponto de vista da percepção, entende-se que o ato de fotografar indica preferências sobre determinado referente. O momento das escolhas de representação, seja o enquadramento, o foco, a própria presença do autor na sua fotografia, é um processo cognitivo que depende das referências pessoais do indivíduo. A matriz perceptiva do sujeito, na qual estão compilados

dados da criação, profissão, interesses pessoais, idade, entre outros, é o ponto onde a memória trabalha para julgar esteticamente o que se pretende registrar.

Nota-se que, embora atualmente a *internet* seja o grande destino das fotografias produzidas pelos “fotógrafos do cotidiano” (GOLTARA, 2013), isso não apreze com grande relevância nas entrevistas, como principal motivo de se fotografar. Sobre isso se pode inferir que a faixa etária predominante dos participantes é um extrato da sociedade que, em sua maioria, ainda não se habituou à tais tecnologias, ou não tem interesse. Embora, ao serem questionados sobre sua interação com as redes sociais digitais, no sentido de publicar fotografias, muitos reconheçam que é um dos destinos de seus registros, a grande maioria fotografa para colecionar, o que segundo Sontag (2004) se explica no fato de que “as fotos são, de fato, experiência capturada, e a câmera é o braço ideal da consciência, em sua disposição aquisitiva.” (p. 14).

As fotografias mantêm o status de provas incontestáveis dos acontecimentos, fato que, de acordo com Kossoy (2002), é uma tradição que advém da descoberta da câmera fotográfica e a substituição ou alternância à pintura e ao desenho como representação do mundo. Desse modo, ao dizer que fotografam para mostrar para amigos e provar que cumpriram o desafio, os participantes demonstram estar cientes desse aspecto da imagem fotográfica, e indicam que sua percepção no percurso muitas vezes esteve voltada para o cumprimento da tarefa da caminhada, fazendo atenção às sinalizações de quilometragem cumprida, que aparecem tanto nas entrevistas quanto nas fotografias analisadas a seguir.

#### 4.2\_fotografias

Aquilo que sabemos que em breve já não teremos diante de nós, torna-se imagem. (BENJAMIN, 1989, p. 85).

A caminhada dos Passos de Anchieta, como já mostrado, em sua maioria percorre áreas de paisagem “natural”, e, principalmente, áreas de difícil acesso por outros meios de locomoção alternativos ao andar a pé. É também uma atividade que empreende a própria prática do caminhar como aventura, e há a religiosidade envolvida. Essas características do percurso influenciam o forte apelo turístico do evento. Os quatro dias do percurso são uma fuga do cotidiano, mesmo para aquelas pessoas que têm a caminhada como estilo de vida, e, portanto, se configuram em momentos importantes de serem documentados em fotografias. Seja pela confraternização com amigos, seja pelo deslumbre com a paisagem, seja para demonstrar a própria superação, ou para noticiar o paradeiro aos familiares, os motivos são diversos, mas a

fotografia sempre está presente, e o compartilhamento na *web* é a consequência e o destino dos registros, até mesmo uma das motivações do próprio ato de fotografar. Por meio das fotografias os participantes narram sua história da caminhada a seus "seguidores", isto é, seus interlocutores nas redes sociais digitais, ao mesmo tempo em que transportam seus momentos e sua percepção do território a outros lugares e à percepção dos seus receptores.

O ensaio de análise do discurso visual do andarilho dos Passos de Anchieta, a quarta entrada da pesquisa, se embasa na pesquisa que realizei anteriormente sobre a percepção no Convento da Penha (GOLTARA, 2013) Naquela ocasião, e em uma das entradas de pesquisa, as fotografias, extraídas da rede social digital *Foursquare*, foram analisadas individualmente de acordo com teorias baseadas principalmente em estudos de semiótica. Para aquela análise, foi selecionado um número de imagens que possibilitasse a leitura individual, dentro das limitações de uma monografia, e seus autores foram identificados e convidados a responder questionário sobre a experiência no local. Por fim as análises de texto e imagem foram confrontadas com o objetivo de investigar se as fotografias representavam, de fato, a percepção de seus autores. Como resultado, ficou evidente que, em alguns pontos, a fotografia é capaz de representar a experiência perceptiva, e em outros seriam necessários outros meios de pesquisa que complementassem a leitura imagética. Portanto, neste trabalho busco analisar as imagens dentro dos pontos em que a imagem fala por si, como, por exemplo: os símbolos escolhidos para fotografar, a escolha entre fotografar paisagem ou pessoas, ou mesmo o conjunto dos dois, o tipo de paisagem fotografada, e outros que serão apresentados ao longo desta análise.

Entretanto, buscando aproximar esta pesquisa das tecnologias mais usuais no campo de análise de imagens de redes sociais da atualidade, faço aqui a interseção entre os elementos do trabalho anterior com alguns métodos de análise de imagens em larga escala. A forma de coleta de dados escolhida para esta pesquisa permitiu o alcance rápido de um grande número de imagens. Embora não tenha a magnitude quantitativa das pesquisas da seara do *Bigdata*, que trabalham na casa dos milhares, esse acervo coletado permite uma análise que combina grandes dados com análise do discurso visual.

Portanto, esta entrada da pesquisa consiste em leituras ensaísticas dos registros coletados sobre a caminhada de 2015, postados no *Instagram* com a *hashtag* **#passosdeanchieta** contendo

todas as fotografias já publicadas no aplicativo até o dia da coleta, em 06 de julho de 2015<sup>11</sup> (**Figura 60**). O objetivo destas leituras é de avaliar, por meio das fotografias, a relação dos andarilhos com a paisagem, buscando evidenciar preferências no percurso, e, sobretudo, a forma como a paisagem é fotografada. Ao tecer esse diagnóstico, busco inferir sobre a percepção no percurso, baseando-me nas teorias que tratam a paisagem por sua representação, e a fotografia como principal fomentadora de representações paisagísticas no mundo contemporâneo.

Considerar o discurso visual das imagens postadas no *Instagram* incide também em pensar a forma como essas imagens podem ser lidas, a partir do ponto de vista do interlocutor, ou seja, os “seguidores” dos fotógrafos em sua imensa diversidade. Contudo, como já explanado, neste trabalho busca-se compreender a intenção do fotógrafo, por meio da leitura do pesquisador, com base em metodologias que tratem as imagens como um discurso coletivo, propondo uma análise quali-quantitativa dos registros

Como forma de primeira aproximação dos resultados é conveniente sistematizar alguns dados que foram importados juntamente com os registros de imagem. Um desses diz respeito à localização das postagens das fotografias, representados no **Mapa 18**. Desse modo, pode-se observar que a maioria das postagens são realizadas no próprio percurso, embora existam carregamentos em outros estados do Brasil, muito possivelmente realizados em algum momento após a chegada da viagem. No espaço do percurso nota-se uma concentração de postagens nos centros urbanos dos municípios que compõem o percurso, o que pode estar relacionado à possibilidade de ter ou não rede de dados disponível para o carregamento na *internet*. Ou também, pode-se deduzir que o caminhar na cidade expõe o andarilho a uma aura urbana, ou seja, um momento de se comunicar, de usar o aparelho celular, que está muito relacionado à vida na cidade, diferentemente dos percursos em meio à natureza, onde a concentração está mais forte no caminhar e sentir o espaço. Mas principalmente, ao se avaliar outras formas dessa pesquisa, pode-se incidir que a maior quantidade de postagens nas áreas urbanas não indica a preferências paisagísticas por estas áreas, visto que, como mostrado a seguir, são maiores as quantidades de fotografias de áreas não urbanizadas.

---

<sup>11</sup>A primeira fotografia registrada com o *#passosdeanchieta*, tem data de postagem no dia 06 de janeiro de 2013. Isso ocorre devido a uma limitação do programa Letícia que não permite recorte de datas, mas somente uma data final para a busca.

No **Mapa 18** são também notáveis as postagens nos pontos de parada e início das jornadas diárias, ou seja: Centro de Vitória, Barra do Jucu, Setiba, Meápe e Anchieta. Essas postagens indicam que, para alguns, a chegada e a partida são pontos importantes da jornada, colocando esses lugares em destaque no acervo da *hashtag* **#passosdeanchieta**.

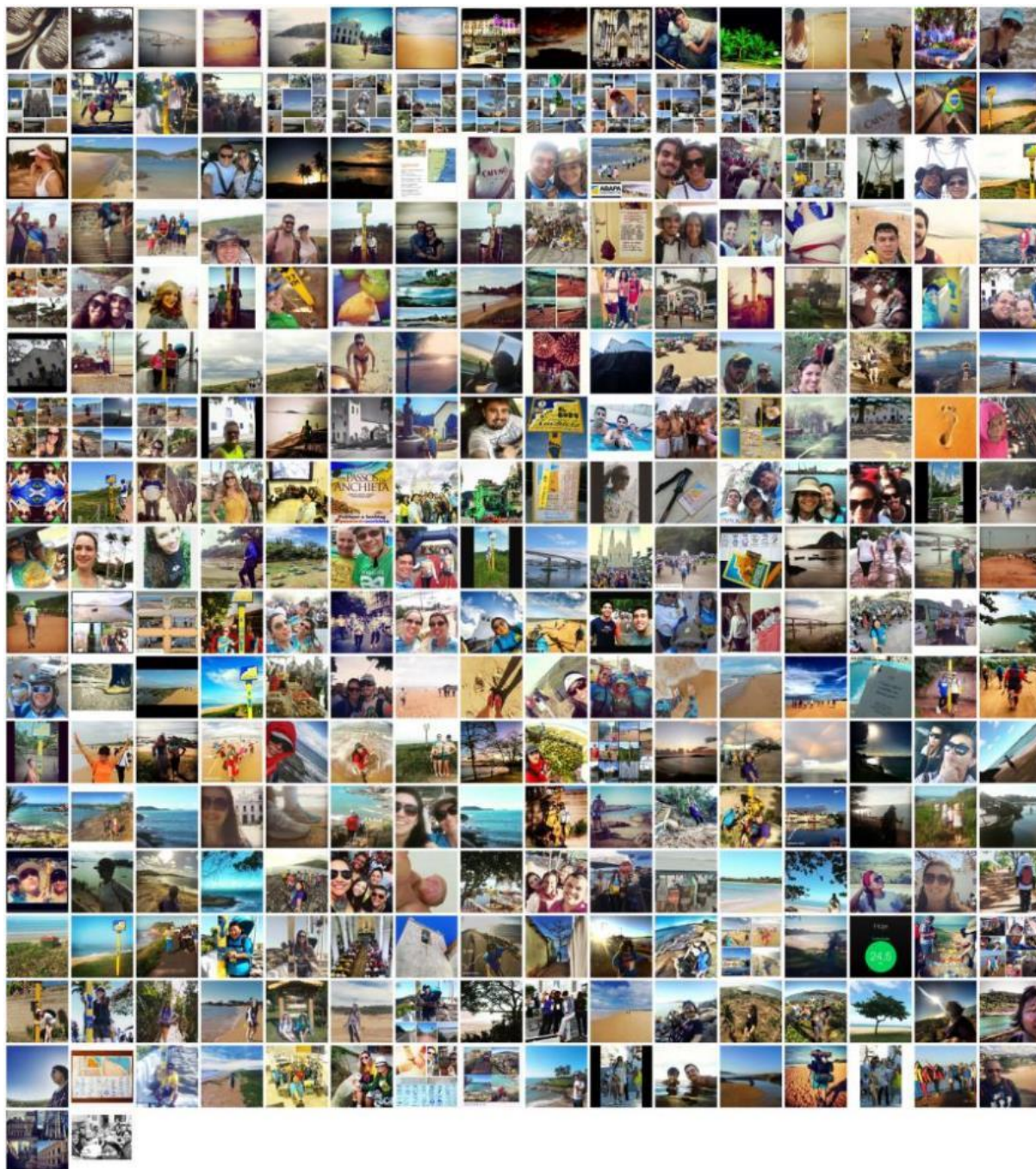
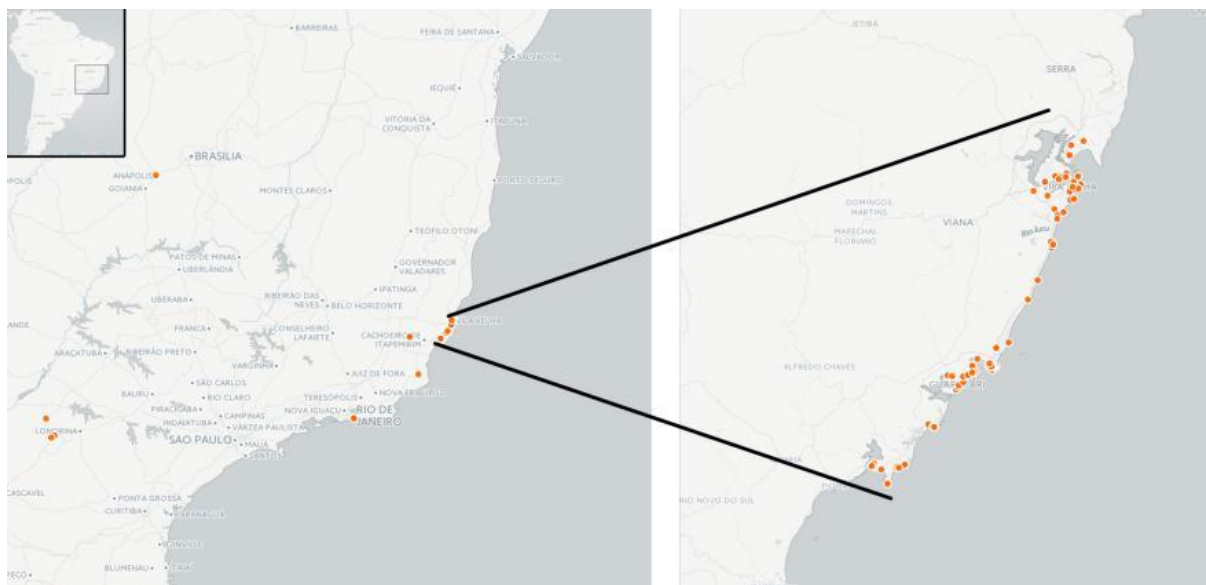


Figura 60 - Imagens coletadas do Instagram contendo **#passosdeanchieta** em 06 de julho de 2015. Fonte: imagens coletadas pelo software Letícia desenvolvido no Labic-UFES. Montagem do autor.





Mapa 18 - Mapa gerado a partir de dados de geolocalização coletados das imagens postadas com a hashtag #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.

Fonte: dados coletados com o software Letícia desenvolvido no Labic-UFES. Mapa produzido pelo autor na plataforma CartoDB online.

As curtidas, ou *likes*, nas fotografias postadas no *Instagram*, como explicado no capítulo 1, indicam o alcance daquela imagem. O ato, simbolizado por um coração, que antes está vazio e quando clicado se torna vermelho, tem uma carga representativa grande dentro da rede social. Por meio dos *likes*, o usuário tem a resposta se sua postagem tocou alguém de alguma forma, ou mesmo se alguém quer simplesmente interagir e demonstrar que está ali observando sua atividade. Os *likes* são a grande moeda de troca do *Instagram*, de modo que frases como “troco *likes*” se tornaram comuns entre os mais aficionados ao aplicativo. As fotografias podem ser curtidas por qualquer pessoa que tenha acesso à postagem, desde que o perfil seja desbloqueado. Portanto, ocorre que a utilização de algumas *hashtags* acaba por interferir no alcance final, inserindo a imagem em uma coleção que calha por ser “vigiada” por interessados no assunto que trata.

Nesse sentido, uma análise das curtidas das fotografias dos Passos de Anchieta pode indicar alguns aspectos interessantes, e para tanto tem-se a visualização da **Figura 61**, onde se observa que a maior fotografia no canto superior esquerdo tem a maior quantidade de curtidas e assim em modo decrescente até o canto inferior direito. Nessa sistematização nota-se que as fotografias mais curtidas têm forte relação com a paisagem, principalmente a primeira que aparenta ser um registro puramente paisagístico, enquanto as seguintes mesmo sendo autorretratos não perdem tal relação. Há que se relativizar o fato de que as curtidas estejam diretamente relacionadas primeiramente à quantidade de seguidores que o perfil tem na rede

social, de modo que, com mais espectadores, mais curtidas pode-se obter como resultado; em segunda instância está a utilização das *hashtags* populares que ajudam a aumentar o alcance da imagem. Contudo, entende-se que uma fotografia, para tocar alguém que a visualiza, deve lhe ser aprazível, e para os Passos de Anchieta, mais uma vez confirma-se a importância das paisagens “naturais”.



Figura 61 - Visualização das imagens coletadas do Instagram que contem #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015. As imagens estão organizadas por quantidade de curtidas em ordem decrescente do canto superior esquerdo ao inferior direito.

Fonte: dados coletados pelo software Letícia desenvolvido pelo Labic-UFES. Imagem produzida por Tasso Gasparini.

Uma leitura interessante das fotografias coletadas pode ser encontrada na produção de uma visualização que organiza todas as imagens por COR média X BRILHO médio, o que possibilita uma aproximação visual com o acervo de forma que se permitam algumas classificações (**Figura 62**). Desse modo é possível classificar dois grandes grupos de cor postados pelos caminhantes: os azuis e os amarelos, que correspondem respectivamente a fotografias que contém mais céu e mar; ou mais areia e estrada, bem como fotografias de pessoas ou selfies. Essas últimas estão presentes por todo o gráfico, o que as classifica com uma cor ou outra é o cenário que é utilizado para a representação, a não ser quando o rosto toma a maior parte da imagem, tornando a fotografia mais próxima das cores amarelas. A maior

concentração de imagens nas áreas de maior brilho se explica pelo fato de a caminhada ser feita durante o dia, o que não exclui fotografias de pôr do sol, ou mesmo noturnas, indicando que, durante os quatro dias do percurso, existe uma imersão no roteiro, como se o evento durasse de fato todo o tempo do feriado que se dedica a tal; também estão incluídas nesta parte do gráfico, fotografias que têm tarjas escuras comuns nas redes sociais, ou mesmo aquelas com baixa exposição. Desse modo tem-se uma visão sobre as preferências gerais de representação, onde a paisagem de areia, mar e céu se sobressai como assunto principal ou como cenário para autorretratos. Nota-se também poucos verdes, embora o caminho tenha grande parcela de área de restinga e mata atlântica, e quase ausência de vermelhos, o que se é explicado pelos elementos presentes na paisagem do percurso, sobretudo naturais, dos biomas locais.

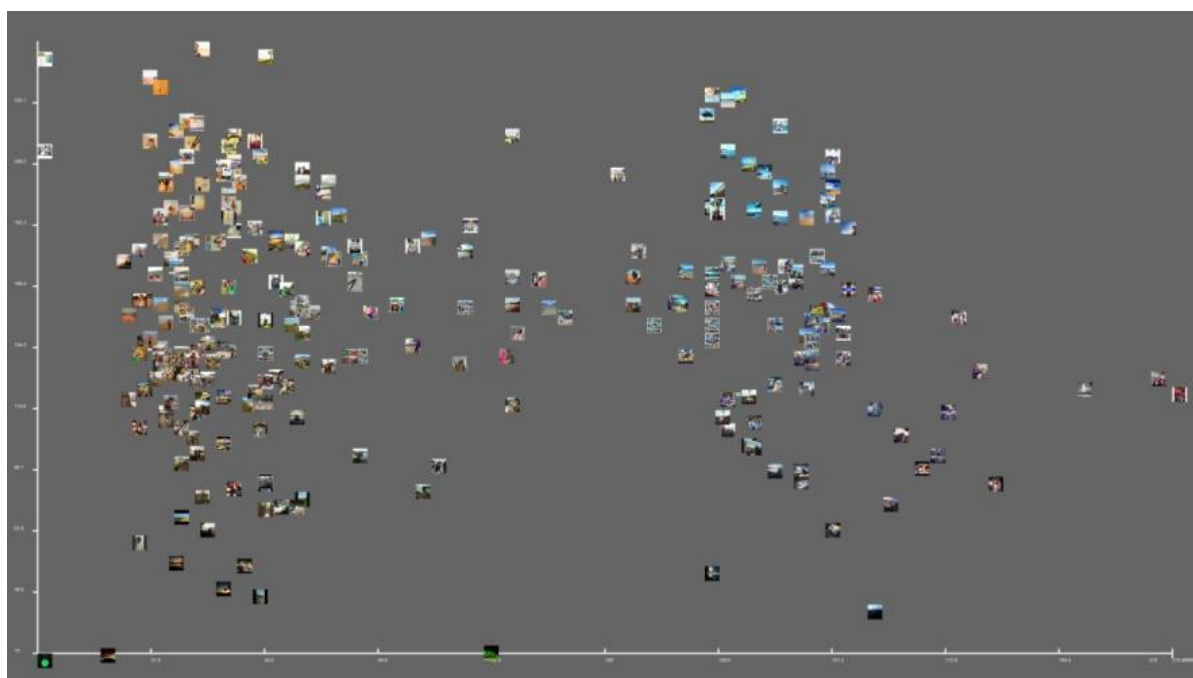


Figura 62 - Visualização das imagens coletadas do Instagram que contêm #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.

As imagens estão organizadas por COR média (x) X BRILHO médio (y).

Fonte: Dados coletados pelo software Letícia desenvolvido no Labic-UFES. Produção de Tasso Gasparini.

Aprofundando um pouco mais as análises, as fotografias, separadas por tema, demonstram quantitativamente as preferências de registro do percurso, e qualitativamente o modo como os temas são retratados. A seguir elenco sete temas que foram detectados nos registros por meio de repetição. O tema onde aparecem mais fotografias é o das *selfies* ou poses (**Figura 63**), incluindo não somente os autorretratos, mas também fotografias onde alguém está posando para a câmera.

Essas fotografias, não incomum serem maioria, são o grande apelo da câmera fotográfica há algum tempo, não sendo peculiaridade desse novo movimento fotográfico surgido no século

XXI. Para Saltz (2014) as *selfies* compreendidas como gênero, são formas de comunicação do “*where we are, what we are doing, who we think we are, and who we think is watching*”. É nesse sentido que analiso as fotografias produzidas pelos caminhantes, onde em seu conjunto entende-se que as *selfies*, nesse caso, estão mais voltadas para a primeira ideia comunicativa de Saltz: “*where we are*” e em segundo plano, porém não menos importante, “*what we are doing*”.

A **Figura 63** traz a reunião aleatória dos 154 registros classificados como *selfies* ou poses, onde claramente se percebe que, em sua maioria, as fotografias tratam de representar o autor mediante a paisagem do percurso. Essas imagens tem um discurso forte e de fácil leitura pelos interlocutores, ou seja, na rápida passagem da fotografia pelas mãos dos seguidores, entende-se facilmente que a fotografia é de algum lugar que tem praias e reservas naturais. Algumas apresentam referentes como o Convento da Penha, ou a vista que se tem de lá para a cidade de Vitória; também em grande quantidade aparecem as poses com as placas indicativas do percurso, o que diz que se está completando uma etapa da jornada. Em outra leitura, mais atenta, o interlocutor pode compreender que tipo de atividade está sendo realizada se observar as roupas, equipamentos, ou mesmo as tais placas indicativas. Desse modo o que as *selfies* tem a dizer é “estou caminhando por lugares de paisagens belas e naturais”.

E a paisagem “natural” tem seu apelo confirmado na quantidade de fotografias que as tem como tema principal. Em segundo maior número (37), porém em uma distância significativa da primeira classificação, as fotos de **paisagem natural (Figura 64)** se destacam por mostrar as características de um litoral ainda com sua natureza consideravelmente preservada. Essas fotografias têm o papel de comunicar uma beleza que se vê e se quer propagar. É como se, ao fotografar, o autor captasse e guardasse aquele local para si, e ao mostrar para seus espectadores, o fotógrafo estivesse dizendo: “vejam que lugar bonito tenho diante de mim”. Implicitamente existe o julgamento estético da paisagem que está presente no próprio ato da escolha do referente a ser representado. Nas fotografias, elencadas aleatoriamente na **Figura 64**, percebe-se o predomínio do mar. Quase sempre ao lado esquerdo do caminhante ele é presença insubstituível no percurso, e a maior marca daquelas paisagens. Seja o que estiver ao lado direito, do lado esquerdo sempre está a água.



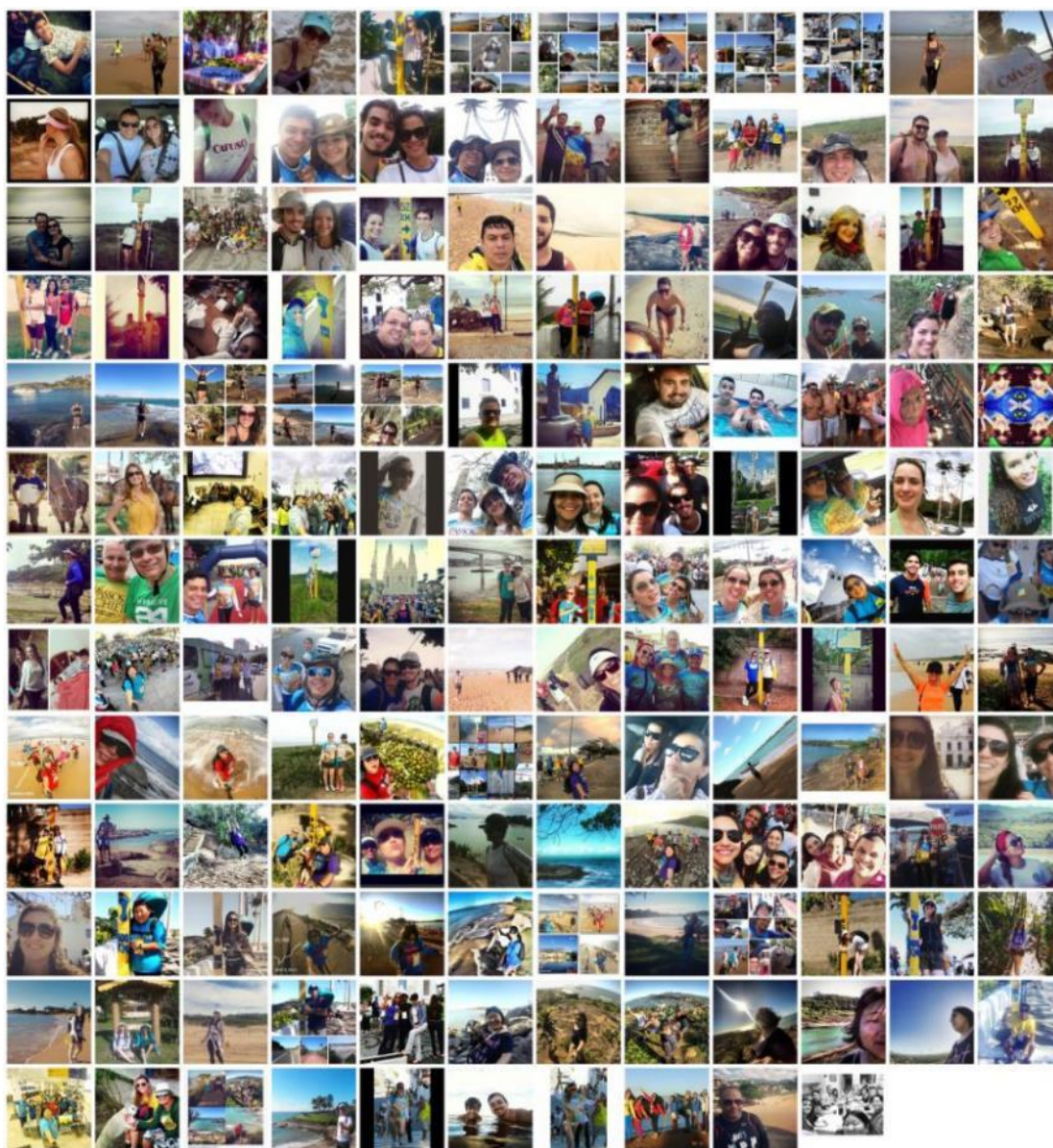


Figura 63 – Imagens que representam selfies coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.

Fonte: imagens coletadas pelo software Letícia desenvolvido no Labic-UFES. Montagem do autor.

De acordo com Porteous (2013), nem sempre o ambiente “selvagem” foi preferência de uma visão estética do mundo. Principalmente na América dos séculos XVIII e XIX, o desejo de modernização aos moldes europeus levava à negação da natureza em prol da urbanização desejada dos lugares, ou mesmo à ordenação dos espaços naturais. Essa visão passou a mudar novamente, segundo o autor, quando, dos países colonizadores, passou a jorrar pinturas Românticas, livros de viagem e poesias que exaltavam o natural. No sentido da vida cotidiana, a preferência pelo natural cresceu à medida em que as cidades passaram a não oferecer, sobretudo às classes mais elevadas, a vida tranquila e bucólica que o campo oferecia. No que

tange ao turismo, Porteous (2013), mostra um caminho sobre a característica sagrada do ambiente “selvagem”, como se somente ali fosse possível encontrar-se com o divino: uma relação que desde a Bíblia é colocada como forma de encontro com Deus.

Se for considerada uma imagem dos Passos de Anchieta até aqui, já se pode compreendê-la como uma montagem onde se vê a paisagem de mar, areia e restinga, e ao meio pessoas caminhando. A presença de pessoas é o que de fato insere a paisagem na atividade empreendida nos quatro dias, e isso é representado nas **fotografias de pessoas** (Figura 65). Esse conjunto, em terceiro lugar quantitativo (28), diz respeito a imagens de pessoas sem poses, ou seja, fotografias das pessoas caminhando à frente do autor do registro. Parece quase impossível de se fotografar o caminho sem que apareçam pessoas à frente. A escolha por publicar essas fotografias sugere uma leitura de que é um evento, um acontecimento de grande porte, é semelhante a dizer: “eu não estou sozinho nessa”. É também a composição do registro, o entendimento de que a fila de pessoas caminhando na areia da praia é o diferencial desta paisagem em movimento.

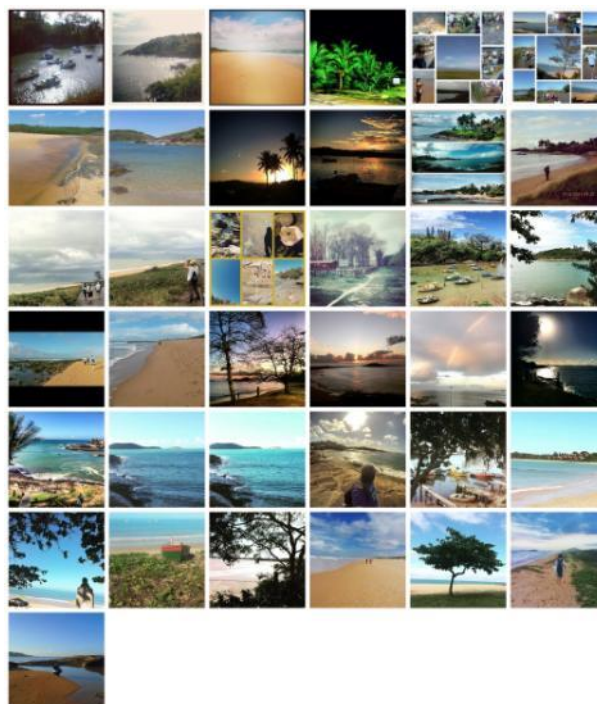


Figura 64 - Imagens que representam paisagens naturais coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.

Fonte: imagens coletadas pelo software Letícia desenvolvido no Labic-UFES. Montagem do autor.

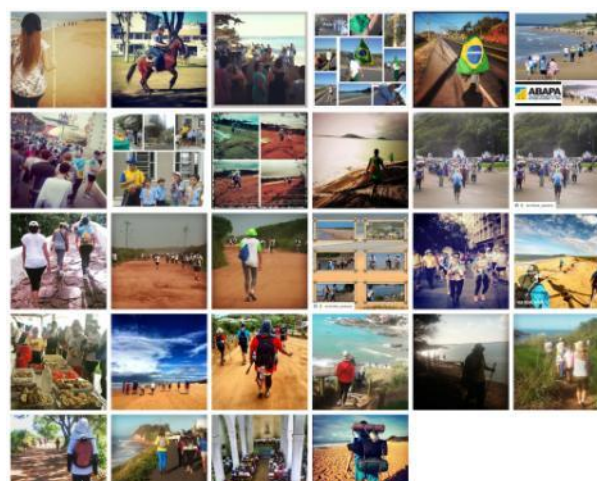


Figura 65 - imagens que representam pessoas. Coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.

Fonte: imagens coletadas pelo software Letícia desenvolvido no Labic-UFES. Montagem do autor.



Seguindo a ordem de quantidade de fotografias, em quarto lugar, com 25 imagens, está a classificação **objetos, elementos isolados e marcas (Figura 66)**.

Tal categoria elenca fotografias que tem foco principal em alguma referência ao caminho que não seja exatamente a paisagem, ou as pessoas. Desse modo, dentre estas fotografias têm destaque as imagens que representam as placas de sinalização, algumas vezes enquadradas com a paisagem, outras isoladas. Esta representação comunica a identidade visual do evento, as marcas presentes no percurso que colocam o caminhante em contato direto com o sentido principal da caminhada: Anchieta. Outro elemento importante é a credencial da caminhada

com os carimbos, indicando não somente a participação, mas também o cumprimento das atividades, como um troféu que vai aumentando de tamanho à medida em que se aproxima o final. Além dessas fotografias, outras também representam a atividade de caminhada, o que mostra que, não importa o objeto a ser fotografado, sempre há de se fazer uma referência direta à atividade.

Em seguida, as fotografias de **paisagens urbanas (Figura 67)** aparecem em menor número na quinta posição da classificação quantitativa (14). O espaço percorrido entre áreas urbanas - ou urbanizadas - e as áreas de praias naturais não tem muita diferença em dimensão geográfica. Porém, a menor quantidade de fotografias indica que a preferência pelo não usual, que nesse caso é a paisagem natural, se dá em detrimento das postagens de paisagens urbanas. Uma imagem que se repete algumas vezes nessas fotografias é a vista que se alcança da estrada que contorna o Morro do Moreno em Vila Velha, composta pela Terceira Ponte, o mar e os edifícios da Enseada do Suá em Vitória. As outras fotografias são composições até pouco fora dos padrões



Figura 66 - Imagens que representam objetos, elementos isolados e marcas. Coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.

Fonte: imagens coletadas pelo software Letícia desenvolvido no Labic-UFES. Montagem do autor.

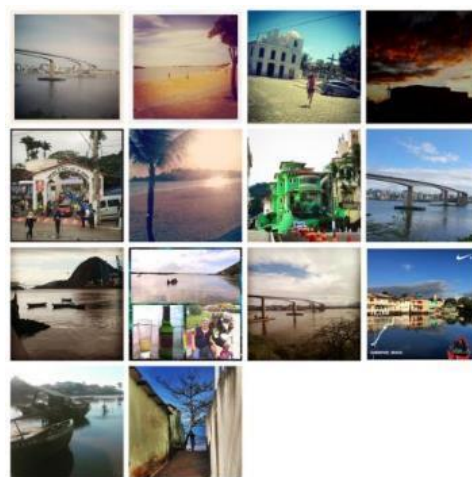


Figura 67 - Imagens que representam objetos, elementos isolados e marcas. Coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.

Fonte: imagens coletadas pelo software Letícia desenvolvido no Labic-UFES. Montagem do autor.

muito instantâneos característicos dos “fotógrafos casuais”, exibindo enquadramentos conceituais que o urbano instiga com maior frequência por sua característica dinâmica e complexa.

Em sexto lugar está a categoria **elementos arquitetônicos (Figura 68)**, que, em quantidade de imagens bastante reduzida (10), elenca fotografias de construções que se destacam ao olhar do caminhante durante o percurso. Considerando que o caminho dos Passos de Anchieta passa por alguns dos principais elementos do patrimônio histórico das cidades que compreende, nota-se pequena atenção dos andarilhos aos mesmos, e um prevalecimento das construções de cunho religioso. O elemento mais fotografado é o Santuário de Anchieta, ponto final do percurso, que além da especialidade de ser símbolo da chegada, pode ser considerado o maior símbolo arquitetônico do evento, visto que foi neste lugar onde o Padre José de Anchieta passou seus últimos momentos. O Convento da Penha e a Catedral Metropolitana de Vitória também aparecem, sendo o primeiro de fato um ponto importante no caminho. Contudo, como notado em trabalho anterior, a percepção no local do Convento, analisada por fotografias, geralmente está mais associada às vistas que se alcançam do alto, do que de fato da igreja em si. A Catedral é ponto fundamental do percurso, por ser o início, sendo dali que se dá a primeira interação com o percurso e com os outros participantes, e onde ocorre a benção dos andarilhos. E por fim o Palácio Anchieta tem seu prestígio tanto pela sua imponente arquitetura, como pela simbologia e próprio nome que se ligam ao Santo homenageado no evento.



Figura 68 - Imagens que representam o elementos arquitetônicos. Coletadas do Instagram contendo #passosdeanchieta até o dia 06 de julho de 2015.

Fonte: imagens coletadas pelo software Letícia desenvolvido no Labic-UFES. Montagem do autor.

\*\*\*

As análises expostas neste capítulo demonstram que, seja nas entrevistas, seja nas fotografias, de algum modo a paisagem é protagonista dos Passos de Anchieta sob a percepção dos andarilhos. Embora nem sempre exista a consciência nos discursos, a compreensão da natureza como sucessão de paisagens está aparente em muitos casos. A paisagem, de fato, é uma

motivação para a participação na caminhada, e sua contemplação, de certo modo, eleva a aura espiritual da percepção, fazendo com que apareça no discurso como um remédio para as dores, o cansaço, as fadigas, o tédio.

Nas fotografias analisadas fica clara a importância da paisagem. Embora nem sempre como protagonista, e servindo de cenário na fotografia, entende-se que muitas vezes a escolha do enquadramento se dá pela beleza, ou peculiaridade das paisagens. De um modo geral, nota-se a preferência pelas praias nos registros, o que poderia ser de certo modo óbvio já que o percurso em grande parte é feito no litoral. Contudo pouco se fotografou das margens das praias, ou seja, o que está do lado oposto ao mar não tem tanta relevância na percepção dos caminhantes nas análises desta pesquisa.

Paisagens e pessoas são o que mais ressaltam nessas duas entradas de pesquisa. O andarilho dos Passos de Anchieta parece buscar essas duas coisas ao se inscrever no evento. A religiosidade e o esporte, que poderiam estar relacionados à caminhada, quase não aparecem nos relatos. Diferente de uma romaria ou peregrinação, os Passos de Anchieta atraem pelo lazer. Embora tenha a origem religiosa, a caminhada parece encantar mesmo é pela contemplação e pelos encontros.

Nas entrevistas, as paisagens naturais ressaltam, e quase não há menção à urbanidade, salvo elementos isolados e que marcam a paisagem das cidades. Nas fotografias isso se repete, tanto nas *selfies*, quanto nas fotografias que tem a paisagem natural como destaque. A importância a essas paisagens é tamanha, que mesmo que estejam como plano de fundo para os autorretratos, elas têm seu protagonismo. Isto é, ao se fotografar diante de uma paisagem ou algo marcante, o autor implicitamente está informando que aquele elemento ao fundo é importante, pois deseja marcar sua presença diante daquilo.

Embora a história indique que houve modificações na ocupação, e consequentemente, na paisagem, isso não se nota nas fotografias e nas entrevistas, a não ser por um único participante que indica algumas alterações agressoras ao meio ambiente.

## 5 \_ Em busca de conclusões

As questões expostas por essa dissertação levam para um mesmo caminho: a percepção como forma de conexão e criação de um “sistema de paisagem”. Entende-se por sistema a reunião de elementos abstratos em um todo organizado. Desse modo, seria possível falar em UMA paisagem do percurso dos Passos de Anchieta? O que separa essa grande paisagem em acontecimentos, formando o sistema de paisagem? Como se diferenciam as paisagens do percurso dos Passos de Anchieta de outras paisagens?

Nesse fluxo de pensamento, estaria considerando a paisagem como um ente indivisível dado pela soma dos fatores naturais, mais as experiências humanas sobre o ambiente que são multiplicados pela percepção de cada indivíduo. Mas o que torna possível entender a paisagem como identidade de um lugar?

Não procuro respostas pragmáticas para essas questões, e sim modos de pensar a paisagem. Neste trabalho busquei pensar a paisagem por meio de acontecimentos. Inspirado pelas fotografias de pores-do-sol dos mesmos lugares, que tanto repito em minhas redes sociais, sempre pensei que, embora não mude o ângulo, o enquadramento, e muitas vezes nem o horário da fotografia, algo sempre está diferente. Pelo viés da física, poderia dizer que uma variação dos gases atmosféricos acaba por resultar em processos únicos de dispersão da luz solar, tornando cada pôr-do-sol único. Tal definição explicaria de forma visual porque a paisagem poderia ser um acontecimento, contudo colocaria a paisagem apenas como fruto da percepção visual, e ainda muito ligada a um olhar desprovido de inteligência crítica e aspectos socioculturais.

A percepção dos andarilhos revela as predileções do caminhante por alguns lugares, e a sistematização das respostas e quantificação de remissões indica que a paisagem preferida no percurso é aquela que mescla elementos naturais com ocupações à beira-mar. Em certos pontos, os andarilhos confirmam o que Tuan (1980) indica sobre a percepção do visitante, da tendência à superficialidade, no sentido de observar a paisagem puramente em seu apelo visual. As fotografias demonstram como a forma de representar a paisagem, principalmente no movimento fotográfico das redes sociais, está centrada no ego e na prova da experiência.

As frentes de pesquisa levantadas nessa dissertação, ainda que tenham seus pontos divergentes, confirmam em certo modo a paisagem como um acontecimento. Por fim, noto que não seria a

paisagem em si como um acontecimento, mas os acontecimentos que criam infinitas paisagens dentro de um mesmo ambiente. A primeira entrada, o “exercício de paisagem”, foi marcada pela experiência de perceber as paisagens por meio da caminhada. Embora tenha avaliado sobre minha visão pessoal, a observação da relação dos outros andarilhos com a paisagem permitiu concluir como o esforço físico e mental interfere no comportamento ambiental. A segunda entrada, o levantamento histórico, permitiu constatar como foi construída a paisagem do percurso por meio das ocupações, principalmente a partir da década de 1970. Analisada em conjunto com as outras entradas, permite identificar que o caminho, como é realizado hoje, tem seu principal foco atrativo na dinâmica criada entre áreas preservadas e determinadas formas de ocupação. Isso se observa visualizando as preferências paisagísticas dos andarilhos na terceira e quarta entrada, principalmente, ao notar que “paisagens naturais”, que tem acesso facilitado, como as de Guarapari, são mais visadas. A terceira entrada, a análise das entrevistas, indica que a memória afetiva com os lugares por onde se passa no caminho chama atenção pela paisagem, mas também pelas pessoas. Desse modo, o acontecimento do encontro, engendrado pela organização do evento, marca a percepção da paisagem. Já na quarta entrada, na leitura das fotografias, a maior marca é um reflexo de um novo gênero da fotografia: a *selfie*. Além de ser uma forma de exposição do ego na *internet*, os autorretratos indicam o desejo de marcar a experiência da paisagem no tempo, e a forma de fotografar é sua prova principal.

A primeira entrada de pesquisa confirmou, principalmente, que o ato de caminhar tem papel fundamental na percepção da paisagem. Embora o percurso seja dividido em quatro dias, existe um cansaço acumulado, não somente físico, mas também psicológico que faz com que à medida em que se aproxima o final, a atenção se volta somente ao final: a terminar a caminhada. Isso acontece também ao longo de cada dia de caminhada. No começo do dia, a paisagem parece conversar com o caminhante, e à medida em que se aproxima o final, a introspecção bloqueia, de certa maneira, a percepção.

Essa letargia causada pela monotonia de se por um pé à frente do outro sem interrupção, num ritmo constante, às vezes é curada por alguma coisa que se destaca, seja por uma parada de apoio da caminhada, seja por alguma conversa, ou seja pela paisagem. A paisagem no meu caminhar tanto foi responsável por me colocar em inércia perceptiva, quanto por me tirar dela. A monotonia dos edifícios em Vila Velha, o caminho sem fim das reservas ambientais, e a estrada fatigante, foram partes de um caminhar que beirava o tédio.

Contudo, alguns elementos no caminho tiveram o poder de me tirar da inércia perceptiva. Ver o final do caminho, como no caso do Morro da Concha na Barra do Jucu, foi uma experiência que marcou o primeiro dia, e fez buscar o mesmo sinal nos outros dias, embora não com muito sucesso. A transformação sonora da paisagem no segundo dia foi um ponto alto de impulso, tanto para a caminhada que eu fazia naquele momento, quanto para a caminhada de trabalho, me levando a pensar que existe ainda, um sem número de ideias de como compreender a paisagem. A vista da Lagoa de Caraís em Setiba, após três horas de um percurso entre céu, mar, areia e restinga, foi um salto emocional, que o cansaço não permitiu apreciação.

A história da evolução da paisagem no percurso indica que as maiores transformações ocorreram da década de 1970 em diante. Esse período, vivido em ditadura militar no Brasil, foi um momento de transformação da economia, um impulso que advinha do “milagre econômico” e resultava em muitas obras de infraestrutura, e seu reflexo no Espírito Santo foi na construção de estradas, pontes, e infraestrutura logística, que impulsionaram o crescimento das cidades. Com o crescimento da economia mais pessoas passaram a ter acesso ao turismo e à possibilidade de uma residência de praia, o que ocasionou nos anos que seguiram, principalmente entre as décadas 1980 e 1990, a ocupação das áreas litorâneas. É a partir da década de 1970 que ganham força os movimentos ambientalistas, e consequentemente a preocupação com o meio ambiente. Há aí um paradoxo, se notada a quantidade de áreas de restinga que foram exterminadas, um ecossistema importantíssimo para a proteção da fauna e flora nativas do litoral brasileiro.

Felizmente, ao menos nesse espaço de 100 quilômetros de extensão, ainda muita área de restinga sobrevive graças às forças populares e de ambientalistas. A Área de Proteção Ambiental de Setiba, por exemplo, a maior do estado, mantém vivo o ecossistema da restinga em conflito com os interesses da construção civil, assim como a Reserva de Jacarenema. Embora a maioria dos caminhantes não se dê conta, é graças a essas áreas de proteção ambiental, que o percurso realizado hoje tem algo em comum com aquele feito pelo Padre Anchieta. Contudo, os conflitos ainda existentes nessas áreas e as recorrentes falhas no controle da ocupação de áreas de interesse ambiental pelas administrações municipais, ainda deixam dúvidas sobre o futuro desse percurso. Até que ponto será garantida a preservação dessas e de outras possíveis áreas remanescentes da restinga? A experiência do próprio percurso, na região entre Meáipe e Ubu e de alguns outros trechos litorâneos do Espírito Santo, mostra que a



supressão da restinga em favor da construção de orlas urbanizadas é um dos fatores que causa erosão costeira, um fenômeno de custosa solução, seja financeira, seja ambiental.

À época das primeiras caminhadas dos Passos de Anchieta, a maioria das ocupações no litoral já estava estabelecida, havendo, desde então, maior adensamento. Contudo, do ponto de vista da percepção da paisagem dos andarilhos, isso não parece ser notável. De 1998 até hoje, não houve transformações como a da década de 1970, e principalmente, nada foi tão marcante como a verticalização de algumas partes das orlas de Vila Velha e Guarapari, e a construção do Porto de Ubu. As projeções futuras não são tão animadoras, visto que existe possibilidade de construção de mais portos ao longo do litoral capixaba, e outras instalações industriais e logísticas. A lógica de ocupação observada ao longo dos anos indica que alguns lugares também poderão sofrer alterações significativas no futuro, como, por exemplo, a parte da orla de Vila Velha que ainda não foi ocupada e verticalizada, indo em direção à reserva de Jacarenema. O Morro do Moreno também é uma área de atenção às ocupações, muito similar ao que aconteceu com a Aldeia da Praia em Guarapari, pondo em risco o acesso a determinadas áreas de mar.

Um ponto marcante da pesquisa são os dados que dizem respeito à Aldeia da Praia em Guarapari. Ali se contradizem a contestação do lugar com o fetichismo pelo luxo. Se por um lado uns levantam a problemática daquele condomínio fechar o acesso às praias e dificultar a passagem dos caminhantes, por outro, alguns ressaltam a beleza daquelas construções à beira-mar. Este foi o lugar onde mais notei a tomada de *selfies*, tanto com a paisagem do mar ao fundo, quanto com a das mansões que chegam até a areia da praia. Algumas ações ali amenizam o espanto pela desobediência a uma lei que no Brasil faz parte do senso comum: “praia é pública”. Em 2016, por exemplo, inaugurava-se a estrutura construída sobre a encosta rochosa à frente do condomínio para passagem dos caminhantes. Uma iniciativa inteiramente tomada pelos condôminos, as passarelas não apenas servem para facilitar o caminho, mas também para evitar que aqueles andarilhos que não conseguissem transpor os obstáculos daquele percurso, invadissem os quintais das casas para um caminhar mais fácil. O ar de contestação daquela invenção foi presente durante esta parte do percurso.

As entrevistas e fotografias ressaltaram diferenças entre percepção extraída pela memória falada e a representação imagética da experiência. O que mais ressalta aos olhos, é que nas entrevistas a paisagem tem seu protagonismo, enquanto nas fotografias o egocentrismo é mais forte. A discrepância entre a quantidade de fotografias classificadas como *selfies* ou poses para as outras, é de quase metade dos registros. Embora a maioria dessas fotografias tenham a

paisagem como cenário, o foco é no EU, e a intenção é de mostrar para os seguidores que se está diante daquela paisagem, isso quando de fato a paisagem tem espaço na fotografia. Por mais que essas fotografias possam parecer fúteis, para essa pesquisa elas apontam para algumas conclusões: 1 - a paisagem é tida como um cenário pelo senso comum; 2 - a paisagem natural é a escolha mais constante de cenário para fotografias; e 3 - algumas paisagens naturais sobressaem a outras, e, portanto, existem dados de preferência de locais nessas imagens. A região de Guarapari é o maior foco dessas fotografias. Isso está visível tanto no mapeamento dos locais de postagem e de tomada de fotografias, quanto em minha observação no caminho.

As frentes de pesquisa permitiram constatar que os Passos de Anchieta têm uma paisagem como identidade, e geralmente ela é formada por mar, areia, pessoas, céu e vegetação. Contudo é possível dissecar essa paisagem em “momentos de paisagem” no decorrer dos quatro dias. O movimento do caminhar permite que se observe uma paisagem em conexão consigo mesma, interminável. Nesse sentido evidencia-se uma relação óbvia: quanto mais se próxima o horizonte, mais distante ele está. E assim é formado um “sistema de paisagens” que, geralmente, não se destacam umas das outras abruptamente, mas numa transição cuja velocidade é a do caminhar. E é o caminhar que relaciona esses “momentos de paisagem” formando o “sistema de paisagem”, que, ao final, embora tenha uma imagem mais relevante, pode ser dissecado em acontecimentos menores.

Dizer que há uma paisagem dos Passos de Anchieta, ou várias paisagens, é uma questão de escala e de percepção. É possível resumir esses “momentos” a somente uma paisagem, como é possível dissecá-los em infinitos acontecimentos. Ainda assim essa é uma visão, que mesmo corroborada com as opiniões e fotografias dos andarilhos, é pessoal. A produção deste trabalho mostra como a personalidade é importante para o entendimento da paisagem, seja na análise epistemológica, seja na sua observação em campo. Desse modo além dos “momentos” que descrevo e poderia descrever tantos outros, para cada um existem tantos “momentos de paisagem” distintos, a depender da percepção.

Por fim, destaco que essas compreensões indicam conclusões sobre esse trecho de litoral que tem futuro incerto. O que está preservado deve ser mantido, mas como garanti-lo? É importante não permitir que o fetichismo pelas paisagens paradisíacas atraia os olhares do mercado e surjam novas Aldeias da Praia. Inclusive existem meios de se desprivatizar essas praias, melhorando seu acesso, por exemplo. É importante que as orlas urbanas tenham seus gabaritos controlados para não existirem novas Praias da Costa, Itapoã, Itaparica e Praia do Morro, com

seus paredões de edifícios que cobrem o sol da areia. É importante também, que ao se discutir os empreendimentos logísticos litorâneos, além do impacto ambiental, seja considerado o impacto na paisagem, tanto do seu entorno quanto da área de influência.

Durante todo o percurso do trabalho, uma das maiores dúvidas foi em como definir a caminhada. Embora fiquem na memória os acontecimentos do percurso, ainda mais gratificante era a sensação de tarefa cumprida ao final de cada dia, e principalmente ao fim do último dia. Uma tarefa que foi dada por mim mesmo, assim como cada um daqueles que caminhavam se deram a esse desafio. E, de fato, a paisagem é o que fica marcado. O cansaço, por mais que venha sempre à mente quando penso na caminhada, é consequência. O troféu de chegada é a paisagem. E assim o é de tal modo, que muito mais valeram os carimbos com símbolos paisagísticos e culturais de cada lugar que passei, e as fotografias que tomei, do que um certificado escrito da conclusão do percurso.

## **Referências bibliográficas**

- ABAPA. **Passos de Anchieta: Uma trilha de sucesso**. [201?]. Disponível em: <<http://www.abapa.org.br/interna.php?pg=ospassos>> Acessado em 04 de outubro de 2016.
- BARTALINI, Vladimir. A paisagem vivenciada. **Oculum Ensaios**, n. 4, 2012.
- BATISTA, João. Entrevista cedida a Giovani Goltara. Anchieta, jun. 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas vol. III. Tradução: José Carlos Martins Barbosa & Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BESSE, Jean-Marc. **O Gosto do Mundo**: exercícios de paisagem. Trad.: Annie Cambe. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006. ix, 108 p.
- BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. **Anchieta e a obra jesuítica no Espírito Santo**. Vitória, ES: EDIT, 1999. 79p.
- CARDOSO, Rafael Said Bhering. **Transformação da paisagem: os sambaquis e a relação com o patrimônio arqueológico no município de Guarapari-ES no período 1984-2011**. 2016. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como atividade estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CONDE, Walter. Catraieiros de Vitória fazem acordo com a Codesa e não voltam mais a fazer transporte de passageiros. **Vitória News**. Vitória, 2016. Disponível em <<http://www.vitorianews.com.br/geral/noticia/2016/01/catraieiros-de-vitoria-fazem-acordo-com-a-codesa-e-nao-voltam-mais-a-fazer-transporte-de-passageiros-68789.html>> (Acessado em 08 de fevereiro de 2017).
- CONVENTO DA PENHA, Santuário do perdão e da graça. **454 anos de história**. Vila Velha. Disponível em <<http://conventodapenha.org.br/historico>>. Acessado em 22 de fevereiro de 2017.
- COSTA, L. B. B. A. **Passos de Anchieta**: a arte de caminhar com fé no Espírito Santo. 2009. 156 p. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009. Meio digital.
- DIAS, Fabiano Vieira. **O pátio jesuítico no Palácio Anchieta**: narrativas tipo-morfológicas e paisagísticas na cidade de Vitória (ES). 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo.
- ESPINDULA, Lidiane. **Perdas, Ganhos e Permanências na Paisagem da Enseada do Suá, Vitória-es**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo.
- ESPÍRITO SANTO (estado). Secretaria de Estado da cultura. **Arquitetura: patrimônio cultural do Espírito Santo**. Vitória: SECULT, 2009.
- FERRARA, Lucrécia D.'Aléssio. **Olhar periférico**: informação, linguagem, percepção ambiental. Edusp, 1993.
- FREITAS, José Francisco Bernardino. Aterros e decisões políticas no município de Vitória: efeito cascata. **Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, v. 8, n. 4, 2012.

GAZETA ONLINE. Cidade de Pedra: a ilha que cresceu sobre o mar. **Especiais**. 2016. Disponível em <<http://especiais.gazetaonline.com.br/aterro/>> Acessado em 22 de fevereiro de 2017.

GOLTARA, Giovani Bonadiman. **Paisagem fotografada: uma análise perceptiva do Convento da Penha**. Projeto de graduação - Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Vitória, 2013.

GOLTARA, Giovani Bonadiman; MENDONÇA, Eneida Maria Souza. O emprego da fotografia como método de análise da transformação da paisagem-o caso de Anchieta. **Paisagem e Ambiente**, n. 36, p. 119-136, 2016.

GOVEIA, Fábio Gomes. **Cartões-postais de Vitória: vistas de uma cidade invisível**. Tese (Doutorado em comunicação e Cultura), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <[http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/doutorado/teses\\_2011.html#3](http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/doutorado/teses_2011.html#3)>. (Acessado em 20 de novembro de 2015)

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, p. 177-187, 2010.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 89-98, 2002.

HESSE, Hermann. **Il viandante**. Milão: Mondadori, 1993.

HOLZ, Ingrid Herzog. **Urbanização e Impactos sobre Áreas de Preservação Permanente: o caso do Rio Jucú-ES**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo.

IEMA [1]. **APA de Setiba**. 201?. Disponível em <<http://www.meioambiente.es.gov.br/default.asp?pagina=16708>> Acessado em 22 de fevereiro de 2017.

IEMA [2]. **Parque Estadual Paulo César Vinha**. 201?. Disponível em <<http://www.meioambiente.es.gov.br/default.asp?pagina=16712>> Acessado em 22 de fevereiro de 2017.

INGOLD, Tim. **Being alive: Essays on movement, knowledge and description**. Taylor & Francis, 2011

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. Psychology Press, 2000.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê, 2002.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa; desdobramentos**. Educs, 2003.

LEMONS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. **Information media**, 2007.

MACEDO, Inara Novaes. **Entre rios, praias e planetas: travessias do congo da Barra do Jucu**. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo.

MATTOS, Sônia Missagia. **A Aldeia de Iritituba: atual cidade de Anchieta no Espírito Santo**. Habitus, v. 7, n. 1, 2009.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza e GOLTARA, Giovani. Transformação do uso do solo e conflito no litoral de Anchieta-ES. In: **XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, 2012, Porto Alegre.

MOREAU, Filipe Eduardo. **Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta**. Annablume, 2003.

PORTEOUS, J. Douglas. **Environmental aesthetics: Ideas, politics and planning**. Routledge, 2013.

R. Entrevista cedida a Giovani Goltara. Anchieta, jun. 2015.

ROCHA, Levy Curcio da. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. 3. ed. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. 283 p. (Coleção Canaã; 7).

ROGER, Alain. La naissancedupaysageenoccident, in SALGUEIRO, Heliana A. (ed.) – **Paisagem e Arte**, São Paulo, CBHA, 2000. (Traduzido por Vladimir Bartalini).

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e geografia. **Finisterra**, v. 36, n. 72, 2001.

SALTZ, Jerry. Art at arm's length: A history of the selfie. **New York Magazine**, v. 47, n. 2, p. 71-75, 20

SANTAELLA, Lúcia. Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas. **RevistaFamecos**, v. 15, n. 35, p. 95-101, 2008.

SCHARF, Aaron. **Art and Photography**. Baltimore: Penguin, 1974. 397 p. Eng.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Editora Companhia das Letras, 2004.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo, SP: Ed. Senac São Paulo, 2010

STRAUS, Erwin. **Le sensdessens. Contribution à l'étudedesfondements de lapsychologie**. Trad. do original alemão por G Thines e J-P. Legrand. Genoble: JérômeMillon, 2000 (orig.: Berlim, 1935). (capítulo 7 traduzido por Vladimir Bartalini).

TORRES, Marcos Alberto; KOZEL, Salete. Paisagens Sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 20, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Difel, 1980.

VILA VELHA (Prefeitura Municipal PMVV). **Plano Diretor Municipal**. 2007. Disponível em <<http://www.vilavelha.es.gov.br/legislacao/Arquivo/Documents/legislacao/html/L45752007.html>> Acessado em 22 de fevereiro de 2017.



## Anexos

**Anexo 1** – Exemplo de tabela com respostas às entrevistas cedidas ao autor em junho de 2015.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
	nome	idade	Origem	profissão/ ocupação	primeira vez?	o que mais gostou até agora?	sempre fotografa?	por que fotografia?	O que mais chamou atenção para fotografar?	postei na internet?/na sua rede social pra compartilhar?	Não hora ou depois?/posta na hora?	como seleciona?
1	13	Tânia	56	Belo Horizonte	Empresária	2 <sup>a</sup>	sim	Ah eu curto, não sei se a gente vai ter mais tempo de ver isso por causa da idade, eu curto também a natureza de mais.	A vegetação é incrível, a vegetação é muito bacana, tem muitas plantas nativas, você pode estar curtindo, os caçtos, tem a pimentinha acreita que eu achei linda, e que inclusive o pessoal colhe nessa época, eu não sabia pra vender.	Posto	Depois por que meu celular estava com outra pessoa na frente, mas eu posto sim.	Ah, eu vou mandando bala nem eschoho, vai rolando.
2	14	Rosinêlia	57	Barra do Jucu	Secretária do lar	10 <sup>a</sup>	Fotografo		Fotografamos bastante coisa.	uso	depois	Eu seleciono as mais bonitas.
3	15	Edson Gaspar	53	Carlaíola	banário	9 <sup>a</sup> vez	Sempre, sempre,		A paisagem muito bonita, o caminho muito bonito.	Sim, Facebook.		A gente escolhe as melhores fotos e posta.
4	16	Rosimeire Matos	54	Itabirito, MG	Do lar.	1 <sup>a</sup>	não					
5						Tudo. Achei assim, excelente, muito bom, muito.						
6	17	Janine	27	Vila Velha	Cabeleireira	3 <sup>a</sup>	Sempre, tem que fotografar.	Pra guardar de lembrança, pra mostrar pro amigos: "olha aqui, estou provando que eu fui" entendeu? Pode ser isso.	As placas indicando o caminho que a gente chega, saber "Quantos quilômetros faltam."	Sim, Facebook.	Quando tem na hora os gilas a gente coloca na hora, mas quando não tem quando coloca logo depois lá, faz os álbuns e joga na rede social.	Mão, eu não escolho não. Eu jogo tudo, por que eu quero que todo mundo veja por onde eu passei, por que eu tiro cada momento a foto e eu quero que todo mundo tenha o mesmo momento que eu ali.
7	18	Rita	45	Vila Velha	Autônoma	1 <sup>a</sup>	Mão sou de fotografar, eu gosto de curtir só a paisagem então eu não fotografei nada.					
8	19	Saulo José Fernandes	52	Venda Nova do Imigrante.	autônomo	5 <sup>a</sup>	Sempre	Por que é bom você guardar a recordação de coisas que passa, porque você precisa lembrar das imagens assim, relembra às vezes, depois de dez anos olhar aquela imagem naquele momento eu gosto de ter essas imagens.	Só a natureza.	Facebook, whatsapp.	Mão, quando chega em casa.	As melhores fotos, os melhores companheiros na hora da foto, o grupo que você vai angri.
9	20	Manuela	34	Anchieta	Analista	1 <sup>a</sup>	Gosto de fotografar.		O Convento da Penha, achei lindo. A vista da Ponte também, achei muito bonito, a praia também tava muito bonita, hoje em especial com os tapetes lá, estava muito bonito e essa chegada aqui também estava muito legal.	Pra postar fotos nem sempre, mais quando alguém pede pra ver alguma coisa eu posto.		Eu escolho assim, por exemplo, os Passos de Anchieta, amigos meus "ah, posta as fotos!" aí eu escolho algumas e posto assim, pra ver como que é o processo como que é a caminhada. E mais ou menos assim.
10	21	Igor	33	Carlaíola, morando em	Médico	1 <sup>a</sup>	sim	Pra guardar, recordação.	A parte da paisagem, e nós, as pessoas.	Não, dificilmente.		
11	22	Eliane	63	Viçória	Secretária	14 <sup>a</sup>	Não, não boto uma foto. Trago o celular			Uso, Facebook, a		